



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELISANDRA CÁTIA PAGLIARI

**FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS EM LIVROS DE LITERATURA PARA CRIANÇAS:
AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Erechim
2015

ELISANDRA CÁTIA PAGLIARI

**FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS EM LIVROS DE LITERATURA PARA CRIANÇAS:
AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciado em Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.**

**Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de
Carvalho**

**Erechim
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rodovia ERS, Km 72, nº 200

Caixa Postal: 764

CEP: 99700-970

Erechim - RS

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Pagliari, Elisandra Cátia

Famílias homoparentais em livros de literatura para crianças: as novas configurações familiares na Educação Infantil/ Elisandra Cátia Pagliari. -- 2015.

119 f.:il.

Orientador: Rodrigo Saballa de Carvalho.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pedagogia , Erechim, RS , 2015.

1. Famílias Homoparentais. 2. Educação Infantil. 3. Literatura Infantil. I. Carvalho, Rodrigo Saballa de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ELISANDRA CÁTIA PAGLIARI

**FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS EM LIVROS DE LITERATURA PARA CRIANÇAS:
AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Aprovado em: 02/12/2015

BANCA EXAMINADORA

Rodrigo Saballa de Carvalho

Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho – (PPGICH – UFFS)

Silvania Regina Pellenz Irgang

Profª Me. Silvania Regina Pellenz Irgang – (UFFS)

Rosane Fátima Vasques

Profª Me. Rosane Fátima Vasques (15 CRE)

Dedico este trabalho aos meus pais que não mediram esforços para tornar este sonho possível, principalmente por ser a primeira dos três filhos a conquistar um diploma no Ensino Superior.

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial, meu companheiro Fábio, minha mãe Teresinha e meu pai Valdecir, minha sogra Clarice, pela compreensão e apoio incondicional dispensado a mim, durante todos estes anos de caminhada acadêmica.

A Deus por ser essencial em minha vida e me permitir mais essa conquista através de sua proteção e bênçãos.

Dedico especial agradecimento ao meu orientador Rodrigo, pela dedicação e partilha de saberes. Pelas orientações, cobranças e incentivo. Por me desafiar a mostrar meu potencial e acreditar mais em mim. Por fornecer todos os materiais necessários para a realização dessa pesquisa e por estar sempre disponível para esclarecer minhas indagações.

Aos meus irmãos Elisandro e Éderson pelo apoio, carinho e incentivo.

Aos amigos e amigas, por compreenderem minha ausência e mandarem sempre boas energias para que eu pudesse atingir meus objetivos.

As colegas de aula, com as quais pude compartilhar momentos de muitas alegrias, conquistas, aprendizados e dificuldades.

Aos meus chefes e colegas de trabalho que me incentivaram a prosseguir nos momentos que pensei em desistir e compreenderam as minhas ausências.

A todos os professores que foram imprescindíveis em minha formação acadêmica.

“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.”

Albert Einstein

RESUMO

A presente pesquisa, a partir das contribuições dos Estudos de Gênero e da Literatura Infantil, tem como objetivo apresentar a importância de serem abordadas as novas configurações familiares na Educação Infantil. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar como são veiculadas as representações de famílias homoparentais em dez livros de literatura para crianças. Desse modo, o corpus de análise é composto por: 1) *Olívia tem dois papais* (LEITE, 2010); 2) *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)* (BACELAR, 2008); 3) *Meus Dois Pais* (CARRASCO, 2010); 4) *O Livro da família* (PARR, 2003); 5) *É tudo família* (MAXEINER, 2013); 6) *O grande e maravilhoso livro das Famílias* (HOFFMAN; ASQUITH, 2011); 7) *Bem – Vindo à Família* (HOFFMAN; ASQUITH, 2014); 8) *Eu tenho duas mães* (MARTELLI, 2010); 9) *And Tango makes three* (RICHARDSON; PARNELL, 2005); 10) *King & King & Family* (HAAN; NIJLAND, 2004). Desse modo, para análise das representações das famílias homoparentais nas obras que compõem o corpus de análise, apresento cinco categorias: 1) Diferentes configurações familiares; 2) Adoção; 3) Relações de afeto entre as famílias e as crianças; 4) Relações de afeto entre os casais; 5) Preconceito e Discriminação. Sugiro também, algumas proposições de trabalho sobre gênero e as novas configurações familiares utilizando obras literárias como aliado do trabalho pedagógico com crianças na Educação Infantil. Os resultados obtidos possibilitam a percepção de que a forma como as famílias homoparentais estão sendo representadas nos livros de literatura infantil são bem interessantes e abrangentes no sentido de que trazem elementos e situações que aproximam as crianças das diferentes realidades familiares existentes em nosso contexto social. Além disso, os textos e imagens são bem elucidativos para que as crianças reflitam sobre o assunto, sobre suas identidades e atitudes. Desse modo, utilizar a literatura como ferramenta pedagógica para se trabalhar a temática das novas configurações familiares na Educação Infantil é propiciar às crianças uma aprendizagem significativa, na qual as diferenças sejam respeitadas e compreendidas com naturalidade.

Palavras - chave: Famílias Homoparentais. Educação Infantil. Literatura Infantil.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: PESQUISA BIBLIOGRÁFICA EM LIVROS	46
TABELA 2: ARTIGOS	49
TABELA 3: DISSERTAÇÕES.....	52
TABELA 4: TESES.....	53
TABELA 5: DOCUMENTÁRIOS	53
TABELA 6: DADOS OBRA 1.....	66
TABELA 7: DADOS OBRA 2.....	66
TABELA 8: DADOS OBRA 3.....	67
TABELA 9: DADOS OBRA 4.....	67
TABELA 10: DADOS OBRA 5.....	68
TABELA 11: DADOS OBRA 6.....	68
TABELA 12: DADOS OBRA 7.....	68
TABELA 13: DADOS OBRA 8.....	69
TABELA 14: DADOS OBRA 9.....	69
TABELA 15: DADOS OBRA 10.....	70

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: OLIVIA E SEUS DOIS PAIS - TALINE SCHUBACH	14
FIGURA 2: FAMÍLIA NO SÉCULO XXI – O NOVO MODELO	21
FIGURA 3: RIGHT 2 LOVE (DOCUMENTAL)	26
FIGURA 4: BEIJO ENTRE ESTELA E TERESA NA NOVELA BABILÔNIA DA REDE GLOBO.....	28
FIGURA 5: LUIS CONTA AOS FILHOS QUE É FRUTO DE UM CASAMENTO GAY.....	29
FIGURA 6: SEMPRE POR PERTO DE ANNA CLAUDIA RAMOS (2006)	35
FIGURA 7: MENINO AMA MENINO DE MARILENE GODINHO (2000).....	36
FIGURA 8: O GATO QUE GOSTAVA DE CENOURA DE RUBENS ALVES (1999)	36
FIGURA 9: O MENINO QUE GOSTAVA DE SER DE GEORGINA DA COSTA MARTINS (2008).....	37
FIGURA 10: CAPA DO LIVRO OLÍVIA TEM DOIS PAPAIS DE MÁRCIA LEITE	54
FIGURA 11: CAPA DO LIVRO O LIVRO DO PEDRO DE MANUELA BACELAR.....	55
FIGURA 12: CAPA DO LIVRO KING & KING & FAMILY DE LINDA DE HAAN E STERN NIJLAND ..	56
FIGURA 13: CAPA DO LIVRO MEUS DOIS PAIS DE WALCYR CARRASCO	57
FIGURA 14: CAPA DO LIVRO O LIVRO DA FAMÍLIA DE TODD PARR	58
FIGURA 15: CAPA DO LIVRO AND TANGO MAKES THREE DE JUSTIN RICHARDSON E PETER PARNELL	59
FIGURA 16: CAPA DO LIVRO É TUDO FAMÍLIA DE ALEXANDRA MAXEINER	60
FIGURA 17: CAPA DO LIVRO O GRANDE E MARAVILHOSO LIVRO DAS FAMÍLIAS DE MARY HOFFMAN E ROS ASQUITH.....	61
FIGURA 18: CAPA DO LIVRO BEM – VINDO À FAMÍLIA DE MARY HOFFMAN E ROS ASQUITH....	62
FIGURA 19: CAPA DO LIVRO EU TENHO DUAS MÃES DE MÁRCIO MARTELLI.....	63
FIGURA 20: DIFERENÇAS ENTRE AS LITERATURAS TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEAS (P. 19) .	65
FIGURA 21: FAMÍLIA TRADICIONAL	73

FIGURA 22: ILUSTRAÇÃO PRESENTE NA HISTÓRIA BEM - VINDO À FAMÍLIA	74
FIGURA 23: ILUSTRAÇÃO PRESENTE NA HISTÓRIA BEM - VINDO À FAMÍLIA (P. 22)	75
FIGURA 24: ILUSTRAÇÃO PRESENTE NA HISTÓRIA É TUDO FAMÍLIA	75
FIGURA 25: ILUSTRAÇÃO PRESENTE NA HISTÓRIA O LIVRO DO PEDRO (MARIA DOS 7 AOS 8)....	76
FIGURA 26: ILUSTRAÇÃO PRESENTE NA HISTÓRIA O GRANDE E MARAVILHOSO LIVRO DAS FAMÍLIAS.....	76
FIGURA 27: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO AND TANGO MAKES THREE (P. 13)	78
FIGURA 28: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO KING & KING & FAMILY (P. 24)	79
FIGURA 29: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO KING & KING & FAMILY (P. 30)	80
FIGURA 30: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO OLÍVIA TEM DOIS PAPAIS (P. 17)	80
FIGURA 31: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO EU TENHO DUAS MÃES (P. 4)	81
FIGURA 32: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO O LIVRO DA FAMÍLIA	82
FIGURA 33: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO BEM – VINDO À FAMÍLIA! (P. 10)	84
FIGURA 34: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO O LIVRO DO PEDRO(MARIA DOS 7 AOS 8) (P. 18)	85
FIGURA 35: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO OLÍVIA TEM DOIS PAPAIS (P. 16-17)	86
FIGURA 36: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO O LIVRO DO PEDRO (MARIA DOS 7 AOS 8) (P. 24)	86
FIGURA 37: ILUSTRAÇÃO DO MOMENTO DA REFEIÇÃO PRESENTE NA HISTÓRIA	87
FIGURA 38: ILUSTRAÇÃO DO MOMENTO DA REFEIÇÃO PRESENTE NA HISTÓRIA	88
FIGURA 39: ILUSTRAÇÃO DE MOMENTO DE AFETO ENTRE OS PAIS DE NALDO.....	89
FIGURA 40: ILUSTRAÇÃO DOS MOMENTOS DE AFETO ENTRE ROY E SILO.....	90
FIGURA 41: ILUSTRAÇÃO DO LIVRO MEUS DOIS PAIS (P. 35).....	92

SUMÁRIO

1	FAMÍLIA(S): ABRINDO O DIÁLOGO.....	14
2	EMBASAMENTO TEÓRICO.....	21
2.1	A HISTÓRIA DA FAMÍLIA	21
2.2	AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA MÍDIA: UM DEBATE NECESSÁRIO	26
2.3	PROBLEMATIZANDO O ESTATUTO DA FAMÍLIA	30
2.4	AS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS NA LITERATURA INFANTIL	34
2.5	O “POLITICAMENTE CORRETO” NA LITERATURA INFANTIL	39
2.6	A IMPORTÂNCIA DE SEREM ABORDADAS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	43
3	METODOLOGIA	46
3.1	CAMINHOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA.....	46
3.2	ABRINDO OS LIVROS	54
3.3	LENDO TEXTOS E IMAGENS: HISTÓRIAS QUE OS LIVROS NOS CONTAM.....	63
3.4	AFINAL, O QUE AS HISTÓRIAS NOS APRESENTAM?.....	71
3.4.1	DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES	72
3.4.2	ADOÇÃO.....	77
3.4.3	RELAÇÕES DE AFETO ENTRE AS FAMÍLIAS E AS CRIANÇAS	83
3.4.4	RELAÇÕES DE AFETO ENTRE OS CASAIS.....	88
3.4.5	PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES.....	91
4	PROPOSIÇÕES DE TRABALHO: TRAÇANDO CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA	95
4.1	INICIANDO O DIÁLOGO: CONCEITO DE GÊNERO E AS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO.....	96
4.2	REFLETINDO SOBRE AS DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS.....	106

5	FINALIZANDO A CONVERSA	112
6	REFERÊNCIAS	114
7	MATERIAL DE ANÁLISE.....	119

1 FAMÍLIA(S): ABRINDO O DIÁLOGO

Art. 2º - Para os fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (Projeto de Lei n.6583/2013 - Estatuto da Família).

Figura 1: Olivia e seus dois pais - Taline Schubach¹



Fonte: LEITE (2010).

Falar das novas configurações familiares significa um grande desafio, pois o que se entende por família hoje faz parte de uma construção histórica e social impregnada de valores e contradições que influenciam modelos de ordem hegemônica até os dias atuais.

Diariamente, ouvimos falar que a família está acabando, entretanto, não percebemos que o conceito atual de família precisa ser revisto devido às mudanças que a contemporaneidade nos apresenta. Observe a ilustração do livro *Olívia tem dois papais* de Márcia Leite. Qual a primeira leitura que você faz dela? Múltiplas observações poderão ser realizadas, porém poucos concluiriam que se trata de uma família, já que a representação usual nas pedagogias culturais (livros, revistas, televisão, etc.) é uma formação composta por um homem (pai), uma mulher (mãe) e filhos(as), como está estabelecido no controverso Projeto de Lei do Estatuto da Família, Artigo 2º do Projeto de Lei n. 6583/2013 exposto na

¹Ilustração presente na obra: LEITE, M. **Olívia Tem Dois Papais**. Ilustrações Taline Schubach. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

abertura do texto. Desse modo, cabe a pergunta: existe somente um tipo de configuração familiar?

Contemporaneamente, a versão idealizada de núcleo familiar estável torna-se ultrapassada à medida que surgem novas e variadas configurações familiares, cada uma com suas particularidades. Dessa forma, não são laços sanguíneos ou uma determinada cultura que define ou não o que é uma família.

Para além da mera conceituação proposta pelo respectivo projeto de lei, a palavra família entre outras tantas compreensões, envolve sentimentos, desejos e relações entre pessoas diferentes, porém com objetivos e sonhos semelhantes que buscam a felicidade, cada um a sua maneira, seja formando famílias convencionais ou não. Nesse sentido, Moraes (2012, p. 2) afirma que “pensar sobre a família é pensar que esta é fruto de relações sociais presentes em diferentes culturas, e acompanha interesses e necessidades de determinados momentos”.

É através do destaque de Moraes (2012), sobre a definição da palavra família, que pretendo levantar alguns questionamentos sobre a imagem acima. Ao analisar a mesma, de que modo essa imagem pode provocar uma discussão no âmbito da Educação Infantil? É comum esse tipo de imagem em livros de literatura infantil?

Sem dúvida, mesmo que esse tipo de imagem ainda não seja tão comum em obras literárias, a partir de imagens de famílias homoparentais, pode ser realizada uma série de reflexões não somente com os adultos, mas também com as crianças na Educação Infantil.

No Brasil, ainda são muito recentes publicações que focam na temática da homoparentalidade na literatura para crianças, pois ainda existe muito preconceito. Por outro lado, podemos dizer que, dentre as formas de reflexão que podem ser realizadas através da literatura (visual e verbal), está a problematização com as crianças das seguintes questões: Qual é a importância da família? O que elas visualizam na imagem? Como é a família de cada uma? Como as famílias eram constituídas há anos atrás e como é hoje? Existe certo ou errado na forma como as famílias se configuram? Enfim, dessa forma, segundo Murce Filho (2013, p. 47) “a literatura para crianças oferece aos jovens oportunidades para reavaliarem as inter-relações, a cultura e as estruturas de poder”.

Desse modo, se o mundo vive em constantes transformações sociais, políticas e econômicas cabe a cada indivíduo adequar-se a elas, aceitando essas mudanças que muito tem a contribuir à sociedade. Se “é preciso conversar sobre o assunto para entender que alguém pode ser diferente sem ser errado” (CARRASCO, apud SILVEIRA; KAERCHER, 2013, p.

1198), então porque não reavaliar nossas formas de pensar e agir, evitando o surgimento de conflitos sociais.

Com isso, diante da proporção atual dos debates que envolvem as relações homoafetivas como a aprovação da união estável, o direito ou não a adoção, o reconhecimento ou exclusão no estatuto como entidade familiar e problemas homofóbicos, bem como sobre os debates em relação à temática das famílias homoparentais, é que parei para refletir sobre minha família, sobre os costumes que influenciaram minha formação, meu modo de pensar e agir. Do mesmo modo, a reflexão decorre sobre minha formação como futura pedagoga e sobre qual o é meu papel como professora. Muitos devem pensar, mas o que está querendo dizer com isso?

Primeiramente gostaria de dizer que nasci e cresci no interior do município de Barão de Cotegipe - RS, em uma comunidade pequena composta por doze famílias. Somos uma família formada por cinco pessoas: pai, mãe, dois irmãos e eu, e nos encaixamos no modelo considerado convencional o que faz concluir que alguns valores e costumes me foram repassados, porque assim acontecia e acontece até hoje em muitas famílias.

Cresci ouvindo meus avós dizerem que família é pai, mãe e filhos, que o homem é o chefe da família e, portanto ele quem toma as decisões necessárias. Tal colocação é ratificada por Fonseca (1998, p. 20-21), quando enfatiza que o ideário do que é considerada uma família convencional “se restringe no imaginário à família conjugal [...] que implica co-residência de um casal e seus filhos – sendo a casa o lugar das mulheres e crianças; e o espaço público da rua o domínio por excelência dos homens”.

Convém enfatizar que quando falo na configuração familiar da qual faço parte não pretendo dizer que aprendi esse formato de família somente na convivência com meus pais, mas também na convivência com as famílias da comunidade onde vivi por cerca de vinte anos, no contato com a religião, pela televisão, revistas e livros didáticos, enfim, de todas as posições contrárias à existência de outras configurações familiares como o que tem sido expresso no estatuto da família. Conforme Palmas (2011, p.18), esse modelo de configuração familiar,

foi sendo construída através da cultura, sendo a mídia um importante veículo de disseminação da mesma. Em nossos desenhos animados, lá estava tal família. Em nossos livros infantis, nas novelas, nas músicas, na escola e por onde mais procurássemos, não havia dúvida do que era realmente considerado uma família.

Com o passar dos tempos tal entendimento foi sendo modificado, porém ainda é muito presente na sociedade a ideia de que a mesma seja o modelo de família a ser seguido, como

pode ser visto no Projeto de Lei 6.583/2013 do Estatuto da Família, a qual pretendia excluir as uniões homoafetivas do direito a ser uma família reconhecida perante a sociedade. Mas será que “o Estado pode definir quem as pessoas devem amar?” (FONTENELE, 2015, p. 1).

O que quero enfatizar é que, independente da configuração familiar, deve-se respeitar o jeito de cada um de ser e viver, as diferenças fazem parte da vida. Quantas crianças almejam uma família, ou um pai, ou uma mãe, ou ainda dois pais ou duas mães que lhe deem amor, um lar, motivos para sorrir e chorar, apoio e um colo, ou simplesmente a oportunidade de poder dizer “com o coração batendo bem forte de tanta felicidade, eu descobri que o mais importante era ter uma família que amava” (CARRASCO, apud SILVEIRA; KAERCHER, 2013, p. 1198)? Pois bem, pretendo esclarecer com isso os motivos pelos quais optei por esse tema como trabalho de conclusão de curso.

Logo nos semestres iniciais da faculdade com a disciplina de Literatura Infantil e a forma como ela nos foi apresentada, despertou em mim uma paixão pela mesma, diferente daquela literatura como pretexto e obrigação que tivemos na Educação Básica. Mas ao mesmo tempo, as disciplinas de Educação Infantil também despertaram meu interesse, minha curiosidade, afinal, é nessa fase em que as crianças iniciam sua formação social, cognitiva e afetiva.

Assim sendo, para concluir essa fase tão importante de minha formação acadêmica optei por conciliar as duas disciplinas que me conquistaram com a temática das famílias homoparentais na literatura infantil, sugerida pelo orientador. Com isso, surgiu o título de pesquisa: Famílias Homoparentais em Livros de Literatura para Crianças: as novas Configurações Familiares na Educação Infantil, na qual buscarei analisar como são representadas as famílias homoparentais nos livros de literatura infantil através da análise dos textos e ilustrações de um conjunto de livros de literatura infantil. Além disso, acredito que ser professor é se desafiar e ultrapassar limites, buscar sempre mais respostas para nossas indagações e esse tema proporcionará essas vivências.

Nesse sentido, cabe ressaltar que se “a existência das normas é uma condição necessária ao convívio numa sociedade civilizada” (RODRIGUES, apud BASTOS, 2008, p. 43) e as mesmas devem ser pensadas e usadas em prol dos indivíduos, agregando valores construtivos na convivência social, por que não é dessa forma que a visualizamos? As normas que deveriam auxiliar na organização da sociedade, exercem papel excludente, de modo que todos os sujeitos que fogem a essas normas e padrões estabelecidos são julgados, diminuídos e impedidos de demonstrar suas vontades e desejos. São exemplos de sujeitos “individualizados” que não se encaixam nas normas “ideais” que a sociedade deseja:

homossexuais, negros, pobres, sujeitos com deficiências, enfim, esses são apenas alguns de tantos que poderia citar. Corroborando o argumento, Facco (2009) destaca que as famílias na sociedade têm os seus comportamentos avaliados e comparados a uma determinada “norma” que buscam enquadrar a tudo e a todos dentro de parâmetros aceitos pelo coletivo. Desse modo, a inadequação a norma acaba por enquadrar o sujeito na categoria de “desviante”, ou seja, como alguém que deve ser individualizado, investigado e controlado.

Tais estereótipos construídos pelas normas sociais no decorrer da história da sociedade perpetuam a discriminação que, segundo Facco (2009, p. 15) acabam “privando o sujeito estigmatizado da oportunidade de mostrar outros atributos que seriam considerados positivos”. Assim sendo, é conveniente destacar que ao mesmo tempo em que a sociedade tenta manter-se conservadora, relutando em aceitar a diversidade, nota-se que desde o final do século XX até a atualidade a temática das famílias homoparentais vem ganhando espaço em vários segmentos: mídia, livros de literatura, novelas. Conforme pontua Facco (2009, p. 42), “é difícil, hoje em dia, que haja uma novela das nove horas na TV que não apresente pelo menos um casal homossexual”. Um exemplo bem recente ocorrido em 2014 e 2015 é a mídia buscando através das tramas das novelas, apresentar a homossexualidade, a adoção de crianças por casais homoafetivos e novas configurações familiares.

Desse modo, a realidade de milhares de famílias vem sendo mostrada em rede nacional, em horário nobre, e mesmo assim, muitos sujeitos continuam extremamente focados em concepções e ideias historicamente construídas pela sociedade, negando o diferente como se a única verdade existente é aquela criada pela cultura, como acontecia no mito da caverna de Platão. Segundo reflexões de Nogueira (2009, p.03) sobre a Alegoria da Caverna, Platão propõe como forma de autonomia dos homens que “eles descubram que há vida além da caverna. Que a realidade, na verdade não é nada daquilo que se aceita como algo bom, correto e perfeito”, portanto, o que precisamos fazer é sair da caverna e ver para além das sombras refletidas nas paredes para compreendermos a diversidade de realidades existente na sociedade.

Outro exemplo que pode ser explicitado é a presença das famílias homoparentais nos livros de literatura infantil que vem abordando essa temática até então renegada, tentando mostrar “que todos são diferentes e, portanto, uma “diferença” não pode ser considerada um defeito, seja ela qual for” (FACCO, 2009, p.37). Tal repercussão tem refletido significativamente na educação das crianças, pois através da exposição e da reflexão do tema nessa idade, as crianças podem entender que somos constituídos por diferenças, que são as diferenças que nos tornam humanos.

Desse modo, sabendo que “a escola é um local onde convivem os mais diversos tipos de pensamento, a prática discriminatória é muito comum” (FACCO, 2009, p. 19), portanto, nada mais adequado usar esse espaço de diversidades para provocar diálogos com as crianças, fazendo-as refletir sobre as mais diversas questões de forma crítica através da literatura, afinal, segundo Abramovich (1997, p. 143), “ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico, podendo se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião”.

Por essa razão, com base nos argumentos apresentados, o objetivo principal deste trabalho de conclusão de curso é o de analisar as representações de famílias homoparentais em livros de literatura para crianças. O corpus de análise será constituído de dez obras nacionais e estrangeiras, pois aqui no Brasil esse tema na literatura ainda é recente e as produções são poucas se comparado com outros países, no qual a questão das novas configurações familiares na literatura infantil já possui grandes debates e reflexões, possuindo assim uma nova visão, um novo jeito de se trabalhar esse assunto com as crianças.

Compõem o conjunto de obras para análise: 1) *Olívia tem dois papais* da escritora Márcia Leite; 2) *O livro do Pedro* da autora Manuela Bacelar; 3) *Meus Dois Pais* produção de Walcyr Carrasco; 4) *O Livro da família* do escritor Todd Parr; 5) *É tudo família* obra de Alexandra Maxeiner; 6) *O grande e maravilhoso livro das Famílias* elaborado por Mary Hoffman e Ros Asquith; 7) *Bem – Vindo à Família* produzido por Mary Hoffman e Ros Asquith; 8) *Eu tenho duas mães* escrita por Márcio Martelli; 9) *And Tango makes three* dos autores Justin Richardson e Peter Parnell; 10) *King & King & Family* escrita por Linda de Haan e Stern Nijland.

Dessa forma, para atingir esse objetivo, será necessário analisar, pesquisar e problematizar os referenciais teóricos, bibliográficos e midiáticos relacionados às famílias homoparentais na literatura infantil. Além disso, abordarei a importância da temática das novas configurações familiares ser enfatizada pela literatura infantil nas escolas e evidenciando as representações dos livros sobre famílias homoparentais nos textos e imagens dos mesmos.

Enfim, estamos vivendo um momento de debate intenso no país a respeito das novas configurações familiares, com isso, justifico essa pesquisa afirmando que a literatura infantil tende a estimular uma série de reflexões com relação às famílias homoparentais, fazendo, assim, com que as crianças aprendam desde cedo a refletir e conviver com as diferenças. Nesse sentido, “se a literatura é um espelho do mundo” (FACCO, 2009, p. 193), ela precisa fazer com que as crianças, filhas de casais homoafetivos também se reconheçam como parte

integrante da sociedade. Afinal, segundo Facco (2009, p. 246), “famílias homoparentais não apenas são possíveis como são tão normais quanto as tradicionais”, conforme reconhecimento constitucional obtido em 18 de março de 2015 pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Desse modo, após uma breve contextualização da temática das famílias homoparentais em livros de literatura infantil é conveniente frisar que a presente pesquisa, será organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo apresento o embasamento teórico da pesquisa que envolve: 1) A História da Família; 2) As novas configurações familiares na mídia: um debate necessário; 3) Problematizando o Estatuto da Família; 4) As famílias homoparentais na literatura infantil; 5) O “politicamente correto” na literatura infantil; 6) A importância de serem abordadas novas configurações familiares na educação infantil.

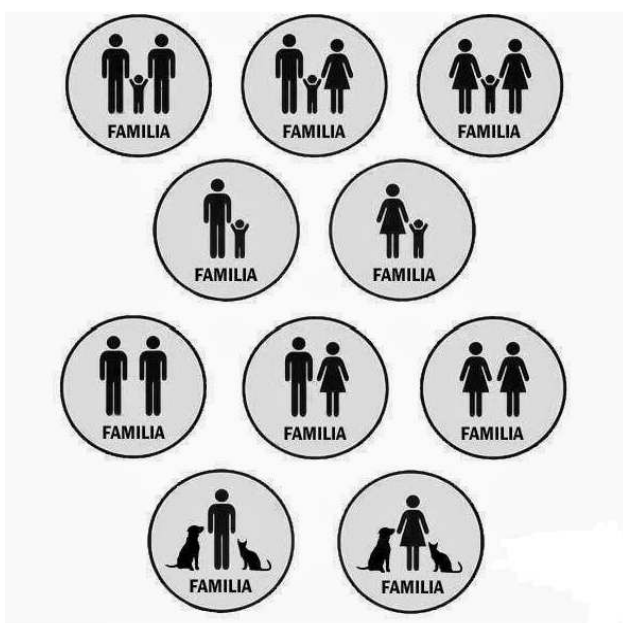
No segundo capítulo apresento a metodologia da pesquisa, na qual descrevo todos os detalhes de como a mesma foi realizada, ou seja, os caminhos utilizados para a investigação da pesquisa, com análise e leitura de textos e imagens trazidas nos livros de literatura infantil.

Nesse sentido, no penúltimo capítulo da presente pesquisa exponho algumas proposições de trabalho sobre gênero e as novas configurações familiares. Para concluir apresento as considerações finais, seguida das referências que fundamentam as reflexões expostas neste trabalho de conclusão de curso.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 A HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Figura 2: Família no século XXI – O novo modelo²



Fonte: Página Faciletrando.

Refletir sobre a família em pleno século XXI requer análises, muitos questionamentos e uma visão bem ampla da história principalmente porque, ao longo da mesma, ocorreram interferências econômicas, políticas e sociais.

Antes de qualquer contextualização e ponderação sobre a história da família, é imprescindível buscar compreender o que é uma família. Múltiplas respostas poderão direcionar uma definição a esse questionamento, porém, “ainda temos muito o que pensar sobre a família, a começar pela forma de escrita, pois ao invés de ser tratada no modo singular, deveria ser tratada no plural” (PALMA, 2011, p. 12).

Tratar o substantivo *família* no plural significa compreendê-la nos mais diversos tempos, momentos, relações e espaços, pois a sua definição pode mudar de uma geração para outra por conta das influências sofridas e a partir das vivências em determinados momentos históricos.

²Ilustração: Família no século XXI – O Novo modelo. Disponível em: <<https://faciletrando.wordpress.com/2014/10/25/possiveis-temas-de-redacao-enem-2014-parte-ii/>>. Acesso em: 20 mar.2015.

Nesse sentido, se “o espaço e o tempo indicam as diversas composições e finalidades que as estruturas familiares apresentam ao longo do seu processo de desenvolvimento” (SOUSA, 2008, p. 17), pode-se concluir que, apesar de sofrer variações em sua base, historicamente é considerada o elemento principal que organiza a sociedade desde o surgimento do homem até os dias atuais.

É possível encontrar vários estudos relacionados à história da família e o modo de organização das mesmas no decorrer dos tempos. Entre os principais teóricos que contribuíram para a fundamentação dessa pesquisa destaque: Engels (1984), Aries (1981), Oliveira (2009), Donzelot (1980).

Engels (1984), em sua obra “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, contextualiza os diferentes grupos familiares que construíram essa história, relacionando os mesmos, ou seja, as relações entre mulheres e homens ocorriam de maneira confusa, de modo a fazer surgir as primeiras formações familiares.

Entre essas formações familiares estão as sociedades matrilineares primitivas, as quais diferenciam o sujeito com base na “origem materna” (SOUSA, 2008), sendo assim, a mulher tinha papel fundamental na constituição familiar e a função do homem era desconhecida.

Tal contexto começa a sofrer alterações no período da Idade da Pedra Polida, quando os alimentos começam a ser produzidos pelo homem e surge então a necessidade de uma nova forma de organização social. Aos poucos, o homem ganha espaço na sociedade, sendo estabelecida a ele a função da paternidade, eliminando, assim, a formação familiar de grupos.

Conforme apontamentos de Donzelot (1980) e Moraes (2012), essa mudança aliada a conquista da propriedade privada determina que a família é o núcleo monopolizador de suas riquezas, e essas são transmitidas de geração para geração. Nesse sentido, as organizações familiares se reproduzem mundo afora tendo o homem como centro desse processo.

Convém frisar, que esse novo modelo de organização da sociedade deixava os demais membros da família submissos às vontades do chefe da família, principalmente a mulher que além de ter sua sexualidade controlada ainda era encarregada dos afazeres domésticos. Conhecida também como família monogâmica, essa forma de organização social pode ser comparada com a escravidão, onde o senhor possui o monopólio total da sociedade. Sobretudo, somente a partir da evolução dessa última formação familiar é que passa a haver certo equilíbrio entre os direitos do homem e da mulher.

Com base em Sousa (2008), é possível dizer que no Brasil as organizações familiares patriarcais foram inseridas progressivamente no decorrer dos tempos, sendo caracterizadas

por relacionamentos tradicionais e estáveis. Por sua vez, a figura feminina coube apenas à dominação e o espaço doméstico e ao homem a chefia familiar.

Graças às mudanças ocorridas no decorrer dos tempos essa forma de organização social tomou novos rumos, apesar de ainda conservar ideologias tradicionais, homens e mulheres hoje possuem os mesmos direitos e atribuições, ou seja, a grande maioria das mulheres realizam as tarefas domésticas, saem para trabalhar, cuidam dos filhos e são completamente independentes da figura masculina. Os homens por sua vez “perderam o trono”, apesar de ainda terem maior reconhecimento se comparado às mulheres, além disso, dividem as tarefas da casa com as esposas, ajudam no cuidado e na educação dos filhos.

Voltando a história da família, segundo Aries (1981), a comprovação dos casamentos era feita através de contratos de modo que o ato sexual entre ambos ficava abençoado. Ainda hoje, muitas religiões repudiam o sexo antes do casamento e as uniões sem a benção divina. O que tanto a religião como a sociedade precisa compreender é que os tempos mudaram, as pessoas e o contexto social são outros e nós precisamos acompanhar essa evolução, não podemos parar no tempo.

No início do século XX, a história da família moderna passa por transformações no que se refere às novas configurações familiares, as relações de afeto e sexualidade entre casais, os papéis designados a homens e as mulheres, entre outros (SOUSA, 2008). Porém, é somente na contemporaneidade que a mesma toma novos rumos, resignificando novos valores, concepções e funções.

Convém salientar que essa parte mais teórica da história da família, por mais complexa que seja, é de extrema relevância para que possamos compreender todo o processo de evolução que circunda a origem da família até a atualidade e o “por que a família moderna organiza seus vínculos de uma forma tão flexível e tão oposta à antiga rigidez jurídica” (DONZELOT, 1980, p. 48).

Porém, convém ressaltar que apesar dessa flexibilidade familiar, ainda podemos encontrar vestígios tradicionalistas em atitudes, falas e modos de organização das famílias. Um exemplo desses sinais acontece diariamente entre famílias do meio rural compostas por pessoas idosas, ao chegar da roça o homem senta no sofá ou ao redor do fogão (costume de muitas famílias) para tomar chimarrão enquanto a esposa prepara as refeições, põe a mesa, lava a louça entre outros afazeres.

É com base nesses conceitos expostos anteriormente que podemos compreender a obra “História social da Criança e da família” de Philippe Áries (1981, p.197), na qual o autor faz toda uma descrição das famílias através de retratos de época. Sem esse embasamento, fica

difícil assimilar a história que as mesmas representam, pois elas traduzem “acima de tudo o imenso progresso do sentimento da família”. Outra questão relevante nessa obra do referido autor, e que destaca ainda mais a história da família, é a forma como ele explana com o uso da iconografia de modo a familiarizá-la com as imagens atuais.

Entretanto, refletir sobre a família requer ir além da história em si, necessita de análises internas da família, ou seja, precisamos compreender até que ponto a questão de gênero influenciou nos papéis designados a cada membro. Convém frisar que quando falo em gênero não estou me referindo ao sexo, mas sim às relações construídas socialmente entre homens e mulheres, e que acabam influenciando nas formações familiares. Conforme afirmação de Costa (2011, p. 24), “gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homem e mulher que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher, a partir das diferenças sexuais”.

Nesse sentido, quando menciono sobre as relações construídas entre homem e mulher, me reporto às funções destinadas a cada um deles perante a sociedade, ou seja, ao homem cabe o sustento da família e à mulher o cuidado da casa e dos filhos. Isso se deve ao fato que desde muito cedo as crianças adquirem essa cultura de diferenciação entre meninos e meninas, sendo que eles jogam bola e brincam com carrinhos e elas se divertindo com bonecas e brincadeiras de casinha, ambos tornando-se submissos as normas da sociedade (MORAES, 2012).

Atualmente, ainda nos deparamos com situações que nos recordam sobre essa concepção idealizada de família. Como exemplo, podemos citar a não aceitação das famílias homoparentais como entidade familiar, pela crença de que dois homens não saberiam educar e cuidar das crianças sem a presença da mãe, além de que estariam influenciando na opção sexual das mesmas.

Outro exemplo corriqueiro é o uso da cor azul para meninos e a cor rosa para meninas, como se a cor da roupa influenciasse na masculinidade ou feminilidade de ambos.

Nessa perspectiva, acredito que seja de suma importância “para as reflexões sobre família, a desconstrução de nossos conceitos prontos, buscando o desprendimento dos preconceitos para podermos entender as novas configurações familiares” (OLIVEIRA, 2009, p. 84). Saliento isso, pois se o entendimento de família se modifica de acordo com os interesses das mesmas, é possível afirmar que não existe um padrão de constituição familiar.

Falar da compreensão do que é uma família de acordo com os interesses das mesmas exige refletir sobre uma série de questões, entre elas: o casamento, as separações, a construção

de uma vida a dois, a maternidade e a paternidade, também como a desagregação entre reprodução e sexualidade, relações heterossexuais e homoafetivas.

Com base nisso, é possível evidenciar que as mudanças advindas com a contemporaneidade trazem elementos essenciais na construção da entidade familiar. Essas alterações mostraram as mais diferentes formas de constituição familiar, possibilitando as mesmas de serem investigadas e valorizadas, cada uma com suas peculiaridades, até porque, independentemente da formação, a família é “compreendida como um importante espaço para a construção de identidades” (OLIVEIRA, 2009, p. 90).

Quando friso que a família é um espaço de construção de identidades, refiro-me ao fato de que é no convívio com ela que aprendemos a expressar ou não nossos sentimentos, angustias e desejos. Assim sendo, é possível afirmar que é no contato familiar que nos autocaracterizamos através do contato direto com nossos pais, irmãos e avós.

Portanto, com base nas reflexões e referenciais expostos sobre a história da família, julgo como essencial frisar que as relações homoafetivas sempre existiram, somente não eram evidenciadas como entidade familiar devido a forte exigência cultural e social da mesma ser constituída por casais de sexo diferente (homem e mulher). Dessa forma, para que os tabus com relação às famílias homoparentais sejam quebrados e o respeito às diferenças aconteça de forma natural, sem preconceito, sem julgamentos, sem adequação a normas e padrões exigidos pela sociedade é necessário compreender a essência de uma família e ir além das aparências.

Na próxima seção abordo as novas configurações familiares e o modo como a representação das mesmas acontece através da mídia de modo a trazer elementos importantes para debater o tema das famílias homoparentais nessa pesquisa.

2.2 AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA MÍDIA: UM DEBATE NECESSÁRIO

Figura 3: Right 2 Love (Documental)³



Fonte: Documentário do You Tube.

Atualmente o acesso a informações está cada dia mais rápido e acessível, com isso é de suma relevância refletir sobre a influência que a mídia exerce sobre a sociedade. O motivo de tal reflexão é o fato de que na grande maioria das vezes ela estimula determinados comportamentos, disseminando todos os tipos de preconceitos e valores ultrapassados.

Com base em reflexões expostas no início da presente pesquisa, atualmente, está cada vez mais perceptível em noticiários, novelas, minisséries e páginas da internet a questão das novas configurações familiares, pois a mídia precisa acompanhar a sociedade, precisa manter-se atualizada, o que não quer dizer que a mesma esteja trabalhando em prol de uma sociedade igualitária, humana e que respeite as diferenças. Conforme Guizzo e Gomes (2013), apesar do esforço da mídia em retratar as diversidades existentes, ainda é muito comum a questão da diferença com relação aos casais homoafetivos, pois eles ainda são veiculados como algo que não seja natural.

Porém, ao mesmo tempo, é possível nos depararmos com cenas tão lindas através da mídia como essas imagens do documentário *Right 2 Love* que retratam famílias felizes, que é

³Ilustração capturada do documentário: Right 2 Love (Documental). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3z6nXxmpZ6Y>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

o que realmente importa, independente de sua configuração. É imprescindível deixar bem claro que o mais importante para uma criança é o amor, o carinho, o cuidado, principalmente porque o desenvolvimento da mesma independe da configuração familiar.

Ao salientar que o crescimento da criança não depende da configuração familiar, refiro-me ao fato de que o desenvolvimento da criança é reflexo dos estímulos recebidos, seja no ambiente familiar, escolar ou social. Nesse sentido, cabe à escola estimular e construir conhecimentos através de espaços e situações de aprendizagem significativas. Já no âmbito familiar e social convém oferecer às crianças, além de cuidado, proteção e afeto um local de socialização cultural que mostre respeito às diversidades raciais, étnicas, sexuais, culturais e econômicas existentes.

A sociedade precisa compreender que acima da sexualidade das pessoas estão seus desejos e sonhos, além disso, precisam deixar de acreditar no mito de que se a criança não tiver uma boa referência ela será homossexual, pois a sexualidade não é aprendida, muito pelo contrário, a pessoa descobre a sua orientação. Com isso, pais heterossexuais ou homossexuais não interferem na sexualidade dos filhos, assim como, “ser filho ou filha de homossexuais não significa ser também homossexual” (FERRARI, 2012, p. 111), o diferencial está na maneira como essas famílias desenvolvem a questão do amor com as crianças. Quando enfatizo isso, quero dizer que não cabe à família ensinar a criança quem ela deve amar, até porque se for dessa forma, as mesmas se tornarão, em nossa sociedade, meros “receptores passivos e disciplinados” (FACCO, 2009, p. 130).

Convém trazer para este debate três documentários (Right2 Love⁴, Os nossos Filhos⁵, Homo Baby Boom⁶) encontrados na internet e duas novelas da Rede Globo (Sete Vidas e Babilônia). Veicular essas mídias neste debate possui como propósito problematizar a maneira como as novas configurações familiares veem sendo representadas pela mesma.

Tais documentários retratam histórias reais de casais homossexuais de sete países da Europa (Itália, Holanda, Suíça, França, Espanha, Grécia e Catalunha) e do Brasil e os desejos de cada um em constituir uma família, seja através de adoção, reprodução assistida ou inseminação artificial. Além disso, os mesmos mostram como são os cotidianos dessas famílias homoparentais, os preconceitos sofridos e como é o cuidado com as crianças. Com isso, cabe abrir um parêntese quanto à convivência dessas famílias: não existe uma criação

⁴Documentário sobre famílias: Right 2 Love (Documental). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3z6nXxmpZ6Y>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

⁵Documentário sobre famílias: Os nossos Filhos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=THzRytWcHHU>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

⁶Documentário sobre famílias: Homo Baby Boom. Disponível em: <<https://vimeo.com/22385775>>. Acesso em: 21 abr.2015

diferente, tanto nas famílias homoparentais como nas heterossexuais as crianças recebem amor, carinho, segurança, atenção e todos os suportes necessários que elas precisam.

Assim como a literatura infantil com temática homoafetiva veem buscando seu espaço na sociedade as atuais novelas da Rede Globo, também procuram mostrar a realidade de muitas famílias através de suas tramas. É possível ressaltar que elas se utilizam tanto da imagem como das ações que compõem a mesma para produzir pontos de vistas, ou seja, “as produções que constituem a cultura visual em que estamos imersos nos possibilitam pensar o mundo que nos cerca e pensar a nós mesmos em nossas posições de sujeito” (FERRARI, 2012, p. 116).

Podem-se citar as novelas *Babilônia* e *Sete Vidas* como exemplos de cultura visual. A primeira narra à história de duas lésbicas que possuem uma relação há muitos anos e decidem oficializá-la, além disso, criam o neto como filho. É importante frisar que em virtude da rejeição do público com relação às manifestações de carinho entre Teresa e Estela (personagens lésbicas) da novela, vários capítulos da novela tiveram que ser regravados.

Figura 4: Beijo entre Estela e Teresa na novela Babilônia da Rede Globo⁷



Fonte: Página Gshow.

Porém, convém salientar que as personagens tiveram boa aceitação nos quesitos mulheres de bom caráter e boas mães na criação de Rafael (personagem de Chay Suede). Nesse sentido, “se na ficção [...] a língua é capaz de construir a realidade, será que

⁷Ilustração capturada do capítulo da novela: Babilônia. Disponível em: < <http://gshow.globo.com/>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

poderíamos concluir o mesmo em relação à realidade que aparentemente nos cerca?” (FACCO, 2009, p. 144). Assim, admite-se que as cenas da novela geram opiniões contrárias e favoráveis a esta realidade.

Uma das cenas da novela *Sete Vidas*, que foi ao ar em abril de 2015, mostra um pai contando uma história para seu filho dormir. Até aí é apenas uma cena comum, não somente na ficção, mas também no cotidiano de muitas famílias na vida real. O motivo de tal destaque se refere à história que Luís (o pai) está contando “O livro da família”, o qual o escritor Todd Parr apresenta as diferenças das famílias, abordando assuntos como adoção, diferenças raciais, culturais e sociais que se distancia do padrão familiar e social idealizado pela sociedade.

Figura 5: Luis conta aos filhos que é fruto de um casamento gay⁸



Fonte: Página Gshow.

Ressalto isso, pois contar histórias a uma criança como essa, que fogem ao politicamente correto ainda não é algo natural. Digo ainda, devido ao fato que é muito recente a literatura trazer para debates tais temáticas, porém, aos poucos esses protótipos estão sendo quebrados. Nesse sentido, durante a interpretação de um texto literário cabe a cada leitor “libertar-se dos condicionamentos que dizem não apenas o que é bom e o que é ruim, mas indicam uns poucos privilegiados considerados capacitados para formular críticas válidas” (FACCO, 2009, p. 149).

⁸Ilustração capturada do capítulo da novela: *Sete Vidas*. Disponível em: < <http://gshow.globo.com/novelas/sete-vidas/vem-por-ai/noticia/2015/04/hora-da-verdade-luis-revela-para-os-filhos-que-e-fruto-de-um-casamento-gay.html>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

Por fim, cabe pontuar que as mídias estão aí, a todo o momento trazendo novos elementos, diferentes formas de ver determinados fatos, construindo e reproduzindo pensamentos. Mas cabe a cada pessoa decidir se são construtivos ou não para sua vida. Precisamos estar alertas com relação à forma como as mídias veem abordando as famílias homoparentais, no sentido de que possamos perceber se as mesmas estão disseminando estereótipos culturais presentes na sociedade ou construindo “significados políticos valorizados e/ou respeitados” (GUIZZO; GOMES, 2013, p. 8). Porém, o simples fato da mídia trazer para debate o tema das famílias homoparentais já é uma forma de mostrar que elas existem e possuem os mesmos direitos que as famílias heterossexuais.

A seguir problematizo o Estatuto da Família com base no Projeto de Lei n.6583/2013, Artigo 2º. Um tema atual que vem gerando muitos debates favoráveis e contrários. Será que um equivocado projeto de lei pode determinar o que é uma família?

2.3 PROBLEMATIZANDO O ESTATUTO DA FAMÍLIA

Recentemente, o Projeto de Lei n.6583/2013 sobre o Estatuto da Família criado pelo deputado Anderson Ferreira proporcionou no país uma série de debates. O motivo principal de tal polêmica foi criar um projeto de lei que pretende definir como entidade familiar apenas o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, através de casamento ou união estável.

Tal intenção é, sem dúvida, uma afronta às demais configurações familiares existentes na atualidade, afinal, segundo Facco (2009, p. 245), “o amor é um sentimento inerente ao ser humano, seja qual for a sua orientação sexual e o objetivo de sua afeição”. Quando falo em outras configurações familiares refiro-me não somente aquelas formadas por um pai ou uma mãe que se separaram e formaram ou não novas famílias, mas também as famílias compostas por lésbicas, travestis, famílias monoparentais e homoparentais, entre outras.

Nesse sentido, levanto a seguinte reflexão: Quais os argumentos utilizados por esse deputado para criar e levar para votação na câmara um projeto de lei que contraria o Art. 5º da Constituição Federal de 1988? Se o Art. 5º determina que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988, p. 2), por que não reconhecer as famílias não convencionais como entidade familiar?

Mesmo ao olhar de pessoas leigas no assunto é possível afirmar que os argumentos usados por ele são insuficientes, que causar maiores debates sobre o assunto é o mesmo que demonstrar oposição às famílias homoparentais serem reconhecidas constitucionalmente. Talvez a justificativa que melhor caberia a ele é frisada por Facco (2009) que enfatiza que a sexualidade sempre será um assunto difícil de ser debatido devido ao fato de que cada pessoa em decorrência de sua instrução possui algum tipo de preconceito.

Além disso, o que dizer com relação ao Art. 6º, § 2º do mesmo projeto de lei nº 6583/13, o qual responsabiliza o Poder Público de “assegurar, com absoluta prioridade no atendimento e com a disponibilização de profissionais especializados, o acesso dos membros da entidade familiar a assistentes sociais e psicólogos, sempre que a unidade da entidade familiar estiver sob ameaça” (BRASIL, 2013, p. 3)? Será que esse “sob ameaça” realmente corresponde ao que está exposto em sequência no § 3º “associada ao envolvimento dos membros da entidade familiar com as drogas e o álcool”?

Particularmente, acredito que o termo “sob ameaça” usado pelo deputado Anderson Ferreira abrange muito mais que os problemas com drogas e álcool. A palavra remete a ameaça contra a família convencional por parte das demais configurações familiares.

Com isso, julgo de grande relevância dizer que concordo que as entidades familiares correm riscos. Porém, não com relação à forma como as famílias se configuram, mas pelos casos diários de pais que espancam e abusam dos filhos, pelas crianças que são impedidas de fazerem parte de uma família através da adoção (seja por casais tradicionais ou homoafetivos), pelas brigas entre os casais tradicionais que as crianças presenciam. Enfim, são apenas algumas entre tantas formas de ameaça as entidades familiares.

Ainda com relação ao questionável projeto de lei nº 6583/13, o que dizer com relação ao Art. 10º, o qual pontua que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter em sua base nacional comum, como componente curricular obrigatório, a disciplina “Educação para família”, a ser especificada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, de acordo com as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 2013, p. 4).

Será que é esse o real papel da escola e do currículo? Creio que mais uma vez o deputado cometeu um equívoco, pois a escola deve ser o espaço de troca de opiniões, de problematização, troca de experiências, de aprendizado e respeito às diferenças. Porém, o deputado só confirma o que já sabemos, ou seja, “o currículo da escola está baseado na

cultura dominante: ele é transmitido através do código cultural dominante” (SILVA, 2010, p. 35).

Essa resistência da escola em aceitar uma educação voltada às diversidades existentes na sociedade acaba fortificando o preconceito. Por que não trabalhar com as crianças em sala de aula a diversidade, dentro dos conteúdos programados? Segundo Facco (2009, p. 103), “a partir do momento em que o currículo omite elementos que formam a diversidade cultural e apresenta estereótipos, ele acaba por reforçar cada vez mais diversos tipos de preconceito”.

Sem dúvidas as escolas precisam trabalhar a diversidade, a sexualidade, as novas configurações familiares com as crianças. Se os professores não sabem como debater esses assuntos, nada mais adequado que oferecer-lhes momentos de formação para que possam se preparar para tal, além disso, é possível dentro da própria escola criar momentos para que os educadores troquem informações de como desenvolver reflexões com as crianças.

O impacto causado pelo projeto de lei nº 6583/13 foi tanto que milhares de pessoas uniram-se através das redes sociais em repúdio à lei. A Câmara dos Deputados promoveu uma enquete com o intuito de saber a opinião da população a respeito do projeto, sendo que a mesma encontra-se no site da Câmara Notícias com o maior número de acessos dos últimos tempos.

Busquei analisar os resultados da enquete⁹ entre os dias 27 de fevereiro de 2015 a 31 de março de 2015 que possui como pergunta: Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família?

Percebi que o número de acessos foi muito elevado. No dia 27 de fevereiro de 2015 quando acessei pela primeira vez, a enquete contava um total de 4.710.169 votos, sendo que 51,97% dos votos concordavam com o projeto. Já o percentual contrário ao projeto era de 47,71% e dos que não tinham uma opinião formada era de 0,32%.

Contudo, no dia 31 de março de 2015 foi possível ver que os percentuais aumentaram, somando um total de 5.467.587 votos, destes 53,80% a favor do projeto, 45,88% contra e 0,32% sem opinião formada. O que podemos concluir com os dados apresentados é que a maior parte da população é a favor do projeto e que um dos fatores que influenciou esse resultado são os estereótipos construídos na sociedade, através do politicamente correto, o qual é transmitido de geração para geração desde a infância há muitos anos. Porém, apesar do

⁹ Dados extraídos do site da Câmara dos Deputados.

resultado dessa enquete, precisa-se ter bem claro que “os direitos humanos não podem se limitar a determinadas categorias em detrimento de outras” (FACCO, 2009, p. 65).

Para a alegria de muitas famílias com configurações diferentes das convencionais, mas principalmente das famílias homoparentais, o dia 18 de março de 2015 foi um dia de vitória contra a discriminação e o preconceito. O motivo é o reconhecimento das mesmas como entidade familiar pela relatora Carmem Lúcia do Supremo Tribunal Federal. Convém trazer para esta problematização a declaração da ministra relatora, encontrada na Revista Lado A¹⁰:

A Constituição Federal não faz a menor diferenciação entre a família formalmente constituída e aquela existente ao rés dos fatos. Como também não distingue entre a família que se forma por sujeitos heteroafetivos e a que se constitui por pessoas de inclinação homoafetiva. Por isso que, sem nenhuma ginástica mental ou alquimia interpretativa, dá para compreender que a nossa Magna Carta não emprestou ao substantivo "família" nenhum significado ortodoxo ou da própria técnica jurídica. Recolheu-o com o sentido coloquial praticamente aberto que sempre portou como realidade do mundo do ser. Assim como dá para inferir que, quanto maior o número dos espaços doméstica e autonomamente estruturados, maior a possibilidade de efetiva colaboração entre esses núcleos familiares, o Estado e a sociedade, na perspectiva do cumprimento de conjugados deveres que são funções essenciais à plenificação da cidadania, da dignidade da pessoa humana e dos valores sociais do trabalho [...]. Assim interpretando por forma não-reducionista o conceito de família, penso que este STF fará o que lhe compete: manter a Constituição na posse do seu fundamental atributo da coerência, pois o conceito contrário implicaria forçar o nosso Magno Texto a incorrer, ele mesmo, em discurso indisfarçavelmente preconceituoso ou homofóbico. Quando o certo - data vênica de opinião divergente - é extrair do sistema de comandos da Constituição os encadeados juízos que precedentemente verbalizamos, agora arrematados com a proposição de que a isonomia entre casais heteroafetivos e pares homoafetivos somente ganha plenitude de sentido se desembocar no igual direito subjetivo à formação de uma autonomizada família. Entendida esta, no âmbito das duas tipologias de sujeitos jurídicos, como um núcleo doméstico independente de qualquer outro e constituído, em regra, com as mesmas notas factuais da visibilidade, continuidade e durabilidade.

Com isso, o projeto de lei que pretendia padronizar a família no modelo convencional, através de reflexões distorcidas da Constituição Federal acabou perdendo sua força. Agora, casais homoparentais e outras constituições familiares, são reconhecidos constitucionalmente. Assim sendo, casais homoparentais poderão oficializar sua união perante a lei, tendo os mesmos direitos que qualquer outro casal, inclusive o de constituir uma família através de adoção, inseminação artificial ou reprodução assistida. Porém, para que esses direitos sejam reconhecidos, não basta apenas que eles existam, é necessário ter bem claro que reprimir os desejos das pessoas não é a melhor forma de se evitar problemas.

A seguir abordo a questão das famílias homoparentais na literatura infantil.

¹⁰ Revista Lado A. Disponível em: <<http://revistaladoa.com.br/2015/03/noticias/em-acordao-inedito-stf-reconhece-direito-adocao-denomina-casais-homoafetivos-como>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

2.4 AS FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS NA LITERATURA INFANTIL

Família não tem duas iguais. Tem família com duas mães e família com dois pais
(ABREU, 2006, p. 3).

Percebendo o objetivo do presente TCC e as considerações expostas até aqui, de que família na contemporaneidade é aquela constituída por pessoas que se amam e possuem objetivos e sonhos em comum, sem necessariamente possuir elos sanguíneos e não então aquela visão de família convencional que a sociedade julga como única, é imprescindível a compreensão de como as famílias homoparentais vem se tornando presentes na literatura infantil.

Sabe-se que o movimento homossexual no Brasil é recente se comparado com outros países. Conforme Facco (2009), é somente no final da década de 1970 que o movimento surge por aqui, organizando-se em grupos de militância, de modo a romper com o silêncio vivido por muitos anos e a partir dessa visibilidade proporcionou alguns avanços que são discutidos até hoje em nossa sociedade.

Quando falo em avanços, refiro-me não somente às conquistas pessoais de cada um, mas também no campo acadêmico aonde, desde então, vem sendo realizadas muitas pesquisas, inclusive no campo da educação. Porém, entre esses avanços não podemos citar o seu reconhecimento perante a sociedade como indivíduos que se encaixam no padrão exigido por ela. As pessoas que se encaixam no politicamente correto precisam entender que o aspecto mais relevante de um indivíduo homossexual não é sua orientação sexual e que “quanto mais buscamos entender apenas as razões da homossexualidade acabamos afirmando, por outro lado, que a heterossexualidade não precisa ser pesquisada nem entendida, ‘ela é natural e óbvia’” (BORTOLINI, et al, 2014, p. 26).

Com relação aos estudos no campo educacional, podemos citar além das pesquisas, o reconhecimento das famílias homoparentais na literatura infantil conforme afirma Silveira e Kaercher (2013, p. 1192), “a literatura para crianças, tradicionalmente conectada a objetivos pedagógicos e formativos, tem se aberto nos últimos anos a temáticas anteriormente a ela vedadas, o que se conecta também a mudanças sociais mais amplas”.

Essas mudanças também se estenderam a temáticas como desigualdades, preconceitos e outras tantas já citadas no decorrer dessa pesquisa. Conforme destaque de Silva (2011, p. 3 - 4), “a língua como primeiro fator interveniente de quaisquer culturas determina as diretrizes que tornam os temas polêmicos nas sociedades, isso porque é através desse sistema cultural

que os sujeitos se comunicam, produzem discursos, registram as leis e a ciência”. Assim, ainda é muito visível a resistência da grande maioria da população com relação a esse tipo de literatura para crianças, principalmente porque ela se distancia da cultura predominante.

Sabemos que a resistência com relação a essa temática na literatura infantil, não ocorre por parte apenas da sociedade preconceituosa que evita a leitura dessas obras para as crianças, mas também por parte dos escritores. O motivo dessa resistência pode ser desde a forma como abordar tal temática para crianças até os elementos que o escritor pode utilizar para tratar das famílias homoparentais. Talvez o que está faltando compreender, de acordo com Machado (2014), é que essas histórias estão focadas em relações pessoais, afetivas e sociais entre os membros da sociedade e não necessariamente estão direcionadas à sexualidade e sentimentos homoafetivos.

Para que possamos situar melhor este texto, é necessário citar, com base nos referenciais utilizados para essa pesquisa, algumas das obras literárias que abordam a temática das famílias homoparentais e da homossexualidade, porém esses são apenas alguns entre tantos outros livros.

Figura 6: Sempre por perto de Anna Claudia Ramos (2006)¹¹



Fonte: RAMOS (2006).

¹¹Capa da obra: RAMOS, Anna Claudia. **Sempre por perto**. Arte: Antonio Gil Neto. São Paulo: Cortez, 2006.

Figura 7: Menino ama Menino de Marilene Godinho (2000)¹²



Fonte: GODINHO (2000).

Figura 8: O gato que gostava de cenoura de Rubens Alves (1999)¹³



Fonte: ALVES (1999).

¹²Capa da obra: GODINHO, Marilene. **Menino ama Menino**. Belo Horizonte: Armazén de Ideias, 2000.

¹³Capa da obra: ALVES, Rubens. **O gato que gostava de cenoura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

Figura 9: O menino que brincava de ser de Georgina da Costa Martins (2008)¹⁴



Fonte: MARTINS (2008).

Estar em contato com estas obras causa aprendizagem para as crianças, seja através de olhares, muitas vezes, inquietos por não compreender essa ideia de família diferente da aprendida no convívio de sua própria família, ou de satisfação de reconhecer-se primeira vez em uma obra. Afinal, a grande maioria dos livros trabalha com uma visão tradicional de composição de família, negando outras possibilidades, disseminando valores e padrões exigidos pela sociedade. Com isso, “é importante trazer outras histórias, outras possibilidades e investir numa percepção crítica das crianças sobre essas imagens – e capacidade crítica não tem idade” (BORTOLINI, et al, 2014, p. 61).

Esse investir se refere a proporcionar às crianças o direito de pensar sobre essas imagens de forma crítica e, para isso, não existe idade adequada, até porque as crianças sabem se posicionar, dizem o que pensam e imaginam que tenham compreendido. Desse modo, quanto mais cedo for refletido sobre essas imagens com as crianças, melhor e mais positivo será o retorno.

Gostaria de relatar uma situação ocorrida em meu Estágio de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na qual ficou muito clara a importância da literatura no trabalho com as diferentes configurações familiares. Não havia nenhuma criança advinda de família homoafetiva, mas um dos meninos havia perdido a mãe recentemente e estava morando com o

¹⁴Capa da obra: MARTINS, Georgina. **O menino que brincava de ser**. Ilustrações: Pinky Wainer. São Paulo: DCL, 2000.

pai. Na escola, em semana de dia das mães, é cartão para as mães de um lado, lembrancinha de outro e querendo ou não senti que isso estava cutucando essa criança, pois estava triste e toda vez que tocavam no assunto *mãe* ele buscava desviar a atenção.

Como estagiária e futura educadora, o que eu poderia fazer para amenizar esse sentimento no menino? Foi então que surgiu a ideia de contar para as crianças o “Livro da Família”, projetei a história com a ajuda de um datashow e contei-a. O intuito era mostrar que existem diferentes famílias e, nas discussões após a história, mostrar a esse menino que cada criança da turma tem uma configuração familiar diferente.

As crianças tinham idade entre seis a sete anos e as reflexões realizadas foram de um valor imensurável, principalmente para o menino que foi o primeiro a relatar que sua família era composta por pai, irmão e madrasta e assim cada criança foi relatando um pouco de sua formação familiar. Algumas tinham apenas pai, outras apenas mãe, em outras havia pai, mãe e animais de estimação, enfim, em meio a tantos relatos era possível ouvir sussurros “Nossa que legal”, “Fulano tem uma família diferente da minha”. Enfim, para finalizar esse exemplo que ressalta a importância da literatura para problematizar assuntos que ainda são tabus em nossa sociedade, destaco o relato de uma das crianças que foi muito significativo: “Profe, eu gostei muito dessa hora do conto, porque eu nunca tinha parado para pensar que tem famílias diferentes da minha e isso é muito legal”.

Com isso, é possível afirmar, com relação às obras brasileiras de temática homoafetiva, que mesmo que elas ainda não se encontrem no patamar que a literatura estrangeira está, porém já é visível um grande avanço passível de comemoração “principalmente porque recentemente, no País, vivenciamos a aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo” (SILVA, 2011, p. 8-9), Assim sendo, podemos dizer que esse é o pontapé inicial para dar novos rumos à literatura homoafetiva brasileira. Quando falo em novos rumos refiro-me a trazer novos elementos, novos significados a essas obras enfatizando cada vez mais que as diferenças não devem ser vistas como obstáculos na sociedade, muito menos como forma de diminuir e discriminar os sujeitos.

Nesse sentido, cabe frisar a necessidade da escola participar dessa construção. Mas como a escola pode fazer isso? Será que elas estão preparadas para receber essas crianças com configuração familiar diferente? Primeiramente, a escola precisa trabalhar essa questão internamente de modo que não instrua “o indivíduo discriminado a silenciar seus sentimentos e desejos” (FACCO, 2009, p. 83). Nesse sentido, não é aceitável que uma instituição de ensino finja aceitar essas crianças como a grande maioria faz.

As escolas precisam investir na formação de sua comunidade escolar para que todos saibam conviver tanto com as crianças quanto com os pais que são homossexuais. Além disso, a escola necessita estar em sintonia com o mundo atual, buscando formar sujeitos críticos e, que acima de tudo, respeitem as diferenças.

Quanto à forma de participação da escola na construção de uma sociedade melhor e na formação dos sujeitos, são tantas as possibilidades que talvez não coubesse em uma página. Mas convém ressaltar que debater a partir da literatura com temática homoafetiva está entre essas opções, pois de acordo com Facco (2009, p. 167), “com a educação literária, o leitor desenvolverá melhor esse olhar crítico, que se estenderá para diversos campos de sua vida, se for levado a perceber os possíveis valores contidos no texto por meio da observação sensível e arguta do material”.

Nesse sentido, cabe ao educador criar juntamente com seus educandos possibilidades de leituras que focalizem a essência do texto, porém para que a leitura ocorra dessa forma será necessário que ambos se desprendam de qualquer influência politicamente correta imposta pela sociedade, a qual será discutida na sequência.

2.5 O “POLITICAMENTE CORRETO” NA LITERATURA INFANTIL

Diariamente, nos deparamos com acontecimentos que nos exige certo jogo de cintura com relação a maneira de expressarmos nossas ideologias. Essa neutralidade exigida para que não ocorram ofensas e discriminação a determinados sujeitos é denominada como politicamente correto. Para Brenman (2012, p. 54), “a ideologia do ‘politicamente correto’ sempre fez parte da trajetória humana – a nomenclatura se altera, mas a base em que se sedimenta tal processo é a nossa velha conhecida ‘censura’. O interessante é observar o movimento cíclico desse processo, suas causas e justificativas”.

Nesse sentido, refletir sobre o “politicamente correto na literatura infantil” é desafiador no sentido de que, culturalmente, busca-se, através de histórias infantis, mostrar as crianças somente sentimentos bons, modelos de conduta “ideais” e valores construídos historicamente.

Com isso, pensar sobre o politicamente correto na literatura infantil, nos remete ao início da história da infância na qual as crianças não possuíam direitos e eram consideradas adultos em miniatura. Além disso, eram educadas pelos familiares, mais precisamente pela mãe até o momento em que a mesma se inseriu no mercado de trabalho, despertando assim a

necessidade de se criarem espaços para que essas crianças ficassem enquanto a mãe trabalhava.

Porém, com o passar dos tempos, o entendimento sobre a infância passa por mudanças de acordo com a visão da sociedade, que por sua vez começa a ver as crianças como sujeitos pertencentes à sociedade, e que elas encontram-se inseridas em uma cultura que lhe dá, além de deveres, também direitos, ou seja, essas crianças começam a ser inseridas na sociedade, também como sujeitos com identidade.

Conforme Zilberman (1985) é somente na Idade Média que surge a compreensão da necessidade que as crianças possuíam em ser tratadas de modo diferente, de acordo com seus interesses e necessidades, tudo isso em decorrência de uma nova visão de família, a qual prezava pelos sentimentos afetivos e pela intimidade entre os membros desse grupo. Além disso, surgiu também a necessidade de que se escrevesse para as crianças para educá-las moralmente.

Dessa forma, se o intuito inicial da literatura era educar as crianças moralmente, nada melhor que escrever obras como contos de fadas e fábulas que transmitissem os valores culturais às crianças. Nesse sentido, a literatura assumiu uma aparência didática, contrariando o real papel designado a ela. Para Facco (2009, p. 207), a leitura desses gêneros literários deveria ser entendida como uma forma de transmitir “conhecimentos e cultura, de geração para geração”, enriquecendo a cultura das pessoas.

Convém enfatizar que, no decorrer dos tempos, à questão do politicamente correto foi contagiando o cotidiano da sociedade a ponto de fazer com que muitos contos, cantigas e fábulas fossem revisados (BRENMAN, 2012). Essas revisões tinham como objetivo eliminar qualquer expressão politicamente incorreta. Entre as obras que sofreram mudanças estão: Chapeuzinho Vermelho, a Branca de Neve, a Cantiga Atirei o Pau no Gato.

Com relação à repercussão disso nas escolhas das professoras na escola, houve uma boa aceitação, afinal, é menos trabalhoso dispor obras politicamente corretas que não desperte questionamentos e reflexões para as crianças do que oferecer histórias que estimulem a curiosidade das crianças de modo que os educadores tenham que falar sobre assuntos considerados “inadequados” para crianças. Além disso, muitas vezes os professores estão despreparados para tal problematização justamente pelo fato de que o politicamente correto sempre fez parte de suas vidas e se desviar desse caminho vai contra aos princípios idealizados pela sociedade tradicionalista.

De acordo com Facco (2009), essa atitude de controle social realizada nos contos é equivocada pelo fato de serem necessários, na forma original, às crianças para que se sintam

seguras. Com isso, será que existe uma verdade absoluta a ser revelada as crianças? Ninguém é dono da verdade, porém as crianças precisam saber da realidade para que sejam capazes de formular uma opinião própria. De nada adianta mostrar a realidade de forma superficial. As crianças precisam dessas vivências comoventes presentes nos contos para que possam estar cientes dos contratempos corriqueiros.

Afirmo isso com um trecho de Abramovich (1997, p. 99), aonde ela pontua que “o que não faz sentido é abordar uma questão de modo superficial, contar uma história de modo mascarado, maquiado, pretensamente facilitado”. Na verdade, o que se espera de uma história, é que faça a criança ampliar suas perspectivas através do mundo da imaginação e dessa forma possibilitando que a mesma construa suas próprias concepções.

Com isso, desde seu surgimento até os dias atuais, pesquisas e debates vêm envolvendo a temática da literatura infantil e sua real função, de modo que já é possível ver a mesma quebrando a barreira do politicamente correto. Essas investigações e reflexões visam buscar um entendimento sobre qual a importância da literatura infantil na formação das crianças e qual a melhor forma de se explorar essas obras sem que as mesmas se tornem um pretexto ou que faça as crianças sentirem-se discriminadas por não se identificarem com as histórias.

Porém, para que se possa chegar a respostas concretas e significativas é necessário, antes de qualquer reflexão, considerar, com base em Facco (2009), que a criança não é uma folha em branco a ser preenchida (John Locke¹⁵), muito menos um sujeito inocente a ser zelado (Rousseau¹⁶). Dessa forma, pode-se afirmar que a busca de uma literatura infantil voltada ao politicamente correto é dispensável às crianças.

Atualmente é visível em muitas obras literárias voltadas a educação infantil, problemas sociais existentes na sociedade que até então não eram expostos às crianças. Essa exposição do real através das histórias infantis instigam as crianças a refletirem, a identificarem-se, a questionarem o porquê de tais ideias, e sem dúvidas esse avanço têm muito a contribuir na formação delas.

Quando falo em problemas sociais existentes na sociedade, me refiro as mais diversas formas de discriminação (raça, classe social, orientação sexual, etc.), porém gostaria de frisar uma em especial que é o não reconhecimento das famílias homoparentais como entidade familiar. Isso se justifica, talvez, pelo fato de que, aqui no Brasil, houve um significativo

¹⁵ John Locke - Filósofo inglês, iniciador do Iluminismo.

¹⁶ Jean-Jacques Rousseau – Filósofo, teórico político e escritor suíço.

período de censura contra obras que fugissem do politicamente correto, e com isso, durante muito tempo camuflou-se tais realidades.

Como podemos observar, essa cultura do politicamente correto influencia em nossas atitudes até os dias atuais, e continuará assim se não forem quebrados alguns tabus existentes em nossa sociedade. É corriqueiro nos depararmos com situações que nos exijam um posicionamento quanto à maneira certa ou errada de agirmos diante da mesma.

Segundo Brenman (2012), essa concepção do “politicamente correto” foi criada para controlar a vida das pessoas, com isso ela sempre fez parte da história da humanidade, de tal modo que tudo que não se encaixar nessas normas e padrões acaba por ser censurado.

Nesse sentido, busca-se afastar das crianças tudo o que poderia ameaçá-las, descontrolá-las, inquietá-las como: as desigualdades, a sexualidade, as famílias homoafetivas, as separações, entre outras tantas. Porém, essa superproteção somente adia o contato delas com a diversidade, tornando-as pessoas submissas e incapazes de conviver com as diferenças.

Nesse sentido, dizer que o contato frequente com histórias infantis perfeitas demais é como consumir “sanduíches *fast-food*, se consumidos de vez em quando, não afetam o organismo humano” (BRENMAN, 2012, p. 151), porém o contato excessivo com os mesmos podem causar sérios danos. Com isso, levanto a seguinte indagação: será que é preciso explorar somente livros politicamente corretos para que as crianças aprendam a discernir o que é conveniente ou não? Não. Elas precisam de muito mais que isso, é preciso o contato com a diversidade, para que possam encontrar as respostas as suas inquietações.

Conforme ressalva feita nas considerações iniciais desse trabalho, trazer para o debate a temática das famílias homoparentais em livros de literatura infantil é sem dúvidas uma forma de romper com a hegemonia do politicamente correto. Para Facco (2009), ainda é uma regra dificultar o acesso a obras que retratam as novas configurações familiares por parte das crianças pequenas em decorrência dos padrões sociais ainda existentes, e apesar de alguns avanços nessa questão, ainda não está ocorrendo da forma esperada. A mesma frisa ainda que para atingir o ideal é necessário que todas as configurações familiares sejam mostradas nas histórias de modo igualitário.

Enfatizo isso, pois acredito que quebrando com esse tabu haverá menos preconceito ao próximo, mais respeito às diferenças e adultos e crianças mais felizes por sentirem-se parte integrante da sociedade. Além disso, se cada pessoa, independente de suas crenças e ideologias, buscasse compreender o porquê é importante respeitar as diferenças nas configurações familiares, acredito que às famílias homoparentais passariam a ser vistas como entidade familiar com maior facilidade. É de extrema relevância que a literatura infantil

continue cutucando em temáticas como essa, auxiliando na formação de crianças que respeitem as diferenças.

Para finalizar, na próxima seção dessa pesquisa abordo a importância de serem abordadas as novas configurações familiares na Educação Infantil.

2.6 A IMPORTÂNCIA DE SEREM ABORDADAS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos.

(CAVALCANTI, 2002, p. 12)

Abordar as novas configurações familiares na literatura infantil não é uma tarefa tão fácil quanto parece, principalmente porque surgiu devido à necessidade de se transmitir valores e concepções às crianças pela necessidade de serem tratadas de forma diferenciada, não mais como adultos em miniatura.

Conforme destaque de Vidal (2008, p. 43), “a literatura infantil teve suas origens nas histórias de adultos, sendo que estas passaram por adaptações para serem contadas as crianças, até chegarem ao status de histórias específicas à infância”. Estas adaptações foram realizadas no sentido de dar pureza e simplicidade às histórias, além de torná-las politicamente corretas, ou seja, de acordo com as exigências da sociedade.

Nesse sentido, ainda é perceptível até os dias atuais a utilização da literatura como pretexto e transmissão de conhecimento, deixando de ser um momento prazeroso de construção e ampliação do conhecimento por parte das crianças. Conforme pontua Abramovich (1997, p.16), “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

A literatura deixa de ter essa função toda vez que, após a contação, seja solicitado um trabalho de perguntas e respostas tão tradicional no cotidiano escolar ou que seja solicitado fazer uma ficha de leitura, por exemplo. Para ser uma leitura prazerosa e significativa precisa estar adequada aos interesses das crianças, veiculada ao cotidiano e a realidade delas, necessita ainda trazer elementos conhecidos e desconhecidos para que elas possam relacioná-los e construir sua própria opinião sobre eles.

Além disso, para que as crianças percorram este caminho, é necessário oferecer a elas muito mais que uma literatura inocente e fácil de entender. É preciso mostrar que existem outras realidades, que nem sempre existem finais felizes, que há pessoas más e boas, que nem todo mundo é da mesma cor e da mesma classe social e que família não se restringe apenas a pai, mãe e filhos, mas que existem outras configurações familiares.

Quando faço essa colocação refiro-me ao fato de que nesse período a criança está em formação de conceitos e não vê nada com olhar de maldade como acontece com os adultos. Assim sendo, esse é o melhor momento para que se provoquem reflexões sobre a realidade para que ela construa sua própria opinião sem ancorar-se em preconceitos e imposições da sociedade. Conforme afirma Facco (2009, p.232) nesse período “as crianças [...] ainda ignoram as convenções e as regras que ditam à sociedade o que é certo e o que é errado, têm a capacidade de ‘inventar moda’”, ou seja, as crianças criam o que é correto ou não para elas, tornando-se cidadãos críticos e reflexivos.

Analisando os referenciais selecionados para a realização dessa pesquisa, é visível já um grande número de produções a respeito das novas configurações familiares na literatura infantil não somente por pesquisadores, mas também em obras literárias. Os números são bem significativos apesar de que “ainda hoje, os livros infantis são escritos sob a supervisão de adultos e devem contribuir para o bem-estar espiritual da criança” (VIDAL, 2008, p.45), fator esse que não sofreu alterações desde o surgimento da literatura infantil.

Nesse sentido, convém frisar que a sociedade (escola, pais, religiões, crianças, etc.) necessita entender que a temática homoafetiva com base na literatura não vem para incentivar as crianças a serem homossexuais ou para dizer que uma família é a correta e a outra não, mas que a sua real função é “tentar desconstruir essa ideia negativa sobre o homoafetivo e estimular um possível desabrochar da tolerância contribuindo para minimizar o alto grau de violência, discriminação, que indivíduos homoafetivos sofrem” (MACHADO, 2014, p. 2).

Porém, convém ressaltar que nem toda a sociedade é preconceituosa, nem todos discriminam e julgam que exista somente uma constituição familiar, isso tudo devido à função que a linguagem exerce sobre as pessoas. Tal destaque é feito, pois acredito que a linguagem vai muito além do diálogo e da expressão, ela permite que as pessoas se descubram e se adaptem a realidade (ARGÜELLO, 2005).

Desse modo, por que não investir na linguagem para abordar as novas configurações familiares na Educação Infantil? Sem dúvidas esse investimento é indispensável, pois a linguagem é o espelho do ser humano é através dela que as pessoas expõem e criam seus sentimentos, suas ideologias. Com isso, nada melhor do que começar por ela essa mudança na

forma de pensar as famílias no contexto atual, de modo a incentivar novas formas de pensar e agir nesta sociedade das diversidades.

Cabe observar que debater as novas configurações familiares desde a Educação Infantil é de suma importância, pois diariamente elas estão expostas a situações que mostram a realidade, seja através de novelas ou nas ruas. Não existe uma idade adequada para trabalhar determinados assuntos com as crianças, porque a sociedade das diferenças se apresenta diariamente a elas. Nesse sentido, é inadmissível o resguardo das crianças com relação aos relacionamentos homoafetivos, principalmente, porque se tal temática não for apresentada a elas de forma positiva, a mesma será compreendida com hostilidade (FACCO, 2009).

Portanto, nada melhor que utilizar o espaço da escola para iniciar essas reflexões sem alienar-se à realidade social, pois “a escola é um espaço onde várias culturas se encontram, onde vários pensamentos, comportamentos e discursos estão circulando e confrontando-se entre si” (MACHADO, 2014, p. 3). Em outras palavras, quero dizer que é necessário oferecer às crianças uma literatura que apresente as famílias homoparentais e todas as outras que fogem ao padrão imposto pela sociedade como uma estrutura familiar natural, de modo a estimular o respeito em relação às demais diversidades existentes em nossa sociedade.

No capítulo a seguir, analiso algumas obras literárias relacionadas às novas configurações familiares, mais especificamente as famílias homoparentais, debatendo e refletindo algumas questões e elementos importantes através dos textos e das imagens que os mesmo trazem. Além disso, apresento os caminhos investigativos dessa pesquisa.

3 METODOLOGIA

3.1 CAMINHOS INVESTIGATIVOS DA PESQUISA

Durante uma pesquisa é necessário delinear alguns direcionamentos a serem seguidos para que se possa obter o maior número de informações e embasamentos que deem consistência a mesma. Com isso, para desenvolver este estudo foi necessário primeiramente buscar e selecionar materiais envolvendo a temática (artigos, livros, documentários, notícias, teses e dissertações).

Convém frisar que a busca desses materiais não foi difícil se considerado que as pesquisas nessa área são recentes, principalmente no âmbito nacional. Tal facilidade é que hoje os debates acerca das diferentes configurações familiares brasileiras estão em seu auge, basta acessar os diferentes meios de comunicação existentes (televisão, internet, revistas, livros, etc.) para coletar informações.

Nesse sentido, após a seleção foi necessário realizar a leitura desses referenciais com o intuito de intera-se dos mesmos, além de buscar elementos significativos para a fundamentação dessa pesquisa de conclusão de curso. As leituras foram organizadas conforme tabelas abaixo:

Tabela 1: Pesquisa Bibliográfica em Livros

Autor	Obra
Lúcia Facco (2009)	Era Uma Vez Um Casal Diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil.
Fanny Abramovich (1997)	Literatura Infantil: gostosuras e bobices.
Philippe Aries (1981)	História Social da Criança e da Família.
Ilan Brenman (2012)	A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil.
Friedrich Engels (1984)	A origem da família, da propriedade privada e do Estado.
Nayara Hakime Dutra Oliveira (2009)	Recomeçar: família, filhos e desafios.
Alexandre Bortolini Maria Mostafa Melissa Colbert Pedro Paulo Bicalho	Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola.

Roney Polato Thiago Félix Pinheiro (2014)	
Jacques Donzelot (1980)	A Polícia das famílias.
Regina Zilberman (1985)	A literatura infantil na escola.
Jimena Furlani (2011)	Educação Sexual na Sala de Aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnica – racial numa proposta de respeito às diferenças.
Nelly Novaes Coelho (2000)	Literatura Infantil: teoria, análise, didática

As obras literárias destacadas tratam de pontos essenciais para construir reflexões com relação ao tema das novas configurações familiares, pois pensar sobre as famílias homoparentais requer compreender a história da família a qual engloba também a questão do surgimento da infância. Além disso, alguns desses livros abordam a literatura infantil que contribui na formação social, cognitiva e afetiva das crianças em uma sociedade onde o politicamente correto é considerado como norma a ser seguida e respeitada por todos.

Nesse sentido, convém dizer que Facco (2009) é a chave para compreender a temática dessa pesquisa, pois a mesma engloba em sua obra educação, homossexualidade e literatura. Nesse sentido, a autora problematiza de modo positivo a importância da literatura infantil como forma de controle do preconceito e da discriminação com relação às novas configurações familiares. A obra traz alguns exemplos de histórias que podem ser trabalhadas na educação infantil, além de um caderno de atividades destinado aos professores para orientá-los quanto a possíveis maneiras de se desenvolver um trabalho de orientação sexual com as crianças.

Por sua vez, Abramovich (1997) traz elementos essenciais para refletir sobre a importância da literatura infantil na formação de sujeitos críticos e leitores. A autora dá dicas de como apreciar as obras literárias com as crianças em sala de aula, seja através das ilustrações ou do texto escrito. Enfatiza ainda que independente do tema escolhido, ele precisa ser trabalhado com verdade e sentimento para que a criança possa viajar pelo mundo da imaginação, tirando suas próprias conclusões sobre a história.

A obra “História Social da Criança e da Família” de Philippe Aries (1981) faz uma contextualização ampla da história da criança na sociedade e no contexto familiar. No decorrer da obra é bem visível que a criança era vista como um adulto em miniatura e a família era composta pelo casal e seus filhos. Com o passar dos tempos iniciam mudanças tanto para as crianças quanto para a família decorrente das sociedades industriais e a escola

substitui a aprendizagem como meio de educação, assim sendo, a família começa a se organizar de modo a dar maior importância às crianças.

Ilan Brenman (2012) em “A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil” traz contribuições valiosas no que se refere à importância de se trabalhar com as crianças histórias que fujam as normas e padrões exigidos pela sociedade conservadora. Além disso, a obra contextualiza sobre as adaptações feitas em histórias infantis de modo a eliminar qualquer vestígio de problemas sociais nas mesmas.

Já Friedrich Engels (1984) enfatiza que há muitos anos atrás os seres humanos viveram em promiscuidade de modo que essas relações eliminavam qualquer possibilidade de formação familiar, pois as únicas progenitoras da espécie humana são as mulheres. Nesse sentido, a obra se centraliza na origem da família desde os estágios pré-históricos até a civilização.

A obra “Recomeçar: família, filhos e desafios” de Oliveira (2009) contribui para essa pesquisa, pois a mesma produz reflexões acerca das configurações familiares existentes na sociedade contemporânea e os motivos que ocasionaram essas transformações nas organizações familiares atuais.

O livro “Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola” de Bortolini et al (2014) foi desenvolvido com base no Projeto Diversidade Sexual na Escola, o qual tinha por objetivo principal propiciar formação de professores e alunos da educação básica. Nesse sentido, a obra propõe uma reflexão sobre as diferentes formas de preconceito, violência e discriminação existentes na escola que podem ser mudadas através de uma prática pedagógica transformadora.

Como contribuição para essa pesquisa a obra “A Polícia das famílias” enfatiza sobre as conspirações e armadilhas da sociedade à família no momento em que a mesma é amparada por uma ação política. Esse apoio advém de diferentes campos: Medicina, Psicanálise, Assistência Social, Educação, entre outros.

O livro de Regina Zilberman (1985), a qual trata sobre a “Literatura infantil na escola”, proporciona uma melhor compreensão acerca de histórias infantis brasileiras, principalmente no que se refere à variedade de modelos estruturais da realidade.

Já a obra “Educação Sexual na Sala de Aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico – racial numa proposta de respeito às diferenças”, da escritora Jimena Furlani, apresenta como a Educação Sexual pode ser trabalhada nas escolas em todos os níveis de ensino. O livro traz grandes contribuições devido ao fato de problematizar as

práticas educativas e suscitar inquietações em prol de uma educação que respeita as diferenças.

A pesquisa bibliográfica em livros finda com Nelly Coelho (2000), a qual aborda a literatura infantil e juvenil em seu processo de evolução que inicia com a literatura tradicional até a literatura contemporânea dentro das relações culturais de cada período (linguagem, importância, intenção, etc.). A pesquisadora proporciona uma série de reflexões com relação a essa evolução da literatura e seus benefícios aos leitores e ouvintes.

Na sequência, foi necessário iniciar as pesquisas sobre a temática em artigos científicos expostos na tabela abaixo que contribuíram com vários elementos durante a fundamentação e reflexão a respeito das novas configurações familiares na literatura infantil.

Tabela 2: Artigos

Autor	Obra
Anderson Ferrari (2012)	Cultura visual e homossexualidades na constituição de "novas" infâncias e "novos" docentes.
Bianca Salazar Guizzo João Carlos Amilibia Gomes (2013)	Representações de homoparentalidade na mídia: configurações familiares contemporâneas.
Marlos José Lima Machado (2014)	Famílias Homoafetivas na Literatura Infantil: realidade e necessidade.
Cláudia e Silva Pereira Moraes (2012)	A Família Homoparental: uma adaptação ou uma contraposição à norma?
Newton Freire Murce Filho (2013)	Mudanças na estrutura familiar em livros infantis canadenses e brasileiros altamente recomendados.
Antônio de Pádua Dias da Silva (2011)	Uma nova configuração na literatura infantil brasileira: o discurso de e sobre a homoafetividade e a família homoparental.
Rosa Maria Hessel Silveira Gládis E. da Silva Kaercher (2013)	Dois pais, duas mães: novas famílias na literatura infantil.
Alexandre Toaldo Bello (2013)	“As meninas são tuas princesinhas... Os meninos, teus reizinhos... E eu? Eu não sou nada!”
Suyan Ferreira (2013)	“Quando mamãe e papai se apaixonaram”: representações familiares em livros literários contemporâneos.
Bianca Salazar Guizzo	Infâncias, Gênero e Sexualidade: articulações

Dinah Quesada Beck Jane Felipe (2013)	possíveis.
Elizabeth Zambrano (2006)	Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais.
Jimena Furlani (2015)	“Ideologia de Gênero”? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha.

A pesquisa intitulada “Cultura visual e homossexualidades na constituição de ‘novas’ infâncias e ‘novos’ docentes”, de Ferrari (2012), busca, no campo educacional, fazer articulações entre a cultura e as sexualidades com base em um documentário sobre famílias homoparentais nas escolas. Explora ainda a educação articulando-a aos processos de formação dos sujeitos primeiramente através de discursos e imagens que surgem no interior das escolas e num segundo momento realiza uma problematização acerca dessas relações e tantas outras.

A produção “Representações de homoparentalidade na mídia: configurações familiares contemporâneas” de Guizzo e Gomes (2013) problematiza a maneira como a mídia vem representando a homoparentalidade através de algumas reportagens de 2012 relacionadas à temática. Os resultados advindos dessa análise enfatizam que, ao mesmo tempo em que as famílias homoparentais estão ganhando espaço na mídia, ainda é perceptível discursos tradicionalistas que as consideram como “exóticas”.

Marlos José Lima Machado (2014), autor da pesquisa “Famílias Homoafetivas na Literatura Infantil: realidade e necessidade” ressalta sobre a necessidade de se trabalhar com as crianças obras literárias com temática homoafetiva com o objetivo de, a partir desse contato, desenvolver a tolerância com relação a essas obras.

O artigo de Moraes (2012) denominado “A Família Homoparental: uma adaptação ou uma contraposição à norma?” analisa teoricamente a família homoparental no contexto atual, ou seja, o mesmo expõe uma reflexão fundamentada a respeito da teoria *Queer* e dos estudos sobre lésbicas e gays nas relações familiares tradicionais.

A pesquisa de Murce Filho (2013), que possui como tema “Mudanças na estrutura familiar em livros infantis canadenses e brasileiros altamente recomendados”, expõe os resultados de uma pesquisa sobre obras literárias altamente recomendadas e as discrepâncias e semelhanças entre obras literárias canadenses e brasileiras, sendo que tal projeto recebeu apoio de uma instituição brasileira e duas canadenses.

Por sua vez, Silva (2011), autor de “Uma nova configuração na literatura infantil brasileira: o discurso de e sobre a homoafetividade e a família homoparental”, confronta a atual literatura infantil estrangeira com a brasileira através dos personagens, da linguagem e da faixa etária do leitor relacionando-as questões homoafetivas.

O artigo de Bello (2013), publicado no livro “Infâncias, gênero e sexualidade - nas tramas da cultura e da educação”, retrata sobre a infância “como uma construção histórica” (p. 46) e o modo como ela vem sendo representada no decorrer dos tempos (avanços, rompimentos, progressos e retrocessos).

Na pesquisa “Quando mamãe e papai se apaixonaram”: representações familiares em livros literários contemporâneos”, Suyan Ferreira (2013) traz importantes considerações sobre os momentos de contação de histórias em sala de aula envolvendo livros de literatura infantil com histórias e imagens representando relações amorosa diferentes das tradicionais.

A produção “Infâncias, Gênero e Sexualidade: articulações possíveis” de Guizzo, Beck e Felipe (2013) enfatiza sobre a visibilidade que as infâncias tem conquistado nas últimas décadas, principalmente no que se refere aos direitos, gênero e sexualidade.

Jimena Furlani (2015), em “‘Ideologia de Gênero’? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha”, critica e explica os equívocos cometidos e escritos em uma Cartilha com relação aos Estudos de Gênero, a qual enfatiza que a inserção da temática de gênero nos Planos Municipais e Estaduais de Educação é uma ameaça a toda a sociedade brasileira é o fim da família.

O artigo “Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais”, de Elizabeth Zambrano (2006), possui como propósito mostrar como o núcleo familiar tradicional influencia na atualidade na questão da construção das parentalidades. Ressalta ainda que um dos desafios atuais é desconstruir afirmações ultrapassadas, para reconhecer essas famílias em nossa sociedade.

Para completar a lista de artigos, a pesquisa denominada “Dois pais, duas mães: novas famílias na literatura infantil” de Silveira e Kaercher (2013) faz uma análise das publicações posteriores a 2007 referentes às famílias homoparentais e como estas vêm sendo expostas nas publicações. Os resultados dessa pesquisa enfatizam a assiduidade de assuntos como cuidado com a casa e os filhos, e a felicidade da família, sendo que somente duas dessas histórias fugiram desse padrão, pois as mesmas buscaram trabalhar as indagações das crianças relacionadas à sua origem e ao amor.

Tabela 3: Dissertações

Autor	Obra
Fernanda Fornari Vidal (2008)	Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas: os "novos contos de fada" ensinando sobre relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade.
Ana Paula de Sousa (2008)	Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar.
Yáskara Arrial Palma (2011)	Mamãe... e mamãe? Apresentando as famílias homomaternais.
Zandra Elisa Argüello (2005)	Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil.
Daniela Finco (2004)	Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Pré – escola.

A dissertação “Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas: os ‘novos contos de fada’ ensinando sobre relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade” de Vidal (2008) é organizada em seis capítulos, de modo a analisar as relações de sexualidade e gênero e as representações de infância nos contos de fadas atuais. Os resultados dessa pesquisa mostram que os contos de fadas da atualidade tratam de modo mais aberto essas questões, ensinando inclusive outras maneiras de ser criança.

A pesquisa “Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar” de Sousa (2008) contextualiza o processo histórico da família e as transformações ocorridas no decorrer dos tempos. Além disso, a autora analisa o processo de organização das famílias monoparentais masculinas e femininas, buscando compreender se a questão de gênero influencia nos resultados familiares.

Yáskara Arrial Palma (2011) trata em sua pesquisa “Mamãe... e mamãe? Apresentando as famílias homomaternais” de famílias compostas por mulheres lésbicas e mães. A problematização discorre através de três artigos que buscam deixar homens e mulheres em grau de igualdade para obterem reconhecimento e respeito perante a sociedade.

A autora Daniela Finco (2004), em sua dissertação de mestrado, faz uma discussão com relação às brincadeiras entre meninos e meninas e a troca de papéis nas mesmas (“certo”

ou “errado” para cada sexo). Além disso, a pesquisa enfatiza sobre os receios e aflições dos educadores da Educação Infantil diante das questões de gênero. Nesse sentido, a autora provoca uma série de reflexões relacionadas às práticas pedagógicas sobre gênero na infância.

A pesquisa de Argüello (2005) intitulada “Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil” almeja entender quais as definições de gênero entre crianças da Educação Infantil em instituição de ensino particular através de obras literárias infantis que problematizam conteúdos de gênero. A pesquisadora salienta que é de suma importância realizar esse tipo de trabalho tanto com crianças e seus educadores como também com as pessoas que produzem esses materiais a elas.

Tabela 4: Teses

Autor	Obra
Suyan Maria Ferreira Pires (2009)	"Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...": o amor romântico na literatura infantil.

A tese de Pires (2009) apresenta como ocorrem as representações das relações românticas em obras literárias contemporâneas. Com base nas investigações realizadas pela pesquisadora, a mesma conclui que ainda é muito visível em histórias infantis a questão das relações amorosas veiculadas a ideia de casamento.

Tabela 5: Documentários

Autor	Obra
FLG Associació Famílies LGTB (2013)	Right 2 Love (Documental)
Põe Na Roda (2014)	Os nossos Filhos
FLG Associació Famílies LGTB (2011)	Homo Baby Boom

O documentário Right 2 Love (2013) é uma produção da Associação de Famílias de Gays e Lésbicas da Catalunha, na direção de Adaís Teruel. O vídeo mostra o cotidiano de sete famílias da Europa, suas angústias, alegrias, conquistas e desafios em busca da felicidade como qualquer outra família.

O vídeo “Os nossos filhos” (2014) fala sobre as diferentes formas de se constituir uma família. Enfatiza ainda algumas formas existentes para realizar o sonho de ter filhos (adoção,

inseminação, etc.) e os preconceitos e desafios enfrentados com relação à educação e a criação dessas crianças. Enfim, o documentário pretende mostrar que há várias formas de pessoas do mesmo sexo ou apenas uma pessoa constituir uma família.

Por sua vez, o documentário “Homo Baby Boom” (2011) produção de Anna Boluda retrata a vida de seis famílias homoafetivas da Catalunha e de Valência (três casais de mães lésbicas e três famílias de pais gays). Os mesmos contam como conseguiram ter filhos, as situações vividas e como enfrentaram as alterações legais de 2005 que permitiu o casamento e a adoção para casais homossexuais.

Na próxima etapa realizarei a explanação das histórias que serão analisadas durante a realização dessa pesquisa.

3.2 ABRINDO OS LIVROS

O corpus de análise dessa pesquisa é composto pelas obras expostas abaixo, sendo que todas as histórias estão voltadas a temática das famílias homoparentais. Nesse sentido, apresento nesse momento a capa dos livros e uma breve sinopse de cada história a fim de familiarizar o leitor (a) com os mesmos.

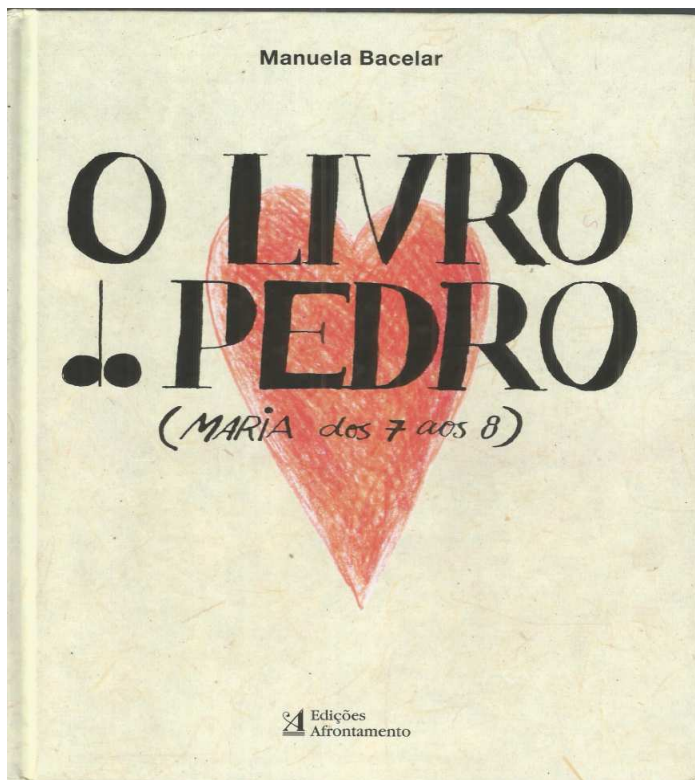
Figura 10: Capa do livro *Olívia tem dois papais* de Márcia Leite



Fonte: LEITE (2010).

A obra “Olívia tem dois papais”, da autora Márcia Leite, conta a história de uma menina chamada Olívia que possui dois papais que lhe dão amor, carinho e atenção. Olívia utiliza toda a sua esperteza para através das palavras “entediada”, “desfalecendo” e “intrigante” para conquistar suas vontades e buscar respostas para suas inquietações. No decorrer da obra fica evidente, através das brincadeiras da menina, que a opção sexual dos pais não interfere na sexualidade de Olívia e fica muito feliz em poder sair com seus pais para comprar maquiagem e perfumes indispensáveis para meninas. Porém, ganhar presentes era apenas uma das coisas que ela gostava, até porque Olívia gostava muito mais de seus dois papais, Luís e Raul.

Figura 11: Capa do livro O livro do Pedro de Manuela Bacelar



Fonte: BACELAR (2008).

“O Livro do Pedro”, da escritora Manuela Bacelar, relata a história de uma mulher chamada Maria que está grávida. Ela conta pela 73ª vez a história de uma menina muito feliz para sua filha. Maria possui dois papais: Paulo e Pedro e duas avós, uma mora na cidade e outra em uma aldeia muito distante. A menina Maria tinha uma vida muito tranquila, ia à escola, tinha amigos, em alguns finais de semana dormia na casa deles e vice-versa. Adorava cozinhar e passear com seus dois papais. Maria ainda não escolheu o nome da criança que

nascerá, mas será Pedro ou Paula, enquanto Maria e seu marido estiverem na maternidade, a menina ficará com os avôs Pedro e Paulo. Somente retornará para casa quando os pais retornarem com o irmãozinho, e alguns anos depois é sua vez de contar a história a ele pela 73ª vez.

Figura 12: Capa do livro King & King & Family de Linda de Haan e Stern Nijland



Fonte: HAAN; NIJLAND (2004).

A obra “King & King & Family” de Linda de Haan e Stern Nijland conta a história de Lee e Bertie dois reis que casaram e foram viajar em lua de mel para um lugar muito longe de seu reino, levando com eles o seu gato Coroa. Nesse lugar havia muitos animais com filhotes, subiram em árvores, passaram por uma ponte, remaram em um rio, tiraram foto de uma família de hipopótamos e quando a noite caiu o rei Bertie teve a impressão de que estavam sendo seguidos. Bertie tinha um diário de viagem onde anotava os acontecimentos mais marcantes do dia. O rei Lee estava maravilhado com a viagem, enquanto o rei Bertie ficou tocado com a ideia de todos os animais terem filhotes, e também queria um bebê para eles. Quando chegaram em casa após a lua de mel perceberam que a mala estava pesada, ela se abriu e tiveram uma grande surpresa., dentro da mala havia uma menina da floresta. Bertie e Lee ficaram encantados e disseram a ela que era a filha que eles sempre desejaram ter. Então

buscaram todos os documentos necessários para realizar a adoção da menina que a partir de então seria chamada de princesa Daisy e comemoraram com uma grande festa, onde todo mundo se divertiu.

Figura 13: Capa do livro Meus dois pais de Walcyr Carrasco



Fonte: CARRASCO (2010).

A obra literária “Meus dois pais” de Walcyr Carrasco retrata a história de um menino que passa por um momento difícil de sua vida, brigas, discussões e a separação de seus pais. Após isso, a mãe vai morar em outra cidade a trabalho e o menino vai morar com o pai e um amigo, que na verdade é namorado de seu pai. Naldo vive muitos momentos maravilhosos com seu pai e Celso, sua mãe arrumou um namorado (colega de trabalho) na cidade onde estava morando. Aos poucos vai percebendo alguns comentários na escola e o afastamento de alguns amigos, porém não compreende o porquê de tal motivo. O que ele ainda não sabe é que seu pai e Celso são namorados e muitos pais e colegas já sabem disso. Quando descobre a verdade Naldo se revolta com o pai, passa a compreender todos os comentários que já havia ouvido e vai morar com a mãe, além de compreender a preocupação da avó que não aceitava o menino morando com seu pai. Muitas mudanças ocorrem nesse momento de sua vida, mas após uma conversa com sua mãe e durante sua festa de aniversário descobre que o mais

importante era ter uma família, de modo que oferece a primeira fatia do bolo ao namorado de seu pai.

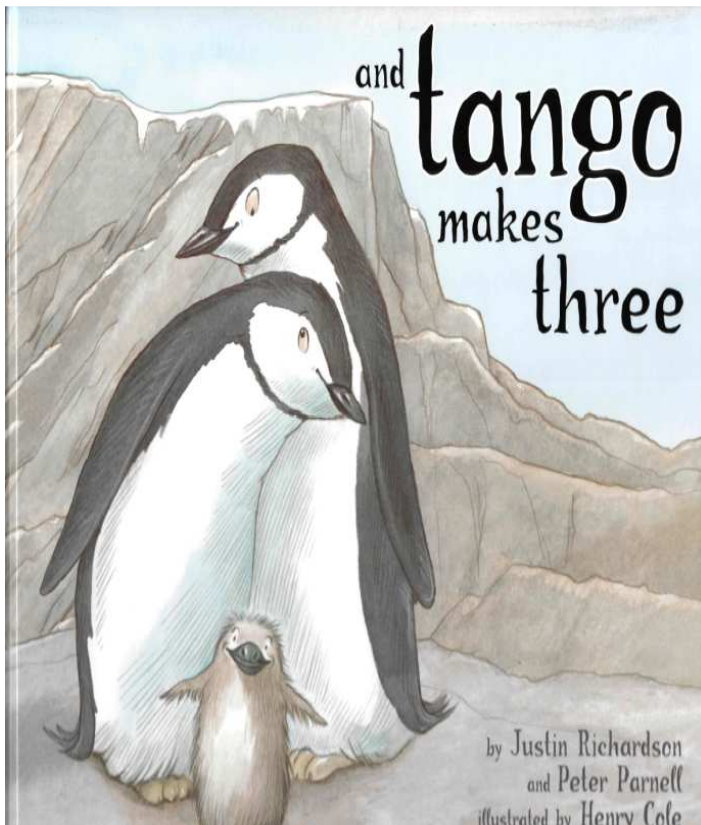
Figura 14: Capa do livro O livro da família de Todd Parr



Fonte: PARR (2003).

Nesta obra “O livro da família”, o autor Todd Parr aborda as diferentes configurações familiares existentes de forma divertida e objetiva para que crianças de qualquer faixa etária consigam compreender. Além disso, o mesmo enfatiza nessa obra questões como diferenças sociais, raciais e culturais e a adoção. É uma verdadeira obra de arte até no quesito ilustração de modo a prender ainda mais a atenção dos leitores.

Figura 15: Capa do livro And Tango makes three de Justin Richardson e Peter Parnell

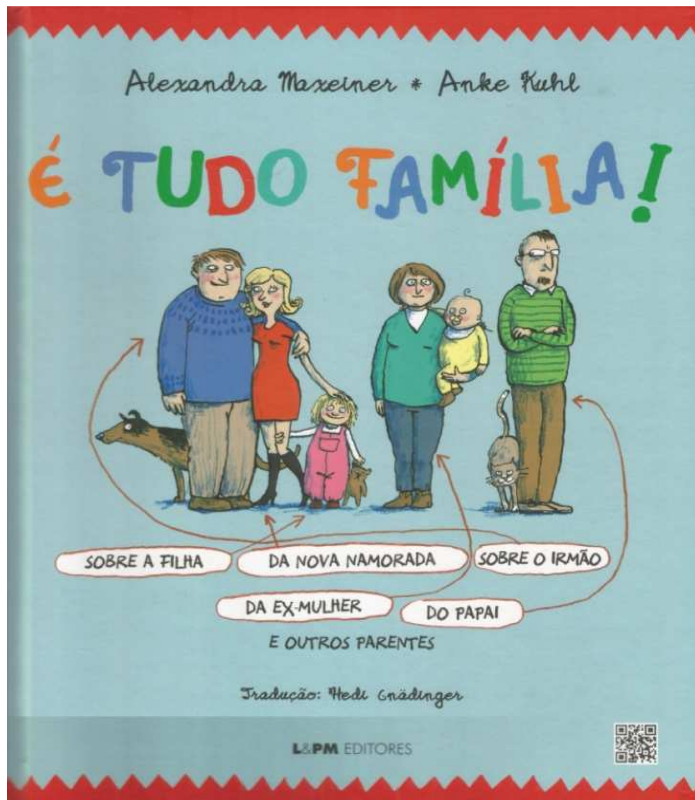


Fonte: RICHARDSON; PARNELL (2005).

O livro “And Tango makes three” de Peter Parnell e Justin Richardson retrata a história de dois pinguins Roy e Silo que viviam em um zoológico no Central Park, localizado na cidade de Nova York. O zoológico recebia diariamente visita de muitas famílias que iam para ver os animais que viviam lá. Entre esses animais havia muitas famílias de pinguins que, em uma determinada época do ano, fêmeas e machos da espécie se notavam e formavam um casal. Por sua vez, Roy e Silo eram um pouco diferentes dos demais pinguins, apesar de serem machos não passavam muito tempo com as fêmeas, adoravam nadar e caminhar juntos e cantavam um para o outro. Observando os outros pinguins do zoológico, Roy e Silo repararam que eles faziam casas e decidiram construir um ninho com pedras para que pudessem dormir juntos como os outros casais. Certo dia, perceberam que não podiam fazer uma das coisas que os outros casais faziam, eles não poderiam ter um ovo para cuidar até nascer um bebê pinguim e depois poder cuidá-lo, alimentá-lo, etc. Então Roy achou algo parecido com o que os outros pinguins tinham no ninho, os dois cuidaram, mas nada acontecia porque era apenas uma pedra e não um ovo. Mr. Gramzay, um dos tratadores do zoológico que já sabia que os dois pinguins eram um casal, trouxe ao ninho de Roy e Silo um ovo de verdade que necessitava de cuidados, e isso eles fizeram muito bem, um dia cada um

até que o bebê pinguim nasceu. O filho de Silo e Roy recebeu o nome de Tango, e foi o primeiro pinguim do zoológico a ter dois papais e ter uma vida normal como as outras famílias.

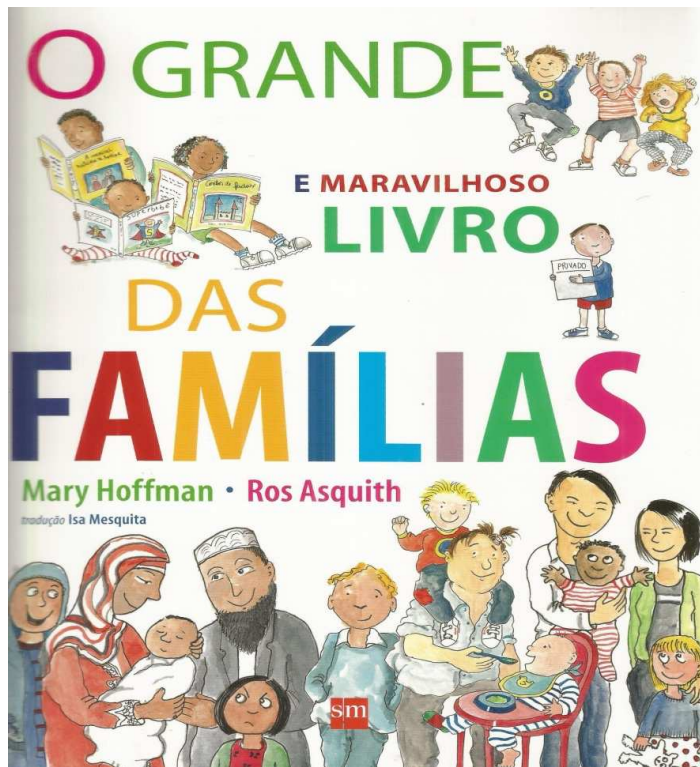
Figura 16: Capa do livro *É tudo família* de Alexandra Maxeiner



Fonte: MAXEINER (2013).

Esta publicação possui o intuito de contribuir para que as crianças aprendam, desde cedo, a conviver e respeitar as diferentes configurações familiares existentes em nossa sociedade, principalmente porque não há apenas uma maneira de ser família. O livro possui muitas ilustrações que auxiliam na hora de explicar às crianças as diferentes formações familiares (tradicionais, formadas por tios, avós, dois pais ou duas mães, um pai ou uma mãe com seus filhos, crianças oriundas de adoção, etc.). Além disso, é possível, com essa história, obter uma breve noção de como eram as famílias desde os tempos primitivos até o momento atual, também como fazer com que as crianças se sintam a vontade diante do seu contexto familiar. Afinal, todos pertencem a uma família, e cada uma com suas particularidades.

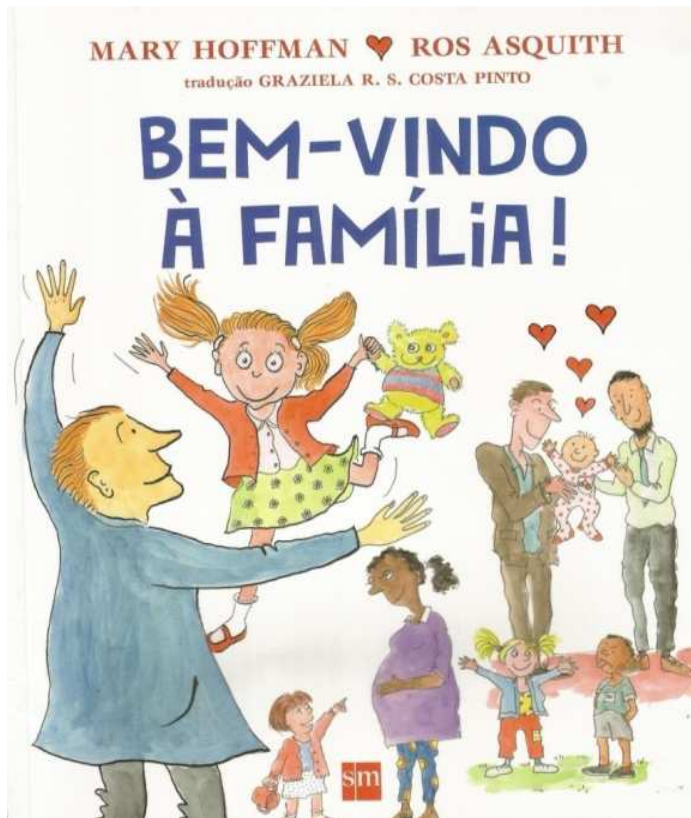
Figura 17: Capa do livro O grande e maravilhoso livro das Famílias de Mary Hoffman e Ros Asquith



Fonte: HOFFMAN; ASQUITH (2011).

Esta produção literária mostra as diferentes formas de se viver em família seja em sua configuração, nos locais em que moram, na escola que as crianças frequentam ou não, no trabalho que possuem ou na falta dele, como usufruem das férias ou momentos de descanso, o que gostam de comer e vestir, se possuem ou não bichos de estimação, modos de se divertir e se locomover durante seu cotidiano. Além disso, a obra mostra as diversificadas maneiras de demonstrar sentimentos entre os membros da família, deixando evidente que cada uma possui um modo de se organizar e viver diferente da outra, mas que, mesmo assim, são famílias. A partir dessa história é possível realizar muitos debates desmistificando preconceitos.

Figura 18: Capa do livro Bem-Vindo à Família de Mary Hoffman e Ros Asquith



Fonte: HOFFMAN; ASQUITH (2014).

O livro *Bem-Vindo à Família* conta de modo simples as possíveis maneiras de uma criança possuir um lar e uma família seja através de adoção, fusão de famílias, do amor entre casal, do desejo de uma única pessoa ou dois homens e ou duas mulheres em ter filhos(as), enfim, são várias as possibilidades de se dar um lar a uma criança. Enfim, a história frisa que não importa a configuração familiar, muito menos o método usado para se ter um filho, o mais importante é oferecer amor, cuidado, proteção e um lar feliz a essa criança.

Figura 19: Capa do livro Eu tenho duas mães de Márcio Martelli



Fonte: MARTELLI (2010).

A obra relata a história de um menino que possui duas mães e recebeu uma criação baseada no amor, carinho e cuidados. Como ele mesmo conta “tudo é multiplicado por dois” (2010, p. 7). Além disso, no desenrolar da história o garoto descreve o cotidiano de sua família que está a cada dia se tornando mais comum. Com base nessa pequena narrativa é possível provocar no leitor diversas interpretações.

3.3 LENDO TEXTOS E IMAGENS: HISTÓRIAS QUE OS LIVROS NOS CONTAM

A literatura está presente em vários momentos de nossa vida, seja através de histórias contadas ou ouvidas desde a infância e perpassa pelas demais etapas da vida, até porque é através das histórias que “conseguimos entender como se dão as práticas sociais e os significados atribuídos às coisas em nossa sociedade” (PIRES, 2009, p. 67). Com isso, nesta etapa pretendo analisar as obras literárias já destacadas anteriormente.

Após as reflexões e exploração das pesquisas coletadas da mídia (documentários, artigos, dissertações, cenas de novelas, entre outros) e dos livros, foi necessário analisar as histórias que compõem o corpus desse trabalho de conclusão de curso várias vezes para

buscar compreender o que os textos e as ilustrações evidenciam. Afinal, de acordo com Vidal (2008, p. 57) “texto e imagem são textos paralelos, ambos ensinam...”.

Nesse sentido, se é possível aprender através de ambos (textos e imagens) nada mais adequado do que explorá-los em seus mais diversos sentidos e representações para que as crianças possam encontrar respostas, formular conceitos e repensar sobre outros sem seguir padrões de pensamentos pré-estabelecidos pela sociedade.

Convém ressaltar que as histórias analisadas não se encaixam ao modelo tradicional de literatura no qual as crianças estão acostumadas a ouvir (contos de fadas). Além disso, são perceptíveis alguns traços de didatismo nessas obras que, de acordo com Coelho (2000), é uma imposição originária da evolução cultural, social e política da atualidade que busca favorecer uma leitura prazerosa também como estimular o pensamento crítico em seus apreciadores.

Esse pedagogismo deve ser observado com muita atenção por parte do educador para que não estimulem o desinteresse das crianças pelas histórias, principalmente porque o objetivo dessas histórias é ensinar as crianças a respeitar as diferenças. Porém, convém lembrar que apesar da presença do didatismo é possível tornar as histórias atraentes e significativas sem perder a essência.

Ainda, segundo a pesquisadora, a literatura contemporânea continua provocando a imaginação, a alegria e a emoção nas crianças, o que muda é que, ao invés de disseminar valores tradicionais da sociedade, ela busca mostrar novos significados: respeito, solidariedade, valorização do ser, além de provocar reflexões e questionamentos sobre a realidade. Nesse sentido, é conveniente destacar o quadro criado por Coelho (2000) no qual é possível visualizarmos as diferenças entre a literatura tradicional e a contemporânea:

Figura 20: Diferenças entre as literaturas tradicionais e contemporâneas (p. 19)¹⁷

O TRADICIONAL	O NOVO
1. Espírito individualista 2. Obediência absoluta à Autoridade 3. Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser 4. Moral dogmática 5. Sociedade sexófoba 6. Reverência pelo passado 7. Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana 8. Racionalismo 9. Racismo 10. A criança: “adulto em miniatura”	1. Espírito solidário 2. Questionamento da Autoridade 3. Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser 4. Moral da responsabilidade ética 5. Sociedade sexófila 6. Redescoberta e reinvenção do passado 7. Concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial/mutante da condição humana 8. Intuicionismo fenomenológico 9. Antirracismo 10. A criança: ser-em-formação (“mutantes” do novo milênio)

Fonte: COELHO (2000).

Como se pode perceber, há vários pontos relevantes nessas mudanças ocorridas na literatura no decorrer dos tempos como a substituição de personagens individualistas e preconceituosos por representações mais próximas a realidade, as quais substituem o individualismo pela ajuda e igualdade, o preconceito por sua vez começa a ser repensado e dá espaço ao respeito às diferenças.

Além disso, nas histórias da atualidade é possível conhecer novas realidades, novas formas de ser família que não a tradicional, outros modos de ser menino e menina (sem restrições quanto ao gênero), também como a criança passa a ser vista como um ser em constante formação.

As histórias analisadas a seguir são uma demonstração dessas transformações, pois ao mesmo tempo em que trazem famílias tradicionais, mostram também outras configurações familiares, diferentes modos de se viver e gostar de determinadas coisas, o respeito às diferenças, entre outros assuntos que merecem atenção no contexto atual.

Nesse sentido, a questão que conduz esse trabalho é “Como são representadas as famílias homoparentais nos livros de literatura infantil?”. Sendo assim, para buscar possíveis respostas a essa indagação as ilustrações e os textos dessas obras serão explorados com

¹⁷ Quadro tirado da obra: COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

atenção. A seguir, destaco as tabelas com dados importantes das obras que serviram de auxílio para as análises.

As tabelas se organizam de modo a trazer dados como nome da obra, autor(es), ano de publicação, o tema ou assunto central das histórias. Além disso, apresentam os personagens principais, a problemática apresentada pelo(s) autor(es) e a solução ou desfecho de tal problema ressaltado. Tal sistematização serve para aproximar obras com elementos semelhantes e ao mesmo tempo evidenciar questões relevantes, porém não exploradas em todas as obras.

Apesar de todas as obras analisadas apresentarem diferentes configurações familiares, classifico as quatro histórias presentes nas tabelas abaixo por grau de semelhança no sentido de que ambas ressaltam a pluralidade familiar, que vão “além da representação hegemônica da família heterossexual” (FURLANI, 2011, p. 98).

Tabela 6: Dados obra 1

Título	O livro da Família
Autor (a)	Todd Parr
Ano	2003
Tema	Diferenças nas famílias
Personagens	Animais e Pessoas
Problema	Trata de assuntos polêmicos como diferenças sociais, culturais e raciais, além da adoção
Desfecho	Mostra que existem várias formas de ser uma família e que cada uma é especial, independente de suas particularidades

Tabela 7: Dados obra 2

Título	Bem - Vindo à Família
Autor (a)	Mary Hoffman e Ros Asquith
Ano	2014
Tema	Formação e relação familiares

Personagens	Famílias
Problema	Será que duas pessoas que se amam podem querer um filho e construir uma família?
Desfecho	Mostra que a formação familiar e o modo como as crianças chegam até essas famílias não importa. É necessário receber todos de braços abertos

Tabela 8: Dados obra 3

Título	O grande e maravilhoso livro das Famílias
Autor (a)	Mary Hoffman e Ros Asquith
Ano	2011
Tema	Relações Familiares e pluralidade cultural
Personagens	Famílias
Problema	As mudanças no núcleo familiar tradicional no decorrer dos tempos
Desfecho	A diversidade de modelos familiares existentes na atualidade

Tabela 9: Dados obra 4

Título	É tudo Família!
Autor (a)	Alexandra Maxeiner
Ano	2013
Tema	Pluralidade familiar
Personagens	Famílias
Problema	Diversidade de relações familiares que muitas vezes fica difícil as crianças compreenderem
Desfecho	Independente da forma como cada família se configura, dos gostos, dos sentimentos envolvidos é tudo família

Cabe frisar também que as histórias das tabelas 7 e 8 se aproximam por tratarem das mudanças que vem ocorrendo nas configurações familiares no decorrer dos tempos, ou seja, através delas “é possível perceber uma compreensão diferente de família em nossos dias”

(FERREIRA, 2013, p. 103), que vai desde o modo como se organiza (quantidade de pessoas que a compõe, gostos, etc.) até questões econômicas e culturais.

As tabelas abaixo, por sua vez, se assemelham por apresentarem histórias de famílias homoparentais que se aproximam muito da realidade vivida por muitas pessoas na atualidade (desafios, conquistas, barreiras, etc.).

Tabela 10: Dados obra 5

Título	O Livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)
Autor (a)	Manuela Bacelar
Ano	2008
Tema	História da Infância de Maria que possuía dois pais.
Personagens	Maria (que estava à espera de um bebê), sua filha, seu marido, Pedro e Paulo (pais da Maria)
Problema	A forma como os costumes são passados de geração para geração.
Desfecho	A bela infância de Maria será passada a todos os membros de sua família, mostrando que ela havia orgulho de sua história

Tabela 11: Dados obra 6

Título	Meus dois pais
Autor (a)	Walcyr Carrasco
Ano	2010
Tema	Família Homoparental
Personagens	Naldo, mãe e o pai de Naldo, vovó de Naldo, Celso, Paulo e Fê (amigos de Naldo)
Problema	Separação dos pais, o pai homossexual vivendo com outro homem, preconceito
Desfecho	Compreensão por parte de Naldo de que o mais importante era ter uma família que o amava e não a orientação sexual do pai.

Tabela 12: Dados obra 7

Título	Olívia tem dois papais
Autor (a)	Márcia Leite
Ano	2010
Tema	Família Homoparental
Personagens	Olívia, Raul e Luís, gata Nina
Problema	Provocação de um colega de Olívia com relação à Olívia não ter mãe
Desfecho	Olívia mostra que não tinha importância ela não ter uma mãe, pois tinha dois pais só pra ela

Tabela 13: Dados obra 8

Título	Eu tenho duas mães
Autor (a)	Márcio Martelli
Ano	2010
Tema	Família Homoparental
Personagens	Um menino e suas duas mães
Problema	Em um primeiro momento o menino não compreendia o porquê de algumas crianças serem tão desprezadas e ele possuir um enorme amor de mãe
Desfecho	Conforme foi crescendo tudo foi sendo esclarecido, afinal, segundo o menino, existe uma explicação para tudo, inclusive para o porquê de ele ter duas mães

Tabela 14: Dados obra 9

Título	King & King & Family
Autor (a)	Linda De Haan & Stern Nijland
Ano	2004
Tema	Família homoparental e Adoção
Personagens	Lee, Bertie, Daisy, gato Coroa
Problema	O casal de reis desejava ter um bebê assim como os animais da floresta possuíam

Desfecho	Ao retornar da lua de mel tiveram uma surpresa escondida dentro da mala, era uma menina. Então adotaram a criança e deram a ela o nome de princesa Daisy
-----------------	--

Além disso, as tabelas 10 e 11 trazem a tona questões como preconceito e discriminação que geram todos os dias variados tipos de desigualdade relacionados às famílias homoparentais em nossa sociedade, principalmente no ambiente escolar, no qual as crianças são excluídas pelos demais colegas e pela comunidade escolar por possuírem pais ou mães homossexuais.

Já as histórias apresentadas nas tabelas 9, 11, 12 e 13 possuem como afinidade a questão da adoção no contexto das famílias homoparentais, assim como as demais obras analisadas com exceção de *Meus dois pais*, na qual o personagem Naldo é fruto de uma relação heterossexual, porém, diante da separação, seu pai assume um relacionamento homoafetivo.

Convém ressaltar que a tabela abaixo se diferencia das demais por possuir como assunto central a homossexualidade entre animais, tema ainda muito pouco explorado pela literatura infantil. Porém, se interpretá-la pelo lado das configurações familiares, a mesma poderia ser ligada a obra *O livro da família* que também retrata diferentes famílias de animais.

Tabela 15: Dados obra 10

Título	And Tango makes three
Autor (a)	Justin Richardson e Peter Parnell
Ano	2005
Tema	Homossexualidade entre animais
Personagens	Mr. Gramzay, Tango, Roy e Silo
Problema	Dificuldade de terem um filhote por se tratarem de um casal de pinguins machos
Desfecho	Conseguiram ter um bebê com a ajuda do tratador do zoológico que entregou a eles um ovo que necessitava de cuidados

De modo geral, os problemas apresentados nas dez (10) histórias possuem como foco situações envolvendo a pluralidade familiar, porém algumas delas enfatizam também

impasses sociais, culturais, econômicos e raciais, mesmo que de modo superficial (o que não quer dizer que não necessite ser aprofundado, discutido e exposto para as crianças). As soluções para esses impasses por sua vez acabam por enfatizar que apesar de todas as diferenças nas configurações familiares, o mais importante são os sentimentos, o respeito e o bem-estar entre elas.

Com relação aos personagens das histórias elas representam e dão vida a milhares de crianças, homens e mulheres que vivem histórias como essas. Esse é o diferencial da literatura contemporânea exposto por Coelho (2000), ou seja, a substituição de príncipes, heróis e princesas por personagens reais, pessoas comuns, deixam as histórias realistas. Além disso, a forma como os personagens são explorados nas obras possibilita que seus apreciadores se identifiquem com as histórias, além de estimular que os mesmos reflitam sobre as situações vivenciadas nesse contexto e as experiências por elas vividas no mundo real.

Desse modo, com base nas tabelas de análise expostas anteriormente podemos chegar à conclusão de que além de todas as obras representarem diferentes configurações familiares, elas também mostram as diversas realidades de nossa sociedade.

Tais representações acabam proporcionando a desconstrução de preconceitos e estereótipos construídos socialmente. Saliento isso, pois acredito que, ao dar visibilidade as diversidades de configurações familiares, cria-se uma ruptura ao “politicamente correto” e ao “modelo ideal de família” imposto pela nossa cultura, estimulando o respeito às mesmas.

Nesse sentido, nas palavras de Coelho (2000) podemos dizer que as histórias apresentadas nesses livros são artes, pois assim como mostram a realidade também proporcionam em seus leitores sentimentos. Afetos capazes de reconstruir conceitos pré-estabelecidos, amenizar desigualdades raciais, de gênero, econômicas e culturais e transformar tudo que é tratado com diferença em algo natural.

Frente a isso, na próxima seção, passo a analisar o que as histórias nos apresentam, ou seja, como são representadas as diferentes configurações familiares, a questão da adoção, um tema recorrente nas histórias, as relações de afeto entre as famílias e as crianças e entre os casais, também como o preconceito e a discriminação vivenciada pelos personagens.

3.4 AFINAL, O QUE AS HISTÓRIAS NOS APRESENTAM?

Analisar como são representadas as famílias homoparentais em livros de literatura infantil é buscar através dos textos e imagens elementos importantes a serem destacados e, a partir dos mesmos, refletir criticamente.

Nesse sentido, Pires (2009, p. 87) traz uma importante consideração sobre a forma como as imagens são significativas em nosso cotidiano ao afirmar que “vivemos imersos em um mundo imagético, sendo sugestionados, provocados, instigados constantemente por elas”. Com isso, podemos dizer que elas abrem um leque de discussões muito maior que um texto escrito no sentido de que a sua releitura varia de acordo com os olhares a ela direcionados.

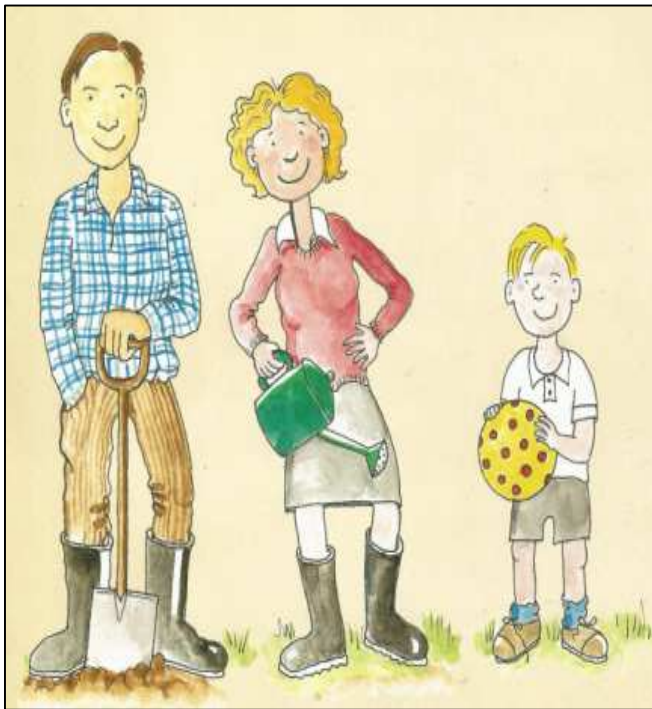
Quando ressalto isso me refiro a Educação Infantil, na qual os textos escritos não criam tanta repercussão quanto às imagens durante as reflexões, pois se mostrarmos uma mesma imagem a uma turma de dez (10) crianças é provável que as releituras sejam diferentes, pois cada uma visualiza e observa pontos distintos na mesma ilustração.

Desse modo, pode-se dizer que “a análise vai abrindo caminhos imprevisíveis, pois são as respostas dadas pela matéria interrogada que vão decidindo” (COELHO, 2000, p. 61). O que quero frisar com isso é que o modo como visualizo as representações familiares nessa pesquisa com base nos textos e imagens das histórias, pode não ter a mesma representação aos olhos de outros pesquisadores, justamente porque elas possibilitam uma variedade de interpretações, tudo depende de como cada um as analisa.

Pensando em uma melhor organização dessa seção, separo-a em cinco partes: 1) Diferentes configurações familiares; 2) Adoção; 3) Relações de afeto entre as famílias e as crianças; 4) Relações de afeto entre os casais; 5) Preconceito e Discriminação. Tal estrutura possibilita uma melhor visualização do meu foco de análise (textos e imagens) e suas representações.

3.4.1 DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

Ao observarmos as representações familiares na literatura infantil atual, percebe-se que “não é possível mais conceber um único modelo familiar” (FERREIRA, 2013, p. 104), pois assim como já abordado anteriormente as novas histórias estão trazendo, em seus enredos, também outras configurações familiares, buscando mostrar que existem outras realidades e outros modos de ser família.

Figura 21: Família tradicional¹⁸

Fonte: HOFFMAN; ASQUITH (2011).

A ilustração acima presente na história *O grande e maravilhoso livros das Famílias* representa o ideário de configuração familiar julgado por muitos como modelo a ser seguido. Porém, nas obras analisadas as mesmas aparecem como uma entre as várias formas de ser família, sem objetivar o estabelecimento de padrões e normas sociais.

Convém ressaltar que, todas as obras que compõe o corpus de análise dessa pesquisa buscam evidenciar as diferentes configurações familiares presentes em nossa sociedade, e isso é um ponto positivo das mesmas no sentido de que, ao apresentar tais realidades para as crianças, contribui-se “na compreensão de um mundo múltiplo, diverso, plural” (FURLANI, 2011, p. 118). Frente a isso, acredito que a ilustração abaixo representa o que é compreender o mundo em sua pluralidade.

¹⁸ Ilustração presente na história: *O grande e maravilhoso livro das Famílias*.

Figura 22: Ilustração presente na história Bem-Vindo à Família



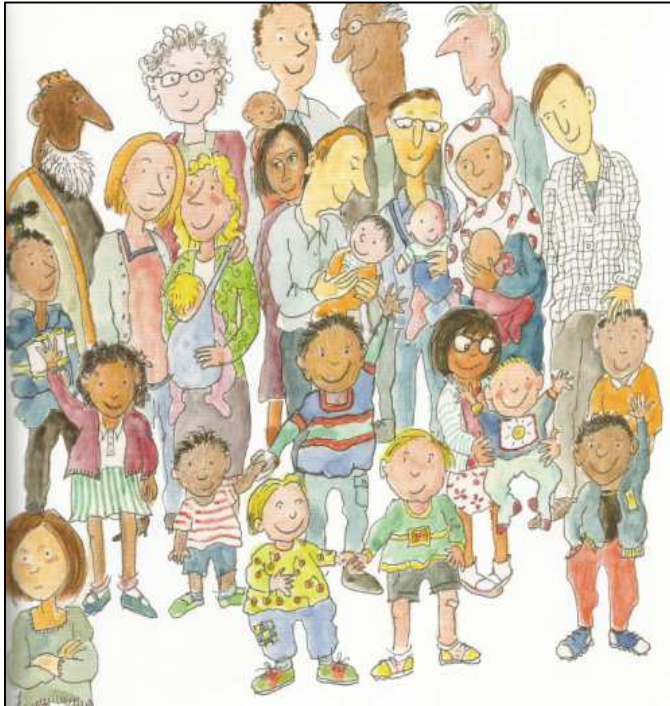
Fonte: HOFFMAN; ASQUITH (2014).

Continuando essa linha de análise que envolve as diferentes configurações familiares, cabe destacar um trecho da história *É tudo Família* no qual se compara a família a uma colcha de retalhos.

Famílias como a de Davi lembram uma colcha de retalhos – feita de pedaços de tecidos diferentes -, pois uma família atual é composta de pessoas que vieram da sua família original e de outras famílias (2013, p.9).

Realmente, colcha de retalhos é uma boa definição de família nos dias atuais, pois assim como Davi (personagem do enredo) a grande maioria das pessoas possui uma configuração familiar mutável, ou seja, que se modifica de acordo com seus interesses e desejos conforme representação a seguir.

Figura 23: Ilustração presente na história Bem - Vindo à Família (p. 22)



Fonte: HOFFMAN; ASQUITH (2014).

Outra questão importante a ser destacada nessas análises é com relação a “importante presença das gerações mais velhas nas constituições familiares” (MURCE FILHO, 2013, p. 52) das histórias¹⁹.

Figura 24: Ilustração presente na história É tudo Família



Fonte: MAXEINER (2013).

¹⁹É tudo Família, O grande e maravilhoso livro das Famílias, O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8).

Figura 25: Ilustração presente na história O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)



Fonte: BACELAR (2008).

Figura 26: Ilustração presente na história O grande e maravilhoso livro das Famílias



Fonte: HOFFMAN; ASQUITH (2011).

Essa presença é positiva no sentido de que é importante para a criança saber, conhecer e ter orgulho de suas origens, além de que os avós também oferecem proteção, amor e segurança a elas. Convém destacar ainda, que existem muitos casos que a criança mora com os avós, e nem por isso deixam de ser família.

Nesse sentido, podemos dizer que as representações das diferentes configurações familiares dessas histórias são realistas, pois reproduzem as vivências de muitas pessoas através de seus personagens (COELHO, 2000). É nesse sentido que saliento novamente a importância de mostrar livros, contar histórias e refletir sobre as mesmas com as crianças desde a Educação Infantil, elas precisam conhecer a diversidade que a cerca.

A seguir, destaco o tema da adoção, assunto recorrente nas histórias analisadas.

3.4.2 ADOÇÃO

Sabemos que no contexto atual pensar em família requer ir além do núcleo familiar tradicional devido à diversidade de configurações familiares existentes. Diante disso, surge também a necessidade de desconstruir pensamentos ultrapassados e dar significado aos novos. O que quero dizer é que, frente aos modelos familiares atuais, é preciso que a sociedade pare de condenar a homossexualidade e aprenda a respeitar as pessoas em suas particularidades.

Respeitar as diferentes configurações familiares é deixar de acreditar que para ser filho é preciso ter laços sanguíneos com uma mãe e um pai ou ainda ser fruto de uma relação matrimonial e amorosa. De acordo com Zambrano (2006), existem quatro formas de a criança ter uma família: ligações biológicas, vínculos genealógicos, filiação (através de reconhecimento jurídico) e a parentalidade. Para tanto, trago para análise nessa parte a questão da adoção, tema repetitivo nas histórias.

É importante ressaltar que do mesmo modo como as histórias trazem personagens muito próximos à realidade de seus leitores, com as problemáticas das obras não é diferente. Quero frisar com isso que, assim como o casal de reis de *King & King & Family* e o casal de pinguins de *And Tango makes three* desejavam ter um bebê, existem muitos casais homoafetivos que sonham com isso, com o direito de constituírem uma família, de amar e cuidar de suas crianças.

A solução para esses impasses, em muitos casos, é a adoção exposta na maioria das histórias analisadas, porém não é a única forma desses casais realizarem a vontade de serem pais ou mães, pois existem também outras formas já citadas no decorrer dessa pesquisa.

Figura 27: Ilustração do livro *And Tango makes three* (p. 13)



Fonte: RICHARDSON; PARNELL (2005).

Nesse sentido, ao verificar a ilustração a qual mostra Silo e Roy observando os outros pinguins do zoológico com seus filhotes, podemos perceber que os dois estão com aparência triste e realmente estão, pois eles também tinham o desejo de formar uma família. Silo e Roy representam nessa imagem o desejo de muitos casais homoafetivos que gostariam de ter seus próprios filhos e construir uma família como muitos outros casais. Silva (2011) caracterizaria essa representação como uma maneira de dar visibilidade as situações corriqueiras de decepções, preconceitos, desejos, anseios e dores que casais do mesmo sexo enfrentam.

Já a figura dos reis Lee e Bertie da história *King & King & Family* contraria a imagem anterior no sentido de que o casal não demonstra tristeza, apenas enfatizam em uma de suas conversas sobre o desejo de possuir um bebê assim como os animais da floresta (vistos no passeio de lua de mel do casal), “Está sendo uma viagem maravilhosa”, disse o rei Lee. “Eu mal posso esperar para contar a todos sobre tudo que nós vimos”. “Todos os animais com os seus filhotes”, o rei Bertie suspirou. “Eu gostaria que nós tivéssemos nosso próprio bebê.” (tradução minha²⁰).

Relacionar essas duas lindas histórias com vida real cria uma nova possibilidade de análise das mesmas no sentido de que é raro encontrarmos homossexualidade no reino animal, com isso, as chances de um casal de animais conseguirem constituir uma família são praticamente nulas, a menos que histórias como a de Silo e Roy se repitam. Tal análise não se encaixa, por exemplo, para casais como Bertie e Lee, que dia após dia, mesmo diante de

²⁰‘It’s been a wonderful trip’, king Lee Said. ‘I can’ twait to tell everyone about everything we’ve seen.’ ‘I wish had a little one o four own.

tantas barreiras sociais enfrentadas conquistam o direito a terem seus filhos, seja através de adoção ou outros métodos existentes.

Figura 28: Ilustração do livro *King & King & Family* (p. 24)



Fonte: HAAN; NIJLAND (2004).

Convém frisar também que o procedimento necessário para se concretizar uma adoção é bem burocrático, principalmente quando se trata de casais homoafetivos. Conforme Zambrano (2006, p. 132), “a adoção legal por homossexuais é buscada, na grande maioria das vezes, individualmente. Existe o temor da recusa se o pedido for feito pelo casal, quando ficaria explicitada a homossexualidade”.

Frente a isso, destaco a imagem abaixo, presente na história *King & King & Family* a qual mostra o que os reis Bertie e Lee precisaram fazer para tornar oficial a adoção da princesa Daisy “Precisou de um monte de documentos e carimbos”²¹ (tradução minha).

²¹This took lots of documents and stamps.

Figura 29: Ilustração do livro King & King & Family (p. 30)



Fonte: HAAN; NIJLAND (2004).

Outros enredos que trazem a questão da adoção de forma bem evidente são *Olívia tem dois papais*, *Eu tenho duas mães*, *O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8)*, *O livro da Família*, *Bem-Vindo à Família*, *O grande e maravilhoso livro das Famílias* e *É tudo família*.

Figura 30: Ilustração do livro *Olívia tem dois papais* (p. 17)



Fonte: LEITE (2010).

Como o objetivo desse trabalho é analisar como são representadas as famílias homoparentais em livros de literatura infantil, duas dessas ilustrações mostram além de uma configuração familiar moderna, a realidade de famílias compostas por pessoas negras e brancas.

Através da história *Olívia tem dois papais*, é perceptível o fato de Olívia ser uma criança adotada, o motivo de tal conclusão se deve por a menina ser negra e Raul e Luís (seus pais) serem brancos. Já com relação à obra *Eu tenho duas mães* é possível chegarmos à mesma conclusão devido a uma das mães ser negra.

Figura 31: Ilustração do livro *Eu tenho duas mães* (p. 4)



Fonte: MARTELLI (2010).

Nesse sentido, as duas imagens representam também uma configuração familiar que se “difere de boa parte das famílias porque se trata de uma constituição inter-racial” (MURCE FILHO, 2013, p. 51), ou seja, os laços familiares ocorrem entre pessoas de diferentes raças. Laços esses que não prejudicam o desenvolvimento de uma criança desde que exista cuidado, amor, proteção, carinho e respeito entre os membros, além de que isso não é um fator impeditivo de formação familiar.

Outra obra que traz uma representação de adoção envolvendo diferentes espécies é *O livro da Família*. A imagem abaixo mostra uma família de patos que adotaram um filhote de outra espécie, não podemos comparar essa representação com a apresentada acima, porém, existem casos reais de animais que adotam filhotes de outras espécies, amamentam e cuidam.

Frente a isso, podemos dizer que, assim como as pessoas, os animais também possuem o instinto do cuidado e da proteção com os filhotes.

Figura 32: Ilustração do livro O livro da Família



Fonte: PARR (2003).

Quanto aos trechos destacados abaixo podemos dizer que os mesmos caracterizam, de forma simples e clara, a realidade de muitas famílias homoparentais em vários lugares do mundo. Porém, convém fazer um ressaltado com relação ao trecho 2 que diz que o Brasil está entre os países onde casais homoafetivos podem formar uma família através da adoção ou acolhida de crianças. Não que isso não seja verídico, o que quero enfatizar é que se esses casais podem construir uma família, por que esta não pode ser reconhecida perante a sociedade como uma entidade familiar?

<p>Trecho 1 – <i>O livro da Família</i></p> <p>“Algumas famílias têm duas mães ou dois pais” (PARR, 2003, p. 18).</p>	<p>Trecho 2 – <i>Bem - Vindo à Família</i></p> <p>Em muitos países, entre eles o Brasil, duas mães ou dois pais podem constituir uma família adotando ou acolhendo crianças (HOFFMAN; ASQUITH, 2014, p. 9).</p>
---	---

<p>Trecho 3 - <i>É tudo Família!</i></p> <p>“As famílias nas quais os filhos vivem com dois pais ou com duas mães são chamadas de famílias arco-íris” (MAXEINER, 2013, p. 10).</p>	<p>Trecho 4 - <i>O grande e maravilhoso livro das Famílias</i></p> <p>“Algumas crianças têm duas mães ou dois pais” (HOFFMAN; ASQUITH, 2011, p. 5).</p>
--	---

A resposta é bem objetiva, muitas pessoas optaram por não acompanhar as mudanças sociais no decorrer dos tempos, preferem ficar presas a ideologias e padrões mesquinhos, como se as famílias homoparentais oferecessem algum perigo ao núcleo familiar tradicional.

Zambrano (2006, p. 129) traz importante consideração sobre isso ao dizer que “recusar chamar de ‘família’ esses arranjos, negar a existência de um vínculo intrafamiliar entre seus membros [...] e impedir que tenham um estatuto legal, significa ‘fixar’ a família dentro de um formato único”. Diante disso, é imprescindível que haja esse reconhecimento para que as novas configurações familiares se sintam respeitadas como parte integrante de nossa sociedade.

Após apresentar e analisar algumas imagens e trechos das histórias acima apresentadas envolvendo a questão da adoção, na próxima parte, destaco as relações de afeto entre as famílias e as crianças.

3.4.3 RELAÇÕES DE AFETO ENTRE AS FAMÍLIAS E AS CRIANÇAS

Com relação às representações de afeto entre as famílias (homoparentais e heterossexuais) e as crianças presentes nas histórias, podemos dizer que todas ressaltam a importância de se oferecer à criança uma relação familiar significativa, que respeite seus direitos e contribua em seu desenvolvimento.

A imagem abaixo representa, nesse sentido, a troca de afeto entre os membros de uma família homoparental, permitindo que a criança faça parte do grupo familiar. Nesse sentido, é questionável o motivo de algumas pessoas ainda acreditarem que as famílias homoparentais são uma ameaça (ZAMBRANO, 2006), principalmente porque elas criam a oportunidade de muitas crianças conquistarem um lar, de se sentirem amadas e protegidas.

Figura 33: Ilustração do livro Bem – vindo à Família! (p. 10)



Fonte: HOFFMAN; ASQUITH (2014).

No trecho abaixo extraído da história “And Tango makes three” é possível observar também a presença marcante do cuidado, do amor e da proteção de Roy e Silo com seu bebê Tango. É perceptível ainda a questão de que dois pais conseguem sim criar uma criança e oferecer a ela todo o suporte necessário para seu desenvolvimento.

Agora Roy e Silo eram pais. “Vamos chamá-la Tango”, decidiu Mr. Gramzay, “porque é preciso dois para fazer um Tango”. Roy e Silo ensinaram Tango como cantar para eles quando ela estiver com fome. Eles a alimentaram com a comida de seus bicos. Eles a aconchegaram no seu ninho de noite. Tango era o primeiro pinguim no zoológico a ter dois pais. (tradução minha)²². (p. 29-30)

De acordo com Zambrano (2006, p. 135), “se pensarmos em termos de ‘função parental’, podemos dizer que a função ‘materna’ ou ‘paterna’ poderá ser desempenhada por

²²Out came their very own baby! She had fuzzy white feathers and a funny black beak. Now Roy and Silo were fathers. “We’ll call her Tango,” Mr. Gramzay decided, “because it takes two to make a Tango.” Roy and Silo taught Tango How to sing for them when she was hungry. They fed her food from their beaks. They snuggled her in their nest at night. Tango was the very first penguin in the zoo to have two daddies. (p. 29-30)

qualquer dos parceiros, mesmo quando exercida de forma mais marcante por um ou outro dos membros do casal”. Nesse sentido, pode-se dizer que o ideário tradicional de que uma criança precisa dos cuidados femininos para sobreviver perde seu sentido, pois é possível encontrarmos muitos homens cuidadosos e amorosos, capazes de suprir a ausência feminina na vida das crianças e vice-versa.

Figura 34: Ilustração do livro O livro do Pedro (Maria dos 7 aos 8) (p. 18)



Fonte: BACELAR (2008).

Ainda sobre esse mito de que homens (pais) não sabem cuidar de suas filhas, acredito que as duas imagens em destaque (Maria e seus dois pais e Olívia e seu papai Raul) servem como pontos de reflexão. Quem disse que homens não sabem brincar de boneca? “Papai Raul estava acostumado a brincar de boneca com a filha. Sabia tudo o que devia fazer e todas as coisas que devia falar” (LEITE, 2010, p. 19).

Figura 35: Ilustração do livro *Olívia tem dois papais* (p. 16-17)



Fonte: LEITE (2010).

Assim como Olívia, Maria também possui dois pais atenciosos e preocupados com seu bem estar, permitindo que a menina desfrutasse de sua infância da melhor forma possível, se divertindo ao lado de sua família e dos amigos, conforme representação a baixo.

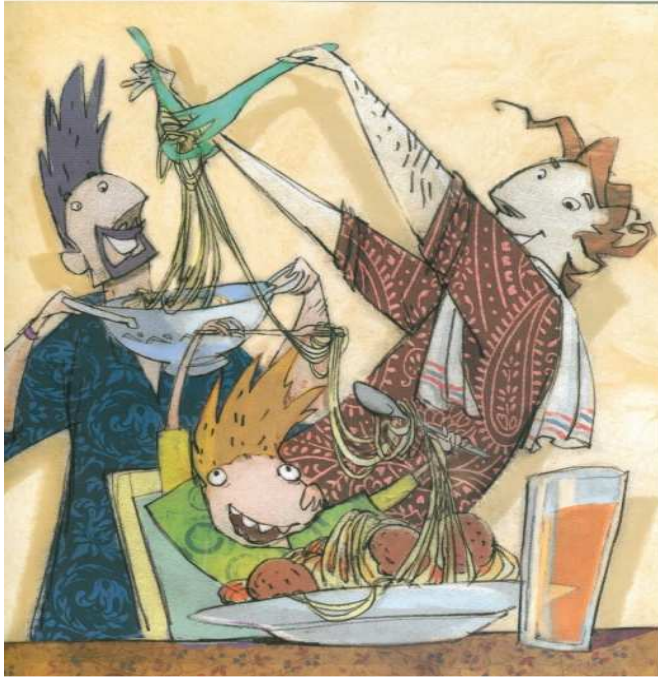
Figura 36: Ilustração do livro *O livro do Pedro* (Maria dos 7 aos 8) (p. 24)



Fonte: BACELAR (2008).

Ainda com relação às trocas de afeto entre as crianças e as famílias homoparentais, convém destacar as imagens abaixo, as quais demonstram alguns momentos do preparo e de refeições entre as crianças (menino, Maria e Naldo) e seus pais e mães.

Figura 37: Ilustração do momento da refeição presente na história²³



Fonte: CARRASCO (2010).

São imagens comuns nos dias atuais que, independente da configuração familiar, os casais necessitam dividir as tarefas familiares como cuidar dos filhos, da casa, levar as crianças para a escola entre outras atividades. Porém, convém frisar que, durante muito tempo isso era visto como uma tarefa designada apenas às mulheres e as famílias tinham como configuração familiar o modelo tradicional.

Frente a isso, é importante destacar a recorrência de “tarefas cotidianas como alimentar, levar para passear, ensinar tarefas simples e cuidar” (FERREIRA, 2013, p. 106) por parte dos pais e mães das histórias analisadas, ou seja, não há divisão de afazeres quanto às “tarefas de homens” ou “tarefas de mulheres”, ambos exercem as funções em prol do bem-estar das crianças.

²³ Ilustração da obra: *Meus dois pais*.

Figura 38: Ilustração do momento da refeição presente na história²⁴



Fonte: MARTELLI (2010).

Nesse sentido, “se desde muito pequenos, aprendemos a interpretar imagens e somos subjetivados por elas” (PIRES, 2009, p. 87), podemos dizer que, ao oferecer às crianças a possibilidade de refletir sobre imagens como essas, é uma maneira de colaborarmos para a desmistificação das questões de gênero tão presentes em nossa sociedade.

Na próxima parte, apresento as relações de afeto entre os casais presentes nas histórias analisadas.

3.4.4 RELAÇÕES DE AFETO ENTRE OS CASAIS

Em relação às demonstrações de afeto entre casais homoparentais presente nas histórias analisadas, convém ressaltar que em apenas três delas são perceptíveis representações imagéticas e textuais: *And Tango makes three*, *King & King & Family* e *Meus dois pais*.

Particularmente acredito que a literatura contemporânea não se preocupa mais tanto em demonstrar esses tipos de relações como ocorriam nos contos de fadas, onde princesas e príncipes se apaixonavam, casavam, tinham filhos e viviam felizes para sempre.

Um dos possíveis motivos dessas mudanças pode ser associado ao fato de ser cada dia menor o número de uniões matrimoniais para a formação de uma identidade familiar, ou seja,

²⁴ Ilustração da obra: *Eu tenho duas mães*.

atualmente, o que une duas pessoas (heterossexuais ou homossexuais) são os sentimentos e afetos (FERREIRA, 2013).

Diante do exposto, a história *King & King & Family* é a única entre as dez (10) obras analisadas que retrata a questão do casamento entre casais homoparentais, conforme destacado no trecho abaixo.

Depois do seu casamento real, rei e rei fizeram uma viagem de lua de mel para uma terra longe de seu reino²⁵.

Já com relação às imagens representando as relações de afeto entre os personagens das histórias, é possível destacar a imagem de Celso e o pai de Naldo, encontrada nas últimas páginas da obra, sem uma ligação com a história em si.

Figura 39: Ilustração de momento de afeto entre os pais de Naldo²⁶



Fonte: CARRASCO (2010).

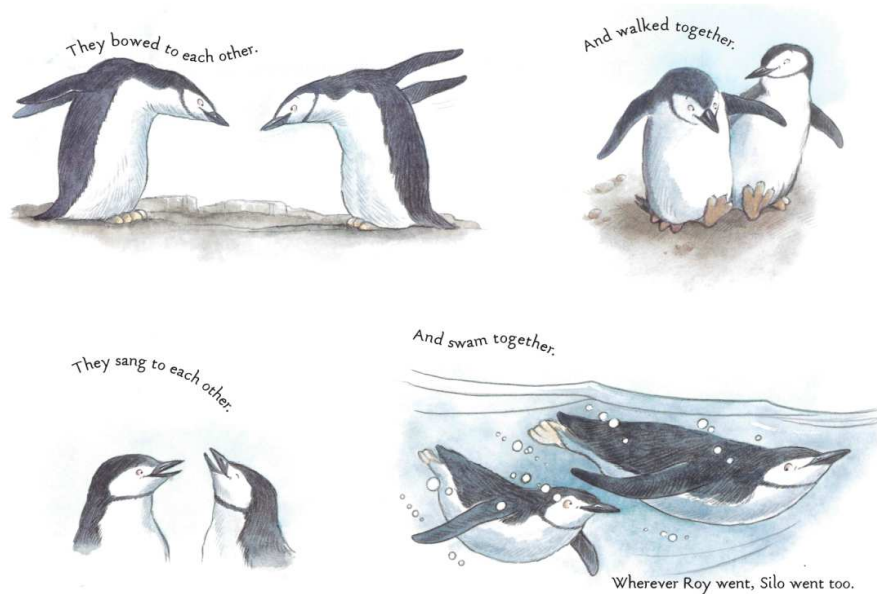
Porém, mesmo que esta imagem não esteja dentro do enredo, ela possibilita interpretações e reflexões variadas no sentido de que os casais homoafetivos têm o direito, assim como qualquer outro casal, de expressarem seus sentimentos e isso sem dúvidas reflete na relação dos mesmos com as crianças.

²⁵ After their royal wedding, King and King took a honeymoon trip to a land far from their kingdom.

²⁶ Ilustração da obra: *Meus dois pais*.

O que quero enfatizar com isso é que os casais precisam ter uma relação afetiva equilibrada para que as crianças se sintam protegidas, amparadas e amadas, pois de nada adianta um casal seguir as normas e padrões impostos socialmente e oferecer um lar impróprio (brigas, desrespeito, indiferença) aos seus filhos.

Figura 40: Ilustração dos momentos de afeto entre Roy e Silo²⁷



Fonte: RICHARDSON; PARNELL (2005).

Por sua vez, a imagem acima que mostra Roy e Silo e a relação afetiva existente entre ambos, representa a realidade de muitos casais, no sentido do cuidado, do respeito, do amor e do carinho que um possui com o outro. Analisando por um viés particular, acredito que em um relacionamento saudável deve existir essa troca de afeto.

No caso do enredo, foi a forma como eles se relacionavam que despertou o olhar do tratador do zoológico, e sem a ajuda dele talvez eles não tivessem conseguido construir uma família. A meu ver, a representação visualizada nessa imagem vai além da demonstração de afeto entre os pinguins, ou seja, é de certa forma um pedido de ajuda para que eles pudessem realizar o desejo de ter uma família assim como os demais animais do zoológico.

Frente ao exposto, relaciono o fato à realidade de muitos casais homoafetivos diante da conquista do direito de ter um ou mais filhos. A gratidão e a alegria que Roy e Silo tiveram ao ver Tango sair do ovo sem sombra de dúvidas é a mesma que os casais sentem ao finalizar um processo de adoção ao qual tanto desejavam.

²⁷ Ilustração da obra: *And Tango makes three*.

Portanto, de acordo com Vidal (2008, p. 55) é possível afirmar que as obras literárias aqui analisadas possuem como objetivo “nos ensinar sobre o mundo, nos mostrando como ele funciona, nos possibilitando – através dos estratagemas da focalização – ver as coisas de outros pontos de vista e entender as motivações dos outros que, em geral, são opacas para nós”.

Para finalizar, na última parte dessas análises evidencio as representações de preconceitos e discriminações expostas nas obras literárias.

3.4.5 PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES

Sabemos que no Brasil, a literatura infantil com enredos envolvendo problemas sociais é algo bem recente, para tanto, refletir sobre a forma de representação de assuntos como preconceito e discriminação nos livros de literatura para crianças é algo muito importante.

Nesse sentido, analiso nesse momento as representações de preconceito e discriminação encontradas em trechos e imagens em duas das histórias que fazem parte do corpus de análise dessa pesquisa de conclusão de curso. O fato de apenas duas obras retratarem situações envolvendo tais assuntos acaba por afirmar os problemas sociais como algo novo na literatura infantil.

Frente a isso, apresento a seguir um trecho da obra *Meus dois pais*.

Convidei o Paulo e o Fê pra fazer um trabalho de grupo. Meus amigos gostavam de ir na minha casa porque o Celso sempre deixava um lanche legal. E não havia mãe de ninguém para pegar no pé. Nem acreditei quando eles recusaram o convite.

- A minha mãe me proibiu de ir no seu apartamento – disse o Fê.

Fiquei chateado. Quis saber o motivo.

- É por causa do seu pai.

O Fê se afastou sem querer falar muito. Fui atrás.

- O que meu pai tem de errado?

Os dois ficaram sem jeito, até que o Fê disparou:

- Seu pai é gay, Naldo! (p. 21)

O que dizer da atitude preconceituosa dessas mães? Tentar compreender esse pensamento ainda presente em nossa sociedade nos remete a uma só resposta, a

homossexualidade ainda é vista por muitos como algo contagioso, que se você ficar perto pode se contaminar. Privar a criança da verdade não é a maneira correta de se evitar preconceitos, por isso, destaco mais uma vez a necessidade de se trabalhar com obras literárias com essa temática desde a educação infantil.

Situações como essa retirada da história ocorrem diariamente no cotidiano de muitas crianças devido a fato de que “as homossexualidades não estão presentes nas escolas como um tema a ser discutido, desconstruído, relacionado com o conteúdo, permanecendo com um sentido de ‘anormalidade’, antinatural, o que reforça o lugar das heterossexualidades como algo normal e natural” (FERRARI, 2012, p. 112).

Nesse caso, o texto descrito representa a realidade de muitas famílias homoparentais e as reações dos adultos perante a homossexualidade. Digo isso, pois em momento algum Paulo e Fê demonstram preconceito à família de Naldo, somente estavam se afastando porque suas mães estavam proibindo esse contato.

Convém destacar ainda com relação a essa mesma obra que ao mesmo tempo em que o autor lança como temática o problema do preconceito, ele também provoca uma solução para o mesmo.

A imagem abaixo apresenta a festa de aniversário do menino Naldo, que é protagonista da história, e a reconciliação entre ele e seus dois pais como desfecho para a resolução do problema apresentado.

Figura 41: Ilustração do livro Meus dois pais (p. 35)



Fonte: CARRASCO (2010).

De acordo com Silveira e Kaercher (2013), as cores fortes presentes nas imagens do enredo são uns dos elementos que evidenciam uma realidade silenciada. Porém, acredito que isso ocorre até um determinado momento da história, pois na presente ilustração o colorido busca realçar ainda mais esse momento lindo, no qual Naldo compreende que o mais importante era ter pessoas que o amavam e o que ele sentia. Assim sendo, essa imagem representa um momento de conquista por parte do casal homoafetivo, pois o preconceito foi vencido pelo amor, pelo cuidado e pelo respeito.

Sobre isso, ressalto novamente a importância de se trabalhar as novas configurações familiares com crianças desde a Educação Infantil, pois acredito que se Naldo já tivesse certo conhecimento sobre as diferentes possibilidades de se formar uma família ele teria compreendido a sua situação familiar com maior tranquilidade, com outra visão que não a do preconceito e da rejeição.

Por sua vez, a história *Olívia tem dois papais*, também traz vestígios de preconceito e discriminação em seu enredo, porém não com tanta intensidade como a obra analisada anteriormente.

O trecho abaixo representa uma forma de desconstrução do “discurso, construído histórica e culturalmente” (ZAMBRANO, 2006, p. 144) de que pais homoafetivos influenciam na sexualidade dos filhos.

Enquanto papai Raul trabalhava, Olívia transformou seu quarto em um castelo. Colocou a roupa de princesa e fingiu que a cadeira, coberta por uma toalha e coroada por uma almofada amarela, era seu príncipe encantado. (p. 25)

Como pode ser observado no mesmo, as brincadeiras de Olívia demonstram o conto de fadas vivido por muitas meninas, o desejo de encontrar um príncipe encantado e casar-se com ele. Através de trechos como esse é possível realizar reflexões valiosíssimas com as crianças, estimulando as mesmas a construírem sua própria concepção sobre situações que envolvam as diferentes maneiras de ser família.

Outro fator presente na história que destrói essa concepção precipitada com relação às famílias homoparentais é o fato de Olívia questionar seu pai Luís quanto ao fato de meninas que possuem mãe se as mesmas podem usar maquiagem, perfumes e sapatos de salto alto, deixando seu pai surpreso.

Além disso, ao mesmo tempo em que ela o indaga também faz a seguinte afirmação: “As filhas acham indispensável brincar com essas coisas, papai!” (p. 39). Nesse contexto, friso a importância do diálogo entre pais e filhos para que ambos possam responder seus anseios, suas dúvidas e tornar a relação familiar sadia e verdadeira, de modo a eliminar qualquer forma de desentendimentos, principalmente porque as famílias homoparentais ainda são alvo de muitas maldades.

Com base nas ponderações realizadas nessas análises, defendo a relevância de se trabalhar as novas configurações familiares com o auxílio da literatura infantil, tendo em vista que ela é “fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (COELHO, 2000, p. 27). É importante frisar ainda que, para o trabalho pedagógico ser significativo, a criança deve ser vista através de suas potencialidades e não como um ser indefeso que necessita ser afastado e protegido da realidade.

Nesse sentido, concluo que a forma como as famílias homoparentais estão sendo representadas nos livros de literatura infantil são bem interessantes e abrangentes no sentido de que os mesmos trazem elementos e situações que aproximam as crianças das diferentes realidades familiares existentes em nosso contexto social. Além disso, os textos e imagens são bem convidativos para que as crianças reflitam sobre o assunto, sobre suas identidades e atitudes.

Pensando nisso, no próximo capítulo apresentarei proposições de trabalho com livros de literatura infantil com temáticas de gênero e das novas configurações familiares. Essas premissas não são receitas prontas, mas servem como inspirações para o desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas e significativas.

4 PROPOSIÇÕES DE TRABALHO: TRAÇANDO CAMINHOS PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA

As histórias também têm a função, como enfatizam os teóricos, de nos ensinar sobre o mundo, nos mostrando como ele funciona, nos possibilitando – através dos estratégias da focalização – ver as coisas de outros pontos de vista e entender as motivações dos outros que, em geral, são opacas para nós. (VIDAL, 2008, p. 55)

Ver a criança na Educação Infantil como um ser capaz é acreditar que possa fazer a diferença, é buscar formas de estimular suas potencialidades, é contribuir para que se torne um sujeito crítico e que aprenda a lidar com as diversidades. Desse modo, julgo a epígrafe destacada um importante apontamento de Vidal (2008), no sentido de que a literatura infantil cria diferentes possibilidades de a criança entender a realidade e de aprender sobre o mundo.

No decorrer desta pesquisa com base nos referenciais teóricos estudados e abordados, além das análises realizadas, pretendi frisar a importância de se trabalhar desde a Educação Infantil a temática das novas configurações familiares através da literatura infantil, principalmente porque ela nos possibilita ver as diversidades existentes em nossa sociedade bem como respeitá-las de acordo com os interesses dos envolvidos.

Nesse sentido, cabem as escolas e seus educadores a tarefa relevante de “procurar perturbar, sacudir” (FURLANI, 2011, p. 40) as ideologias de gênero existentes, os modos de pensar e se posicionar diante do “diferente”, até porque as pessoas são livres para viver a vida a seu próprio modo independente das normas e padrões que a sociedade julga como ideais.

Com isso, é possível afirmar que a literatura infantil é uma forte aliada do processo de ensino e aprendizagem para a construção de conhecimentos e formação de conceitos entre educadores e educandos de forma crítica, reflexiva, criativa e prazerosa. Tais momentos provocam as crianças no sentido do respeito às diferenças também como o conhecimento das realidades existentes livres de rótulos que a sociedade impõe aos indivíduos, conforme afirma (BORTOLINI, et al, 2014, p. 60), “a literatura ajuda a compreender e representar o mundo e é também um importante instrumento para pensar e questionar esse mesmo mundo”.

Nessa perspectiva ressalto através dessa pesquisa algumas proposições simples e pertinentes, as quais mostram possibilidades de trabalho com crianças na Educação Infantil sobre gênero e as novas configurações familiares. Assim sendo, na primeira parte intitulada *Iniciando o diálogo: Conceito de gênero e as possibilidades de atuação do pedagogo, apresento* como o educador, através da seleção e articulação do conteúdo, pode promover com as crianças a desmistificação da ideologia de gênero e o respeito às diferenças. Na

segunda e última parte *Refletindo sobre as diferentes configurações familiares através das histórias*, enfatizo o uso da literatura infantil como forma de aproximação da criança com outras realidades familiares.

4.1 INICIANDO O DIÁLOGO: CONCEITO DE GÊNERO E AS POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO

Tendo em vista que a literatura é de extrema relevância para a formação das crianças desde seus primeiros anos de vida, é dever do(a) pedagogo(a) usá-la de acordo com o Art. 5º, Inciso II das Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, o qual o orienta “compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social” (BRASIL, 2005, p. 20).

Nesse sentido, pode-se ressaltar que trabalhar relações de gênero com crianças na Educação Infantil é uma forma de contribuir na construção de suas identidades, pois é através das informações recebidas e da reflexão sobre as mesmas que os(as) pequenos(as) se constituem, descobrem o mundo e se relacionam com os outros indivíduos.

Porém, sabemos que iniciar um diálogo sobre gênero com crianças não é uma tarefa fácil, pelo menos não para a grande maioria dos educadores, principalmente porque a sociedade busca impor às pessoas uma vida baseada em normas e padrões julgados coerentes por ela. Conforme apontamento de Furlani (2011, p. 87), “quando se trata de dar início a uma prática docente de planejamento e de implementação de atividades no campo da educação sexual, muitos/as educadores/as ‘não sabem por onde começar’”.

Além disso, o início de um trabalho pedagógico sobre esse assunto na Educação Infantil é desafiador no sentido de que a criança é muito curiosa com relação ao seu corpo, com o corpo do(a) colega, com a descoberta da sua sexualidade que o(a) educador(a) se sente despreparado(a) para responder a tantas indagações.

No entanto, convém frisar que a curiosidade das crianças não é e não pode ser encarado como algo negativo, muito pelo contrário, ela deve ser vista com naturalidade, pois isso faz parte do desenvolvimento dos(as) pequenos(as). Desse modo, a curiosidade pode servir como possibilidade para se iniciar um trabalho pedagógico, no qual o(a) pedagogo(a) satisfaz as dúvidas momentâneas e constrói reflexões sobre as mesmas.

Frente a isso, é importante ressaltar que antes de qualquer prática pedagógica o educador precisa preparar-se, ou seja, necessita buscar conhecimentos teóricos esclarecedores

através de cursos de formação continuada, análises de pesquisas já realizadas, troca de informações e experiências com outros educadores, investigação do cotidiano das crianças (necessidades e manifestações de cada uma delas), etc. Essas são apenas algumas entre tantas outras formas de buscar auxílio e conhecimento para desenvolver práticas pedagógicas significativas para as crianças.

Desse modo, convém ressaltar que não existe idade certa para se trabalhar as relações de gênero com as crianças. Uma boa proposta pedagógica para a Educação Infantil pode surgir da realidade da criança, de inquietações e situações ocorridas em sala de aula, de propostas já realizadas com outras crianças e que deu certo (caso necessário é importante que a proposta seja readaptada de acordo com a realidade da turma) ou ainda do interesse do professor, também chamada de parte cheia do planejamento de acordo com Junqueira Filho (2005).

É importante esclarecer o motivo de iniciar as proposições trabalhando com gênero, sendo que a temática da minha pesquisa é as novas configurações familiares na literatura infantil. Julgo imprescindível antes de qualquer outra reflexão desmistificar alguns conceitos presentes em nossa sociedade de modo a aniquilar toda e qualquer forma de discriminação e preconceito para com o próximo que foge aos padrões impostos culturalmente e a literatura vem a ser uma forte aliada nessa luta contra as desigualdades sociais.

Quando falo em conceitos refiro-me aos papéis designados ao homem e a mulher na sociedade como exemplos, cor de menino é azul e cor de menina é rosa, função da mulher (cuidar do lar e dos filhos) e a do homem (chefe da família) na sociedade, menino não pode brincar de boneca, meninas não devem jogar futebol e sentar de perna aberta, família para ser de verdade precisa ser a convencional, entre outros tantos equívocos que perpassam de geração para geração.

Com isso, cabe ressaltar, de acordo com Furlani (2015, p. 2), que “os Estudos de Gênero são propostas teóricas e reflexões que [...] defendem o respeito as diferenças, à diversidade e entendem que a sociedade é plural” e é isso que as pessoas precisam compreender. Inserir a temática de gênero no currículo escolar não é incentivar as crianças a serem homossexuais ou uma forma de destruição da família como muitos ainda acreditam, mas é um método de torná-los sujeitos críticos, reflexivos, livres de conceitos impregnados de preconceito.

Nesse sentido, uma das propostas básicas da iniciação do trabalho sobre gênero na Educação Infantil em uma sala de aula pode ser promovida através da rotina diária, na qual meninos e meninas dividam os afazeres, ou seja, ambos são responsáveis por organizar a sala,

os materiais utilizados nas situações de aprendizagem, também como pela limpeza do espaço. Quando falo em limpeza e organização dos espaços e materiais, pretendo salientar que é uma forma de criar uma nova visão da criança no sentido de que não seja somente função da menina ou da mulher, mas sim de ambos. Mas como refletir sobre isso a partir da literatura?

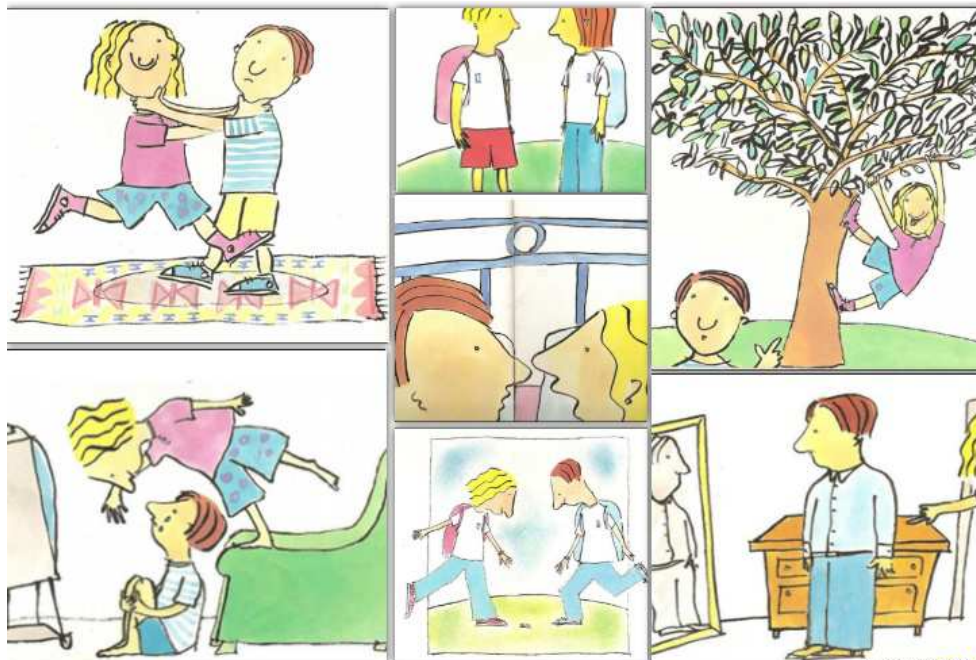
Um debate ou discussão pode ser iniciado com as crianças dispostas em roda e o uso de uma grande caixa com objetos (brinquedos, roupas, acessórios, etc.) utilizados por meninos e meninas e o livro *Faca sem ponta, galinha sem pé* da escritora brasileira, Ruth Rocha. É fundamental que as crianças sejam provocadas a refletir sobre qual é o entendimento delas por masculino e feminino, quais as diferenças entre meninos e meninas e o que cada um pode ou não fazer.

Primeiramente o(a) educador(a) pode solicitar que as crianças selecionem, separem as roupas, acessórios e brinquedos de acordo com o que meninos e meninas usam. Na sequência, ainda com as crianças em roda é realizada a contação da história.

A obra *Faca sem ponta, galinha sem pé* (ROCHA, 1999) conta a história de Joana e Pedro, dois irmãos que tinham problemas como quaisquer outros e viviam com seus pais Setúbal e Brites. Esses problemas ocorriam sempre que Pedro ou Joana queriam fazer algo que não fossem “coisas de menina ou de menino” como, por exemplo, sempre que Pedro ia jogar futebol, Joana também queria, mas Pedro não aceitava, pois mulher não joga futebol e o que seus amigos iriam pensar disso? Sempre que Joana tinha um comportamento que não fosse de menina e Pedro que não fosse de menino, os pais ficavam furiosos, pois meninas são boazinhas e meninos não choram.

Certo dia aconteceu uma coisa muito esquisita com eles, havia chovido e estavam voltando da escola quando avistaram um belo arco-íris e resolveram passar por de baixo dele. A tia Edith dizia que quem passasse por baixo do arco-íris, antes do meio-dia mulher vira homem e vice-versa, mas eles não acreditavam, até que passaram e começaram a se sentir muito esquisitos, Pedro havia se tornado “Pedra” e Joana “Joano”. Sem saber direito o que estava acontecendo “Joano” e “Pedra”, começaram a refletir sobre a situação e só tinha um jeito de tudo voltar ao normal passar por de baixo do arco-íris novamente. Porém, passaram-se alguns dias e nada de chover, até que um belo dia amanheceu chovendo e eles esperaram até encontrar o arco-íris, mas nada aconteceu. Então pararam para pensar como deveriam fazer para desfazer tudo e cada um voltar a ser o que era. A solução encontrada foi fazer o processo contrário do que haviam feito antes e não é que deu certo! Somente após essas trocas é que eles compreenderam os motivos das brigas.

Figura 42: Imagens do livro *Faca sem ponta, galinha sem pé* da autora Ruth Rocha²⁸



Fonte: ROCHA (1999).

Convém frisar que, muitas vezes, durante a contação de histórias é comum que as crianças façam comentários e reflexões, é importante que seja dada a devida atenção a essas colocações e em seguida pode-se dar continuidade a história.

A história por si só já é provocativa, com isso, é conveniente que se estimule as crianças a expor o que sentiram com a história, se elas costumam brigar durante as brincadeiras que meninos e meninas fazem ou se brincam juntos, etc. Entre meio essa conversa o(a) educador(a) tem a possibilidade de relacionar as respostas das crianças com a separação das roupas, brinquedos e objetos realizada anteriormente, como exemplo: Por que o óculos de sol está junto com as “coisas de meninas”? Meninos também usam óculos de sol. O que vocês acham?

Como forma de avaliação e verificação da proposta quanto ao entendimento das crianças sobre o assunto, pode-se solicitar que as mesmas realizem uma nova classificação e assim, o(a) professor(a) pode observar as crianças individualmente, os diálogos criados por elas entre outras questões relevantes como a permanência da separação da bola para os meninos e da boneca para as meninas.

²⁸ Ilustração presente na obra: ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta galinha sem pé**. São Paulo: Ática, 1999.

Figura 43: Capa do livro *Faca sem ponta, galinha sem pé* da autora Ruth Rocha²⁹



Fonte: ROCHA (1999).

Convém ressaltar a importância de se trabalhar essa história com as crianças, devido ao fato de que, a partir da contação, elas podem ser estimuladas a pensar com relação ao que são “coisas de meninos” e “coisas de meninas” como forma de propiciar a descoberta e desconstrução de diferenças e semelhanças entre ambos.

Outra questão simples, porém importante, presente na rotina da educação infantil são os brinquedos e as brincadeiras. Saliento isso, pois através deles o(a) educador(a) pode contribuir para a desconstrução de comportamentos padronizados e preconceituosos, pois, de acordo com Finco (2004, p. 84), “é necessário construir alternativas educativas mais plurais, que possibilitem as múltiplas formas de ser menino e de ser menina”.

Nesse sentido, para que as crianças possam construir uma nova visão do que é brinquedo e brincadeira de menino e de menina sugiro que seja levado para a sala de aula para exploração e reflexão o livro *Menino brinca de boneca?*, do escritor Marcos Ribeiro, um boneco de pano nu (para que as crianças possam caracterizá-lo) e uma caixa com diferentes acessórios (roupas de várias cores, bonés, mamadeiras, fraldas, etc.). Com essa proposta o(a) educador(a) pode observar como cada criança está reagindo a esses diálogos e reflexões.

²⁹ Capa da obra: ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta galinha sem pé**. São Paulo: Ática, 1999.

A proposta pode ter início com as crianças em roda e a caixa com diferentes acessórios, exposta em meio ao grupo. Seria interessante estimular a curiosidade das crianças quanto ao que elas acham que irá acontecer. O(a) educador(a) passará as coordenadas da brincadeira que consiste em desvendar o que há dentro do pacote de presente no qual o boneco estará embrulhado (o boneco passará de mão em mão até alguém descobrir o que é).

Em seguida, é conveniente orientar as crianças quanto à próxima etapa da brincadeira, a qual consiste em caracterizar o boneco com os acessórios disponibilizados na caixa, além de darem um nome ao(a) mesmo(a), que também pode ser uma boneca. Ficará a critério da turma a escolha. O(a) educador(a) terá a função de mediador(a) da proposta, de modo a observar as crianças nesse processo.

É possível propor que esse(a) boneco(a) visite a casa de cada uma delas e no outro dia ocorra o relato da experiência aos demais colegas. Além disso, pode-se solicitar que a família que desejar escreva um recado, ou uma história contando o que achou da visita do(a) boneco(a) em suas casas. É uma proposta de aprendizagem que trás para a criança diversas contribuições: questão do cuidado com o próximo, que meninos podem, sim, brincar de boneca e demonstrar sentimentos, desenvolvimento da imaginação, do respeito às diferenças, entre outras.

Encerrada essa primeira parte da premissa, seria interessante iniciar a hora do conto sobre a obra literária *Menino brinca de boneca?* de modo a instigar as crianças a pensarem se realmente existe uma divisão de brincadeira ou brinquedo entre meninos e meninas, se menino pode ou não ser sensível e se meninas podem ou não ser mais valentes, principalmente porque a obra trata de preconceitos machistas da nossa cultura (papéis masculinos e femininos) que iniciam desde a infância.

A história *Menino brinca de boneca?* começa ressaltando que, desde a infância, os adultos costumam frisar que meninos e meninas são diferentes. Que meninos são fortes e superiores como o papai e meninas boazinhas e choronas igual à mamãe. Mas quando não se encaixam nesse padrão: meninos são chamados de mulherzinha e meninas são comparadas aos meninos. Porém, podemos encontrar essas diferenças de uma pessoa para outra, o que não quer dizer que todas as meninas possuem o mesmo jeito e que todos os meninos são iguais, afinal cada um é diferente do outro.

Figura 44: Capa do livro Menino brinca de boneca? do escritor Marcos Ribeiro³⁰



Fonte: RIBEIRO (2001).

Convém frisar que essa premissa provoca não só as crianças, mas também os pais e a escola a compreenderem que não existe um brinquedo adequado para meninos ou para meninas, o que é conveniente e imprescindível é que se ofereça aos(as) pequenos(as) uma infância de descobertas e verdades. Os adultos precisam compreender que “o fato de um menino brincar com uma boneca e de uma menina brincar com carrinho não significam que eles terão uma orientação homossexual” (FINCO, 2004, p. 121).

A partir dessa mesma obra também é possível favorecer nos momentos de interação das crianças nos cantos dos brinquedos em sala de aula, onde meninos e meninas se sintam a vontade para brincar, sem limitação de escolhas e separação de brinquedos. Afinal, por que meninos não podem brincar no canto da beleza e da cozinha como as meninas se eles também cortam cabelo, precisam usar creme, cuidar das unhas, comer? A resposta para essa indagação é que “o que escapa às prescrições para cada gênero deve ser encarado como um problema a ser resolvido” (BELLO, 2013, p. 51).

Nessa perspectiva, para um trabalho pedagógico ser significativo precisa que a família esteja presente no cotidiano escolar da criança. Elaborar propostas que estimulem essa participação é também uma maneira de quebrar com os estereótipos existentes em nossa sociedade.

³⁰Capa da obra: RIBEIRO, Marcos. Menino brinca de boneca? Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

Nesse sentido, o(a) professor(a) pode convidar alguns pais para um piquenique ou uma roda de conversa com contação de histórias, juntamente com as crianças para que possam contar suas histórias de infância (o que gostavam de fazer quando eram crianças, de que brincavam, se meninos e meninas podiam brincar juntos, o que aprendiam na escola, etc.), sendo que as crianças poderão ser estimuladas a questionarem, expressarem suas opiniões e relatarem suas vivências.

Desse modo, conhecer, refletir e debater sobre as relações de gênero criadas pelos discursos sociais é uma maneira eficaz de “romper com as dicotomias presentes num pensamento polarizado, em que crianças são levadas a conceber o mundo sob esquemas binários” (ARGÜELLO, 2005, p. 107).

Sobre isso, julgo imprescindível enfatizar que a infância é o melhor momento para se desmistificar esses discursos sociais impregnados de moralismo e preconceito, pois as crianças, por estarem em processo de desenvolvimento, ainda não os visualizam como normas a serem seguidas. É relevante mostrar a elas que não existe apenas uma forma de ser homem ou de ser mulher, assim como não existe uma única configuração familiar e que nosso dever é respeitar essas diferenças que a cada dia rompem com novas barreiras e tabus existentes em nossa sociedade.

Outra sugestão de planejamento é utilizar dois livros de história: *Cinderela*, um clássico da literatura infantil de autoria dos Irmãos Grimm e o *Príncipe Cinderelo*, escrito por Babette Cole.

A obra *Príncipe Cinderelo* conta a história de um príncipe que nem parecia príncipe por ser sardento, baixo, magro e molambento. Ele possui três irmãos enormes e peludos que viviam zombando do seu jeito. Seus dias se resumem em esfregar, limpar e cuidar dos três. Seu maior sonho era ser enorme e peludo, mas uma bela noite uma fada desceu pela chaminé e prometeu realizar todos os sonhos do príncipe. Transformou uma lata em um carro pequeno demais para ele, seus trapos que eram para se tornarem roupas lindas, transformaram-se em roupas de banho. E ao invés de torná-lo enorme e peludo, que era o maior sonho, transformou o príncipe em um macaco peludo, porém tudo seria desfeito à meia – noite. O príncipe todo alegre logo partiu para a discoteca e somente quando chegou lá percebeu que era enorme demais para entrar no local, resolveu então voltar para casa. Foi aí que sua vida mudou, encontrou a bela princesa chamada Belarrica que ficou apavorada com o enorme macaco peludo, mas para sua sorte o encantamento se desfez. A princesa achou que ele havia espantado o macaco para salvá-la. A timidez fez com que o príncipe fugisse, saiu correndo e perdeu as calças. A princesa então anunciou que estava à procura do dono da calça, todos os

príncipes das redondezas tentaram fazer a prova, mas a calça somente serviu no príncipe Cinderelo que casou com a princesa e viveu feliz para sempre e com muito luxo. Quanto aos seus irmãos, a fada os transformou em fadas domésticas do palácio a pedido da princesa.

O intuito é contar as duas obras literárias e refletir com as crianças as semelhanças e diferenças entre ambas, também como a inversão de papéis com relação aos afazeres domésticos. Podem ser criadas listas de coisas que as crianças da turma fazem (meninos X meninas) para serem analisadas posteriormente. A partir dessa lista, o(a) educador(a) tem a possibilidade de questionar as crianças sobre os itens que compõe os afazeres dos meninos e das meninas, se tem algo que ambos podem fazer.

Além disso, é possível promover discussões acerca dos personagens, os sentimentos e as representações de imagens. Com relação aos sentimentos pode-se frisar que assim como as meninas tem sonhos, os meninos também podem sonhar, além de que elas podem tomar atitudes, o que as tornam independentes, etc.

Figura 45: Capas dos livros Cinderela de autoria dos Irmãos Grimm e o Príncipe Cinderelo escrito por Babette Cole³¹



Fonte: Google Imagens

³¹ Disponíveis em: <https://www.google.com/imghp?hl=pt-BR&gws_rd=ssl>. Acesso em: 23 set. 2015.

Outra estratégia de trabalho baseada na junção dessas duas obras é, após contar as histórias, solicitar que a turma se divida em dois grupos para a reprodução das histórias. Um grupo dramatizará a história da Cinderela e o outro a do Príncipe Cinderelo.

É conveniente que o(a) educador(a) deixe a escolha dos personagens que cada um quer representar a critério das crianças, sem definição de papéis (menina deverá ser princesa ou Cinderela e menino o Cinderelo ou príncipe). Além disso, seria interessante disponibilizar fantasias ou acessórios para que as crianças se caracterizem de acordo com seus personagens. Após a dramatização é importante que se reflita com as crianças sobre os personagens que cada um representou, se gostariam de dar outro final à história, o porquê desse outro final, se gostariam de ter feito outro personagem, qual seria e o motivo, etc.

Outra possibilidade de trabalho, porém utilizando somente a obra *Príncipe Cinderelo*, é fazer com que as próprias crianças contem a história com base nas imagens. Na internet existe uma versão da obra sem texto, o(a) professor(a) pode fazer a impressão em papel colorido e montar o livro.

A turma pode ser dividida em grupos e cada um receberá uma cópia da obra sem texto. Eles deverão se organizar para fazer uma hora do conto aos colegas, a divisão dos personagens que cada um irá representar, o espaço e a organização do mesmo. Essa proposta possibilita que o(a) educador(a) observe as crianças, a forma como elas estão agindo diante da proposta. Além disso, a partir dessa proposição, pode-se auxiliar a criança a desenvolver a linguagem, a perder o medo de expressar seu ponto de vista, a refletir, respeitar e aceitar ou discordar da opinião do colega.

Enfim, essas são apenas algumas entre tantas proposições de trabalho sobre gênero que podem ser realizadas com crianças na Educação Infantil com o auxílio da literatura infantil. Porém, é preciso que se tenha muito cuidado para não tornar essas histórias um didatismo, ou seja, que as mesmas sejam usadas apenas como pretexto para a realização de atividades.

Particularmente, concordo com Finco (2004, p. 18) quando pontua que “a formação do conceito de gênero nesse período certamente afetará as atitudes e comportamentos futuros”, pois muitas vezes a falta de compreensão sobre determinados assuntos ou ainda conceitos rotulados provocam situações de desconforto, violência e desrespeito entre as pessoas.

Portanto, após apresentar, refletir e debater sobre gênero com as crianças, acredito que o próximo passo do trabalho pedagógico seria mostrar as crianças que existem várias formas de ser família, assim como de ser menino ou menina. Respeitar essas diferenças é aliar-se aos

demais em prol de uma sociedade mais igualitária e justa, também como é uma forma de desmistificar estereótipos que provocam “mal estar” entre as pessoas.

4.2 REFLETINDO SOBRE AS DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS

Quando destaquei a importância de serem abordadas as questões de gênero na Educação Infantil com o auxílio da literatura infantil, busquei mostrar algumas possibilidades de trabalho que podem estar engajadas no planejamento do(a) educador(a) visando a problematização e desmistificação de algumas concepções sobre masculinidades e feminilidades.

No entanto, cabe ressaltar que refletir apenas sobre gênero com as crianças não é o suficiente para satisfazer as curiosidades, responder todas as indagações e fazer com que ela se sinta parte integrante do processo de ensino e aprendizagem. Saliento isso, pois é de extrema relevância que a criança conheça as diversas realidades existentes na sociedade e seja estimulada a pensar sobre as mesmas.

Nessa perspectiva, as novas configurações familiares na Educação Infantil, tema dessa pesquisa, é outra possibilidade de trabalho, principalmente porque dia após dia o número de crianças oriundas de famílias homoafetivas vem crescendo, e problematizar sobre a mesma é contribuir na quebra de mais um tabu social.

Pensar em um trabalho sobre as novas configurações familiares é buscar possibilidades que contribuam significativamente no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, pode-se dizer que a literatura infantil é uma importante ferramenta pedagógica, pois permite que a realidade seja apresentada a criança com maior leveza, de modo a despertar o interesse e a reflexão. Tal colocação pode ser confirmada com Ferreira (2013, p. 94) a qual pontua que as obras literárias “além de problematizar questões emergentes [...] podem proporcionar diferentes possibilidades de reflexões e de interpretações”.

Porém, é preciso, por parte dos(as) educadores(as), manter certos cuidados e olhares críticos na hora da escolha e da utilização dessas histórias, para que as mesmas não estimulem e propaguem “modelos hegemônicos” (ARGÜELLO, 2005, p. 82) que visam o controle da sociedade. Nesse sentido, é conveniente buscar obras que incentive a reflexão com relação ao “politicamente correto” ao mesmo tempo em que mostre novas maneiras de se pensar sobre as diferentes realidades.

Para tanto, apresento algumas possibilidades de trabalho a partir da literatura infantil como forma de organização e desenvolvimento de propostas pedagógicas com crianças voltadas às novas configurações familiares. Nessas proposições, usarei algumas das obras literárias analisados nesta pesquisa e que podem ser consideradas como ótimas sugestões para trabalho com as crianças na Educação Infantil.

Convém enfatizar que para iniciar e dar continuidade a um trabalho pedagógico que envolva a abordagem das novas configurações familiares ou qualquer outra temática considerada tabu pela sociedade, é importante que haja diálogo “marcado pelo conhecimento mútuo” (BORTOLINI, et al, 2014, p. 59) entre escola, pais, crianças e educadores(as).

Quando falo em diálogo, não estou me referindo a palestras para discutir tais temáticas, mas sim no sentido de que ambos possam trocar informações e participar ativamente na construção do conhecimento. Ou seja, a escola e os(as) professores(as) devem estar abertos e comprometerem-se em respeitar e trabalhar a diversidade dentro desse espaço. Aos pais cabe a participação incondicional na vida das crianças, formando um elo entre práticas pedagógicas e família de modo a estimular uma aprendizagem sadia, significativa e igualitária.

Uma boa estratégia é criar um projeto que leve até as famílias livros de literatura infantil que retratem diferentes formas de ser família, por exemplo: *O Livro da Família* de Todd Parr, *É tudo família* de Alexandra Maxeiner, *O grande e maravilhoso livro das Famílias* de Mary Hoffman e Ros Asquith e *O livro Bem – Vindo à Família* de Mary Hoffman e Ros Asquith.

As obras literárias acima trazem elementos importantes para se refletir sobre a forma como as famílias podem se organizar e viver, mostrando que não existe um único modelo de configuração familiar, mas que precisa ser pensada em sua diversidade.

Nessa perspectiva de levar a literatura infantil até as famílias, pode-se criar uma espécie de Sacola Viajante ou Sacola da Leitura. Dentro dessa Sacola o(a) educador(a) pode dispor de uma ou mais obras das citadas acima e um caderno com um questionário, uma parte da história impressa e uma folha em branco (para ser respondido pelas famílias que a mesma passar).

Figura 46: Sugestão de parte da história a ser usada para o desenvolvimento dessa proposição³²



Fonte: MAXEINER (2013).

O questionário consiste em perguntas que abrangem um pouco da história da família da criança, por exemplo: quem são os membros da família? O que gostam de fazer quando estão juntos? entre outras. Nada de perguntas descontextualizadas e com segundas intenções. .

Com relação à parte da história impressa: deve estar veiculada ao questionário, visando a reflexão sobre: o que é ser uma família? Atualmente existe um padrão familiar? Se fossem escrever a história da família como ela seria? Como é a sua família? Pode-se questionar ainda se algum dos retratos da história se assemelha com sua família, o porquê dessa identificação, etc. Quanto à folha em branco, fica como espaço para que possam fazer um retrato da família ou até mesmo escrever a sua história.

O intuito é que elas possam se conhecer, reconhecer gostos em comum e perceber as diferentes configurações existentes, de modo a respeitar essa diversidade. Afinal, o mais importante para a criança é a forma como ela é protegida, cuidada e amada e não se a família é composta por duas mães, dois pais ou um pai e uma mãe, entre outros.

Diariamente, ao retorno da Sacola para a escola, sugere-se fazer uma roda de conversa na qual a criança (membro da família que recebeu a visita da Sacola) pode compartilhar a sua

³² Imagens referentes à obra: *É tudo família* de Alexandra Maxeiner.

experiência com relação a proposta, o que a família conversou, como a história foi contada, o que ela mais gostou, etc.

Outra boa estratégia é criar espaços de socialização em sala de aula, nos quais as crianças possam expor sua história, contar sobre sua família. Para isso, pode ser solicitado aos pais ou responsáveis que enviem para a escola fotos da família. Além disso, o(a) professor(a) pode escolher algumas histórias que falem de diferentes configurações familiares como: *Eu tenho duas mães* de Márcio Martelli, *And Tango makes three* de Justin Richardson e Peter Parnell e ainda *Meus dois pais* de Walcyr Carrasco.

Convém explicar que o motivo da escola desses livros para a realização da proposta se deve ao fato de que os mesmos mostram diferentes realidades familiares, inclusive para os animais, ou seja, assim como existem famílias compostas por pai, mãe e filhos, há outras que são formadas por dois pais ou duas mães e seu filhos(as).

Com relação à obra *And Tango makes three*, o intuito é mostrar que não é diferente com os animais, inclusive, pode-se enfatizar que essa é uma história real e que existem casos de animais que adotam outros como filhotes. Por exemplo, pode-se mostrar o vídeo³³ exibido pela RBS em fevereiro deste ano (2015) na qual mostra uma cadela chama Belinha que adotou cinco filhotes de gatos que foram abandonados em frente a cada de seu dono em Uruguaiana – RS.

Esses espaços de socialização podem ser iniciados após a contação das histórias, pois as crianças já terão outra visão do que é ser família, que vai além da sua realidade. Com relação às fotos, é interessante que se faça comparações entre as imagens presentes nos livros e as das famílias de cada uma, cutucando as crianças a fazerem considerações, expressarem o que pensam, se algumas se identificam ou não com as obras.

Ainda com relação às fotos, existe a possibilidade de fazer um mural das famílias na sala de aula ou em outros espaços escolares, convidando as outras turmas também a mostrar suas famílias, a sentirem orgulho da mesma, também como, a respeitarem as diferenças.

Com relação à utilização das fotos no trabalho pedagógico, é importante entender que elas não possuem o papel apenas de mostrar as famílias das crianças, mas sim de criar novas formas de compreendê-las, com outro olhar, outro sentido, buscando elementos que muitas vezes passam despercebidos. Quando falo em elementos não notáveis refiro-me que é possível identificar em alguns relatos das crianças e observações feitas por elas, situações que as incomodam, que as deixam tristes e causam isolamentos.

³³ Reportagem disponível em: < <http://globo tv.globo.com/rbs-rs/jornal-do-almoco/v/cadela-belinha-adota-cinco-filhotes-de-gatos-em-uruguaiana-rs/3941214/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

Com isso, é importante ressaltar que o(a) educador(a) deve estar sempre atento a qualquer sinal (uma fala, um gesto, um olhar, etc.) diferente por parte das crianças, de modo a buscar soluções a esses problemas.

Outra proposição seria fazer momentos de integração entre as famílias, ao invés de apresentações como as do dia dos pais e das mães como muitas escolas insistem em realizar, sem se dar conta de que estão excluindo as crianças que não se encaixam nessa realidade. Como ressaltado anteriormente, as escolas precisam acompanhar as evoluções sociais, não podem ficar presas ao passado, principalmente porque “elas ocupam um espaço significativo na vida das pessoas pelos conhecimentos que propagam, pelas condutas que ensinam, pelos padrões que estipulam, pelas vozes que silenciam, etc.” (GUIZZO; BECK; FELIPE, 2013, p. 24).

Esses momentos de integração podem acontecer através de gincanas nas quais as famílias e as crianças interajam umas com as outras. Pode ser proposto que as famílias se dividam em grupos ou as crianças podem fazer essa divisão usando histórias ou personagens das mesmas. Quanto ao local, não necessariamente precisa ser dentro da escola desde que todos se sintam a vontade para se divertir e curtir as crianças.

Além disso, é possível realizar festas a fantasia na qual família e crianças escolham uma história para representarem e os demais deverão tentar descobrir. A organização do espaço, das comidas e bebidas também pode ser feita pelas crianças, pais, mães e professores(as).

Cabe ressaltar que propostas como essas são fortes aliadas do processo pedagógico, principalmente porque, de acordo com Finco (2005, p. 136), “o espaço da educação infantil pode ser um espaço privilegiado para se viverem as relações nas diferenças, através de experiências que possam valer para a vida toda”. Concordo com a pesquisadora no sentido de que para compreender e refletir sobre a diversidade, requer conhecê-las e esse contato acaba naturalizando o diferente.

A construção de estantes de leitura em vários espaços da escola também é uma proposta interessante, pois os livros com temáticas das novas configurações familiares estarão disponíveis às crianças a todo o momento. O contato com histórias pelo simples prazer de manusear um livro, de observar as figuras, observar as formas e cores não deixa de ser uma aprendizagem, principalmente na Educação Infantil que o objetivo não é alfabetizar as crianças, ensinar a ler e escrever, mas sim despertar o interesse e a paixão pela leitura.

Desse modo, chamo a atenção para a importância de se incluir nos planejamentos da Educação Infantil obras literárias com a temática das novas configurações familiares, devido

às contribuições que trazem às crianças. Esses benefícios vão desde criar o hábito e o gosto pela leitura até a compreensão e respeito às diferentes formas de ser família, que conseqüentemente refletirão nas ações futuras dessas crianças e da sociedade.

5 FINALIZANDO A CONVERSA

Escrever um trabalho de conclusão de curso como este com a complexidade teórica e analítica que a temática exige não foi nada fácil, principalmente por ser um tema bem atual e que vem gerando, todos os dias, uma série de debates e questionamentos. Além disso, quando falo que não foi fácil, me refiro também ao fato de ter que conciliar trabalho, vida pessoal, familiar e acadêmica juntamente com o desenvolvimento desta pesquisa. Mas que graça teria a vida se não existisse obstáculos e dificuldades a serem vencidas?

É pensando nisso que finalizo essa conversa, pois, assim como eu, milhares de pessoas enfrentam grandes ou pequenas dificuldades em busca de seus sonhos, desejos e projetos de vida. Escolhi investir em minha formação e chegar ao final do curso e ver que valeu a pena é gratificante, mas mais satisfatório é saber que, como futura pedagoga, poderei fazer a diferença e contribuir para que tenhamos uma sociedade que respeite as diferenças e o modo de cada um ser e agir.

Frente a isso, ressalto, com base nos estudos teóricos para a realização dessa pesquisa, a importância de se trabalhar as novas configurações familiares com as crianças na Educação Infantil, como exposto no decorrer da mesma. Mudar é necessário, pois assim como as mudanças são corriqueiras em nossa vida, a sociedade como um todo também precisa rever conceitos, repensar atitudes e pensamentos de modo a evitar conflitos e sofrimento entre as pessoas.

Conclui-se, com este trabalho de conclusão de curso, o qual investigou as representações de famílias homoparentais nos livros de literatura para crianças, que criar espaços de conhecimento das diferentes realidades familiares existentes na Educação Infantil é quebrar com a dicotomia de que as pessoas precisam encaixar-se dentro de padrões sociais e culturais para serem respeitadas e reconhecidas.

Desse modo, no decorrer desta investigação a literatura foi vista como uma aliada do processo pedagógico através de seus textos e imagens carregados de significados. Porém, convém frisar que ela, por si só, não fará tanto sentido às crianças se o(a) pedagogo(a) e a escola não as provocarem para reflexão, se não aproximarem as histórias ao cotidiano de seus pequenos apreciadores.

Outro aspecto importante referente aos livros analisados é que os personagens se aproximam muito da realidade e isso faz com que as crianças percebam que cada uma delas é diferente e que isso é normal. Além disso, ao apresentar histórias como essas ao cotidiano da Educação Infantil é uma forma de desmistificar conceitos pré-estabelecidos socialmente e dar

liberdade de as crianças expressarem seus pontos de vista, contarem suas aflições, medos e alegrias.

Nesse sentido, com base nas análises, pesquisas e problematização dos referenciais teóricos, bibliográficos e midiáticos relacionados às famílias homoparentais na literatura infantil, tive a oportunidade de conhecer, abordar e propor diferentes possibilidades de trabalho envolvendo a temática com crianças na Educação Infantil.

Com relação às contribuições acadêmicas, acredito que esta pesquisa apresenta um novo olhar para a “literatura infantil”, um novo entendimento da mesma enquanto artefato da nossa cultura, principalmente por trazerem para a vida das crianças temas tão importantes a serem debatidos e pensados. Isso porque é cada dia mais comum uma sala de aula crianças com formações familiares diferentes, a família tradicional não é mais a única forma de configuração existente.

Considerando que esta é apenas uma pesquisa inicial, outros estudos possíveis acerca das novas configurações familiares nos livros de literatura infantil podem ser realizados, como um estudo de campo para verificar como a escola e os professores estão trabalhando, trazendo para debates tais questões presentes nessas histórias. Nesse sentido, acompanhar os planejamentos escolares, os cursos de formação de professores, o trabalho da coordenação pedagógica e em sala de aula por parte dos(as) pedagogos(as), verificando como isso vem sendo pensado e trabalhado no âmbito escolar, também pode ser visto como um objeto de análise interessante.

Ao unir este estudo aos trabalhos de Facco (2009), Brenman (2012), Bortolini et al (2014) entre outros, pretendo, portanto, contribuir no desenvolvimento do tema na área pedagógica. Principalmente por que é por meio de pesquisas, discussões e aprofundamento do tema que conseguiremos qualificar o trabalho pedagógico da Educação Infantil, etapa importante do desenvolvimento e construção da identidade das crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ABREU, A. **Cada família é de um jeito**. São Paulo: Dcl, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8536802537>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ltc, 1981. Tradução de Dora Flaksman. Disponível em: <[HTTP://minhateca.com.br/wesley_h88/PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-da-familia,5796871.pdf](http://minhateca.com.br/wesley_h88/PHILIPPE-ARIES-Historia-social-da-crianca-e-da-familia,5796871.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2015.

ARGÜELLO, Z. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/6961>>. Acesso em: 22 abr.2015.

BASTOS, R. **Obra de arte e vida: Psicologias sociais, diferentes subjetividades na estética da existência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8576501392>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CP 5, 12 de dezembro de 2005. Brasília, 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 05 jan. 1988. Disponível em: <https://bvc.cgu.gov.br/bitstream/123456789/3363/1/constituicao_da_republica_do.pdf>. Acesso em 30 mar. 2015.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 6583/13**. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Autor: Deputado Anderson Ferreira. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1159761&filename=P L+6583/2013> . Acesso em: 26 fev. 2015.

BELLO, A. “As meninas são tuas princesinhas... Os meninos teus reizinhos... E eu? Eu não sou nada!”. In.: FELIPE, Jane, GUIZZO, Bianca Salazar, BECK, Dinah Quesada. (Org). **Infâncias, gênero e sexualidade- nas tramas da cultura e da educação**. Canoas: Ed. Ulbra, 2013, v. 1, p. 45-61.

BRENMAN, I. **A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil.** Belo Horizonte: Aletria, 2012.

BORTOLINI, A. et al. **Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica.** Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão, 2014, p.143. Disponível em: <http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/GDE_livro_1.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2015.

CARRASCO, W. **Meus Dois Pais.** São Paulo: Ática, 2010.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação.** São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, L. **Literatura infanto-juvenil de temática homoafetiva: impasses entre a abordagem dos PCN e a representação ficcional.** 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <<http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2011/Lúcia Monteiro.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias.** Rio de Janeiro: Graal, 1980. Disponível em: <<http://minhateca.com.br/>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. Disponível em: <[http://minhateca.com.br/HG.Erik/Documentos/MARX/ENGELS*2c+Friedrich+-+A+origem+da+fam*c3*adlia*2c+da+propriedade+privada+e+do+Estado+\(civiliza*c3*a7*c3*a3o+brasileira\),11698444.pdf](http://minhateca.com.br/HG.Erik/Documentos/MARX/ENGELS*2c+Friedrich+-+A+origem+da+fam*c3*adlia*2c+da+propriedade+privada+e+do+Estado+(civiliza*c3*a7*c3*a3o+brasileira),11698444.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2015.

FACCO, L. **Era Uma Vez Um Casal Diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil.** São Paulo: Summus, 2009.

FERRARI, A. **Cultura visual e homossexualidades na constituição de "novas" infâncias e "novos" docentes.** Rev. Bras. Educ.[online]. 2012, vol.17, n.49, pp. 107-120. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n49/a05v17n49.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

FERREIRA, S. “Quando mamãe e papai se apaixonaram”: representações familiares em livros literários contemporâneos. In: Jane Felipe; Bianca Salazar Guizzo; Dinah Quesada

Beck. (Org.). **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da Educação**. 1 ed. Canoas, 2013, v. 1, p. 89-108.

FINCO, D. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher:** relações de gênero nas relações de meninos e meninas na pré-escola. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação da UNICAMP, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000329767>>. Acesso em: 25 set. 2015.

FONSECA, C. A modernidade diante de suas próprias ficções: o caso de adoção internacional. In: DORA, Denise et al (Orgs.). **Direitos Humanos, Ética e Direitos reprodutivos**. Porto Alegre: RML Gráfica, 1998.

FONTENELE, C. **Estatuto da Família:** O Estado pode definir que as pessoas devem amar? Brasil de Fato, 2015. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/31414>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

FURLANI, J. **Educação Sexual na Sala de Aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico – racial numa proposta de respeito às diferenças. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FURLANI, J. **“Ideologia de Gênero”?** Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09pp, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>>. Acesso em 07 set. 2015.

GUIZZO, B.; GOMES, J. **Representações de homoparentalidade na mídia:** configurações familiares contemporâneas. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos, 2013, Florianópolis. Anais do Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos. Florianópolis, 2013. v. 10. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1383924645_ARQUIVO_BiancaSalazarGuizzo.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2015.

GUIZZO, B.; BECK, D.; FELIPE, J. Infâncias, Gênero e Sexualidade: articulações possíveis. In: Jane Felipe; Bianca Salazar Guizzo; Dinah Quesada Beck. (Org.). **Infâncias, Gênero e Sexualidade: nas tramas da cultura e da educação**. 1 ed. Canoas, 2013, v. 1, p. 17-27.

JUNQUEIRA FILHO, G. **Linguagens Geradoras:** seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

LEITE, M. **Olívia Tem Dois Papais**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

MACHADO, M. **Famílias Homoafetivas na Literatura Infantil: realidade e necessidade.** Campina Grande: Editora Realize, 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/generox/trabalhos/Modalidade_1datahora_18_05_2014_10_17_14_idinscrito_107_81350309aa5d3355d05405952bc40ca2.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2015.

MORAES, C. **A Família Homoparental: uma adaptação ou uma contraposição à norma?** Niterói, 2012. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT16%20Estudos%20de%20g+%20A%20Cnero,%20feminismo%20e%20sexualidades/A%20FAM+%20ECLIA%20HOMOPARENTAL%20UMA%20ADAPTA+%20E7+%20E2O%20OU%20UMA%20CONTRAPOSI+%20E7+%20E2O%20+%20C7%20NORMA%D4%C7%F4%20Trabalho%20completo.pdf>>. Acesso em 01 mar. 2015.

MURCE FILHO, N. **Mudanças na estrutura familiar em livros infantis canadenses e brasileiros altamente recomendados** - versão digital. Leitura: Teoria e Prática, v. 61, p. 45-61, 2013. Disponível em: <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/171/110>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

NOGUEIRA, S. **A educação na alegoria da caverna de Platão.** Universidade Católica do Salvador, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/5960067/A_EDUCA%C3%87%C3%83O_NA_ALEGORIA_D_A_CAVERNA_DE_PLAT%C3%83O>. Acesso em: 30 mar. 2015.

OLIVEIRA, N. **Recomeçar: família, filhos e desafios.** São Paulo: Unesp, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-06.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

PALMA, Y. **Mamãe... e mamãe?** Apresentando as famílias homomaternais. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 116f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3296>. Acesso em 20 mar. 2015.

PIRES, S. **"Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...": o amor romântico na literatura infantil.** 2009. 191 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15847>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

SILVA, A. **Uma nova configuração na literatura infantil brasileira: o discurso de e sobre a homoafetividade e a família homoparental.** In: XII Congresso Internacional ABRALIC - Centro, centros: ética e estética, 2011, Curitiba. Anais do XII Congresso Internacional da

Associação Brasileira de Literatura Comparada. Curitiba: e-book, 2011. v. 1. p. 1-10.

Disponível em:

<<http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0696-1.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

SILVA, T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVEIRA, R.; KAERCHER, G. **Dois pais, duas mães**: novas famílias na literatura infantil. Educação e Realidade, v. 38, p. 1191-1206, 2013. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/38164/27755>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SOUSA, A. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas**: a influência do genitor no desenvolvimento familiar. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

VIDAL, F. **Príncipes, princesas, sapos, bruxas e fadas**: os "novos contos de fada" ensinando sobre relações de gênero e sexualidade na contemporaneidade. 2008. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14655>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

ZAMBRANO, E. **Parentalidades "impensáveis"**: Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. Horizontes Antropológicos, v. 26, p. 123-147, 2006. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832006000200006>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

6 MATERIAL DE ANÁLISE

BACELAR, M. **O livro do Pedro** (Maria dos 7 aos 8). Portugal: Edições Afrontamento, 2008.

CARRASCO, W. **Meus Dois Pais**. Ilustrações de Laurent Cardon. São Paulo: Ática, 2010.

HANN, L.; NIJLAND, S. **King & King**. Berkeley: Tricycle Press, 2004.

HOFFMAN, M.; ASQUITH, R. **O Grande e Maravilhoso Livro das Famílias**. Tradução de Isa Mesquita. São Paulo: SM Editora, 2011.

HOFFMAN, M.; ASQUITH, R. **Bem – vindo à Família**. Tradução de Graziela R. S. Costa Pinto. São Paulo: SM Editora, 2014.

LEITE, M. **Olívia Tem Dois Papais**. Ilustrações Taline Schubach. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

MARTELLI, M. **Eu Tenho Duas Mães**. Ilustrações Tiago Ramos. Jundiaí/SP: Editora In House, 2010.

MAXEINER, A. **É tudo Família**. Ilustrações Anke Kuhl. Tradução Hedi Gnadinger. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

PARR, T. **O livro da família**. Tradução Kiki Pizante Millan. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2003.

RICHARDSON, J.; PARNELL, P. **And Tango makes three**. Ilustrações Henry Cole. New York: Simons & Schuster Books for Young Readers, 2005.